

MISTÉRIO EM BOTU

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

DORIEL VELOSO GOUVEIA

João Pessoa - 2008

Todos os direitos cedidos pelo autor ao Projeto Subindo o Monte.

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais (EDA), da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ, sob o nº 178383

MISTÉRIO
EM
BOTU

DORIEL VELOSO GOUVEIA

João Pessoa
2008

Capa: *Kleber Rocha*

Editoração eletrônica: *Doriel Veloso Gouveia*

..... Gouveia, Doriel Veloso.
Mistério em Botu/Doriel Veloso Gouveia.
- João Pessoa, 2008.
235p.

1. Romance. 2. Espiritualidade.

.....

.....

Impresso no Brasil

DEDICATÓRIA:

A todos aqueles que, diante de uma oportunidade, somente consentiram conquistá-la, porque não seria um sacrifício para si nem para o próximo.

ADVERTÊNCIA:

Qualquer semelhança com pessoas, fatos ou lugares terá sido mera coincidência.

Ao leitor:

Mistério em Botu retrata um poder inusitado. Em diversas passagens, a obra mostra como o personagem Nicolas provou desse poder. Provar, aliás, não é bem o termo certo, pois ele o encarnou, ele o exercitou, em que pese a sua condição de homem sem refinamento cultural - um homem do povo, um homem simples, um pescador. Permitiu-se-lhe o tal poder, do qual, enfim, foi afastado, sem lhe restar, sequer, a lembrança de tê-lo tido...

Já com relação ao personagem Elvego Doso de Riela - um homem esclarecido, culto, inteligente - foi-lhe dada a oportunidade de provar daquele poder maravilhoso. Mas só provar. E, mesmo assim, a pequena demonstração dessa prova o deixou deveras impressionado, porque mergulhado em profundo mistério.

O padre Messias - homem aproveitador, inescrupuloso - queria o poder à fina força. Nunca chegou a ele, diretamente, e o pouco poder que pôde reunir - aquele que, de direito, se achava nas mãos do prefeito - era de uma pequenez espantosa, diante do que foi manifestado por Nicolas. Aliás, o padre ficou com muita inveja, ao saber que Elvego havia provado o poder de Nicolas.

Mistério em Botu penetra o clima contrastante do real e do fantástico. Por um lado, conduz à conclusão de que tudo quanto contribuiu para resultar na prosperidade daquela urbe adveio do trabalho incessante do homem, através das mais diversificadas potencialidades do conhecimento; por outro, permite também concluir que a cidade foi alvo de uma transformação, cuja causa se assenta em insondável mistério.

Pode parecer, à primeira vista, que o romance tenha uma finalidade contestatória da religiosidade do povo. Esta, porém, não é a sua finalidade. Referido aspecto é, efetivamente, muito explorado nele, mas sem o propósito de se lhe conferir um papel principal, pois a ideia central é, verdadeiramente, a da demonstração da existência do poder sempre centralizado em alguém. Nicolas, no caso, é o exemplo dessa centralização, pois lhe fez a personificação de forma absoluta. E isso permitiu a pessoas mais esclarecidas chegarem facilmente à conclusão de que o poder, tal como o que fora utilizado pelo simples pescador, é, por si só, insuficiente para a satisfação espiritual.

O AUTOR

SUMÁRIO

Título I	
O lugar, sua gente, sua vida.....	pág. 11
Título II	
O Mistério.....	pág. 19
Título III	
A Revelação.....	pág. 79
Título IV	
A Perseguição.....	pág. 161
Título V	
A Vitória.....	pág. 201
Epílogo.....	pág. 231

Título I

O lugar,
sua gente,
sua vida

Capítulo I

Botu situava-se numa região realmente bravia, um sertão onde, vez por outra, estava-se às voltas com os problemas decorrentes da estiagem. O lugar apresentava particularidades que eram de chamar a atenção. Um rio, melhor dizendo, um regato, chamado Opá, mantinha cheio o maior lago da região, o Borrado. Nem mesmo nos períodos de seca deixava de correr, nem que fosse com um filete d'água. Esta, a particularidade que mais chamava a atenção dos que chegavam por aquelas bandas. O riacho tinha suas nascentes bem longe, no planalto. Suas águas saíam de baixo de três pedras gigantes, dispostas de modo triangular, e logo, poucos quilômetros adiante, precipitavam-se, em forma de cachoeira, para a planície, proporcionando, destarte, um belíssimo espetáculo. Seguiam, depois da queda, mansamente, num destino de poucas curvas, a maior delas, justamente, a que contornava o encontro entre a planície e o planalto, tão de forma abrupta distintos pela alta parede de quase trinta metros de altura. Além da já mencionada curva, outras duas mereciam registro, pelo fato de a primeira delas, voltada para a esquerda, permitir que o curso do regato se afastasse do local da exata divisão dos planos, adentrando uma faixa de terreno firme, e a outra, voltada para a direita, no limite entre essa parte firme e um pântano, seguindo daí para desembocar no grande lago Borrado. Sem nenhuma dúvida, Borra-Patos, o homem responsável pela fundação da cidade de Botu deve ter escolhido o lugar, em face da posição estratégica que ele apresentava. Percebeu facilmente que se tratava de uma pequena área de terreno firme, de nada mais que cinco quilômetros quadrados, localizada no sopé da grande barreira, precisamente onde esta apresentava uma inclinação de quase trinta graus. Referido espaço ficava delimitado entre a barreira e o

terreno pantanoso, oposto àquela, entrecortado pelo rio Opá. Em toda a extensão final da margem direita do riacho, contava-se com a presença do já mencionado terreno pantanoso e, no final dele, tinha início exatamente o lago bastante grande a que Borra-Patos deu o nome de Borrado. Esse lago recebia as águas do riacho Opá e, no lado oposto, ressaltados os períodos de estiagem, escoava através do também pequeno rio Quereré-Timbó, que, por sua vez, após percorrer mais de quatrocentos quilômetros, lançava suas águas no rio que banhava a cidade de Divinópolis.

No sopé da barreira acima descrita, Borra-Patos se fixou juntamente com as quinhentas e poucas pessoas que o acompanhavam, entre homens e mulheres. Tinham achado o que procuravam, depois de percorrerem centenas de quilômetros, vencendo aquele sertão bravio, despovoado. Naquele local, achou o fundador de Botu de lançar os fundamentos da futura cidade. Viu que aquele pé-de-serra, em que pese pequeno o espaço, se tratava de lugar estratégico. Tiveram de vencer o pântano para chegar à terra firme, após atravessarem o rio Opá, na parte em que este dividia o dito terreno em partes de tamanhos bastante diferentes. Era ali, portanto, o melhor pedaço de terra, nas proximidades do lago Borrado. E, como o propósito era começar a fundação de uma cidade, a partir da exploração de um lago, visando, sobretudo, a pesca, outro lugar seguro e firme não encontrariam, senão na base daquela ladeira enorme.

A cidade foi fundada, exatamente, no terreno firme, sólido, entre a barreira e a margem esquerda do rio Opá, mas, como não tinha para onde crescer, foi-se alastrando não na encosta da barreira, em face de sua íngreme inclinação, mas em cima, no platô, um terreno plano e de um clima agradável. O seu crescimento foi permitindo naturalmente que tudo quanto era de atividade comercial ficasse na parte de baixo,

reservando-se a parte superior principalmente para a área residencial.

Capítulo II

Distante de Divinópolis mais de quatrocentos quilômetros, Botu conseguiu, nos últimos dez anos, uma conquista importantíssima. Por não contar com uma estrada de verdade, ela se valia da única via de acesso entre ela e a cidade de Divinópolis: um caminho estreito que dava passagem primeiramente aos tropeiros e, nos últimos anos, a mais de uma dezena de camionetas que faziam o transporte de pessoas e de mercadorias. Era um verdadeiro sofrimento, sobretudo no período do inverno. Mas, enfim, não se sabe por qual milagre - milagre mesmo ou interesse econômico? - acharam de estender um ramal de linha férrea até Botu. Tudo porque, certamente, estavam de olho na produção de pescado do lago Borrado. Era a única explicação que se tinha para que tivessem construído aquele ramal de linha ferroviária. A população achou boa uma iniciativa como aquela. E dali em diante, tudo quanto era de transporte de pessoas e de mercadorias passou a ser feito de trem. Pena é que, depois de alguns anos, sobretudo nos períodos de estiagem, que eram constantes, o trem começava a rarear. No início era a presença de uma composição a cada semana. O trem chegava na segunda-feira e só retornava na terça. Era uma festa, uma alegria para aquele povo. Vivia isolado do mundo, distante do maior centro populacional e comercial - a cidade de Divinópolis; esta, uma cidade de verdade, com bons colégios, universidade, estação de televisão e tudo o que uma cidade moderna podia possuir. Botu, porém, nunca ia para a frente, não crescia. Ficava naquilo mesmo. Era vista apenas como a única abastecedora do mercado em matéria de pescado. Talvez unicamente por isso é que ela era lembrada. Pois cada vez que se comprava e se

comia peixe a certeza era a de que referido produto só poderia ter vindo da cidade de Botu, do seu grande lago Borrado. É que a principal atividade desenvolvida em Botu era a da pesca, realizada no citado lago. Aliás, a distante Botu sequer seria de alguma forma notada, não fora a sua existência. Era um lago bastante piscoso. Ele, na verdade, fora o motivo que atraiu os desbravadores até aquela região. Sem nenhuma sombra de dúvidas, Borra-Patos e toda a sua comitiva prosseguiram viagem por aquela terra adusta, com o sentido efetivamente dirigido para a certeza de que era possível encontrar, como enfim encontraram, a região propícia para a atividade que tinham em mente desenvolver: a pesca.

Capítulo III

A cidade, quando de sua fundação, obteve logo o lançamento do plano de como deveria ser construída, naquele espaço mínimo, imprensado entre a barreira e a margem esquerda do rio Opá, de modo a se manter com o aspecto inicial. A visão dos seus fundadores, entretanto, foi muito pequena. Não pensavam que logo teria que se desenvolver para além daquele espaço, o que, efetivamente, aconteceu, em curto lapso de tempo, pois a atividade pesqueira não demorou a atrair muita gente para aquele lugar. Assim é que, de repente, ante a necessidade de crescimento, espremida naquele pequeno espaço de cinco quilômetros quadrados, a cidade se expandiu e ganhou uma outra parte, a superior, situada após a ladeira do Barril, num planalto de clima agradável, propício para a construção de casas residenciais. Dessa forma, Botu apresentava a característica principal que a distinguia de qualquer outro centro urbano, que era a existência de dois planos distintos: a cidade alta e a cidade baixa. Na parte baixa, a mais antiga, cuja existência coincidia com a fundação da cidade, situavam-se os prédios onde se desenvolviam

as atividades de um modo geral. Atividades comerciais, civis, eclesiásticas, culturais, sociais. Tudo isso se concentrava nessa parte, entre a barreira e a margem esquerda do riacho. Do casario, destacava-se, evidentemente, a igreja de Santa Júlia, cujos fundos davam para o lago Borrado. Mais um pouco distante, e na mesma disposição, situava-se o prédio da prefeitura. Na seqüência da mesma linha, a estação ferroviária, um prédio de construção recente. Mais recente ainda, naquela parte da cidade, existia uma igreja, precisamente um igrejório, edificado sob os protestos dos moradores ainda remanescentes do tempo da fundação da cidade. Era o templo dos evangélicos, fruto do esforço de poucos protestantes existentes no lugar, construído no começo da ladeira da Pedra, ladeira essa que tinha seu início bem próximo às águas do grande lago Borrado e mais alta do que a outra ladeira, a do Barril.

Capítulo IV

Naquele recanto do mundo, muito bom de se morar e de se viver, onde tudo se apresentava simples, era possível encontrar pessoas as mais interessantes. Sobressaía-se, sem nenhuma dúvida, a figura de Cândida, velha senhora, mulher batalhadora, há anos explorando a atividade comercial de vendedora de verduras, na feira de Botu, em substituição ao seu inválido marido, João Ventura, que ficava em casa, por conta de sua invalidez, juntamente com o seu neto, o Inacinho, e a empregada da família, Filadelfia, por todos carinhosamente chamada de Fila. Mas a característica principal de Cândida era a de ser a pessoa que vivia sempre a falar, a comentar, a noticiar tudo quanto acontecia de bom ou de ruim na cidade. Era a sua forma de ser e, por isso, tantas vezes chamada a atenção, quando, por algum deslize na vigilância que

fazia de si própria, se excedia nos comentários que lhe traziam um gosto especial. Cândida era católica fervorosa, frequentadora assídua da igreja Santa Júlia, matriz da cidade de Botu, onde, nas horas vagas, procurava ajudar o padre Messias. E por falar em padre Messias, vai a seu respeito o registro de que chegara em Botu fazia mais de quinze anos, de forma que, àquela altura dos acontecimentos, se podia dizer que conhecia de perto os seus paroquianos. Filho da Capital, terminou seu curso no Seminário, ordenando-se padre, logo embicando em direção à cidade de Botu, para a qual, mesmo não a conhecendo, fez questão de ser indicado. Falando em padre Messias, surge facilmente à lembrança a pessoa do cego Parnimas, pessoa sempre presente à igreja de Santa Júlia, mas presente do lado de fora. É que, não abandonando, jamais, seu chapéu de massa, olhos escuros e violão desafinado, punha-se, todos os dias, à porta da matriz, explorando a caridade pública. Finalmente, uma rápida passagem a respeito de Nicolas e de Atrias. Compadres há mais de quinze anos. O primeiro fora padrinho da filha do segundo. Coitada, viveu pouco tempo. Mas os dois, em que pese a morte da menina, não deixaram jamais de se considerar compadres. Ambos com grande parte de suas vidas mergulhada no lago Borrado, de onde, como bons pescadores, tiravam seu sustento, e, além do mais, serviam de verdadeiro exemplo para outros colegas de profissão, através da prática com que se lançavam ao trabalho, acumulada após tantos anos de pescaria, sempre no maior manancial da região, o grande lago Borrado. Há muito mais personagens interessantes que podem ser citados. Ficamos, todavia, por enquanto, apenas nessa análise preliminar, dando realce à velha e querida e estimada Cândida, a mulher linguaruda da cidade de Botu, querida por todos os habitantes daquele lugar do fim do mundo.

TÍTULO II
O MISTÉRIO

Capítulo I

Ninguém sabia ao certo quem fora chamar a polícia. Ela, contudo, ali se achava. Para quê?! Para fazer com que todos fossem embora, é evidente. A rua estava completamente tomada de gente; as casas comerciais, vazias. As pessoas não mais se interessavam naquilo que realmente vieram fazer no comércio. Outra coisa mais importante chamava-lhes a atenção. Na certa fora algum dos proprietários daquelas casas comerciais quem achou certa a intervenção da polícia. Se não fora um deles, quem é que teria tido essa ideia de chamar a força pública? Afinal, os únicos prejudicados estavam sendo eles mesmos.

O sargento Antunes comandava os praças. Vinha ele à frente dos seus comandados. Pensava que se tratasse de pouca gente. Mas estava enganado. Logo se aproximou, e percebeu a quantidade de gente apinhada ali, naquele local. Tinham razão os donos das casas comerciais. Daquele jeito eles não podiam fazer negócio nenhum. Era preciso evacuar aquelas pessoas daquela beira de rio.

- Recuem todos, vamos. Recuem - ordenavam os policiais.

O lugar foi aos poucos ficando sem um pé de gente. Sem um pé de gente, é claro, no lugar onde estava situada a causa de tamanha concentração humana, porque o povo não desistiu de todo e ficou à certa distância, aguardando o desenrolar dos acontecimentos. A presença dos policiais é que veio piorar a situação dos comerciantes. A ação ostensiva da polícia agora era motivo de chamariz. Os transeuntes não se lembravam da existência da loja de tecidos de Sinárdio, nem da casa de discos de Anastácia, a qual desligara a eletrola já um tanto cansada, mas, mesmo assim, capaz de suportar aquele roda-roda-sem-parar de todos os dias.

O desfecho ia-se dar. O sargento Antunes aproximou-se das duas estátuas de carne. Sim, pois tão estáticos estavam os homens que mais lembravam duas estátuas do que duas pessoas de carne e osso. O sargento adiantou-se, dispôs o dedo indicador como que estivesse apontando para alguém e, meio receoso, tocou os ombros de Nicolas. Um pequeno empurrão e o pobre coitado caiu duro sobre o chão úmido. A multidão avançou, veio mais para perto. Precisava ver à curta distância aquele acontecimento curioso. Antunes levou uma das mãos à cabeça. Como teria de agir, agora? Nunca lhe aconteceu o fato de ficar diante de um caso como aquele tão embaraçoso. Por isso quedou-se a dialogar com os seus botões. Enfim, saiu da posição estática em que se deixou ficar e se deslocou em direção ao outro homem. Desta vez não tocou nele como fizera com Nicolas. Agarrou Atrias pela cintura e eis que ele ia também caindo, quando o sargento o susteve. Deitou-o sobre o solo. E ali ficaram, Nicolas e Atrias. Duros. Pareciam mesmo dois cadáveres. Os policiais não puderam deter a massa que cada vez mais se avolumava e avançava. Logo as conversas sobre o fato se alastraram. Foram até a cabeça da ladeira do Barril. E espalharam-se pela cidade. Dois homens estavam mortos diante da loja de Sinárdio.

Trataram logo de providenciar umas velas e as acenderam aos pés dos dois corpos inertes. A essa altura daquelas cenas, chegaram mais soldados. Agora, sim. Ninguém poderia mais avançar. Nicolas e Atrias dormiam o sono da morte à beira do rio Opá.

Um amarelo viu e logo ficou tomado de espanto. Um dos corpos mexera uma das mãos. Tratou logo o amarelo de correr. Não, em terra nenhuma ele tinha visto um morto se bulir. Pouco tempo depois, muitos dos presentes também puderam constatar que o amarelo não estava brincando. Sim, era verdade. Nicolas começava agora a mexer completamente uma das mãos.

Atrias, por sua vez, começou a abrir e a fechar os olhos, vagarosamente. Ambos foram dando movimentos às diversas partes do corpo. Ao cabo de dez minutos, os dois já se haviam levantado. Quando tal aconteceu, todos tinham abandonado o local. Não ficou um pé de gente. Até os policiais debandaram, diante daquele fato capaz de causar temor ao maior dos destemidos daquele lugar.

Capítulo II

Onze horas, sol muito quente, ônibus cheio de pessoas e de objetos de feirantes.

- Pois é. Roubaram ontem grande importância em dinheiro de dona Anastácia. Só o senhor vendo como ela ficou louca da vida. Esses ladrõezinhos são muito perigosos...

Afirmou um senhor que só podia ter sido o Testinha o autor daquele roubo. Sim, ele é que costumava andar nos transportes daquela linha. Só podia ter sido ele mesmo, reforçou. Cândida, que iniciara a conversa, tratou logo de cuidar dos seus petrechos. Vinha para os preparativos da feira que se realizaria no dia seguinte. Trazia consigo seus instrumentos de trabalho e também certa quantia em dinheiro trocado na sua bolsa.

- A gente que se cuide - acrescentou a verdureira.

Subitamente, o assunto do roubo teve fim. Foi quando o ônibus acabou de descer a ladeira do Barril. Muita gente ainda se encontrava ali. O que houve? O que estaria havendo para que se aglomerasse tanta gente diante da loja de Sinárdio? Cândida, a mulher mais linguaruda da cidade, não podia ficar sem nenhuma informação acerca daquela multidão, àquela hora do dia. Não. Tinha que ficar a par do acontecido. E por isso mesmo pediu para descer. Desceria ali e faria as

perguntas que tão bem ela sabia formular. Só assim ficaria sabendo do que se passava.

- Que coisa horrível, espantosa!

Anastácia foi imediatamente tirando conversa. Era muito amiga de Cândida. E foi por isso mesmo transmitindo o acontecimento a sua amiga.

- Pois não é que Nicolas e Atrias morreram ali, bem ali na margem do rio! E o pior de tudo é que eles ressuscitaram horas depois!

- Estou quase não acreditando, Anastácia! - adiantou a recém-chegada.

Cândida se esquecera de cuidar da sua bolsa. O que lhe interessava agora era ficar sabendo mesmo o que se passara: tim-tim por tim-tim. E foi de imediato se metendo no meio da multidão que voltara a tomar conta da frente da loja de Sinárdio. Entra aqui, sai acolá, ela não parava um só minuto. Tinha de saber de tudo. Afinal, era o seu mister inteirar-se de tudo quanto se passava na cidade para, logo, sair transmitindo pelo mundo afora. Era uma verdadeira leva-e-traz de notícia. A cidade, porém, não a tinha na conta de uma fofqueira.

- Socorro, socorro! Não deixem ninguém sair do local. Chamem a polícia.

Eram lamentosos gritos da coitada feirante. Quando dera por si, tinham levado a sua bolsa. Foi o fim dos seus trocados. As lágrimas tomaram conta do seu rosto um tanto queimado pelo sol causticante de Botu. Implorou muito à pessoa que fizera aquilo com ela; que lhe tivesse compaixão, pois não merecia aquilo. Era uma mulher pobre, que trabalhava para sustentar o neto e o marido inválido. Protestou contra tudo quanto era de ladrão. Falou tanto, que parecia estar discursando. Só prestava mesmo que um furacão arrastasse todos eles e os jogasse bem no fundo do mar. Era só o que essa gente perversa merecia - enfatizava ela, furiosamente.

- Tenha calma, minha senhora. Que lhe aconteceu?

Uma das pessoas presentes ao local assim tentava acalmá-la. Não houve jeito. Ela ficou irredimível. Que pena! Acabara de receber uma notícia. E que notícia boa para ser logo propagada! Dessa vez, porém, não iria fazer com que ela se alastrasse. Cândida, momentaneamente, se esquecera dela. Preocupava-se agora com os seus suados trocados. O dinheiro do seu ganha-pão. Não, o fato não iria mais ter a elasticidade que ela prontamente arquitetara. Pelo menos por sua boca, que espalhava as notícias de uma maneira tão interessante, e rápida. Ela dessa vez tinha mais com que se preocupar. O seu netinho e seu inválido marido a esperavam em casa. Deixara-os ali entregues à irresponsabilidade de Filadelfia, a sua empregada. Mas agora, que iria fazer? A cidade, pois, não contaria imediatamente com o ofício dessa linguaruda, mas estimada senhora. Quem sabe depois de passada a agonia pela perda dos trocados que lhe foram furtados?!
Aí, sim.

E foi o que aconteceu. Quatro dias depois, ninguém em Botu havia que não soubesse do ocorrido como se presenciado o tivesse. Cândida comprovava, mais uma vez, o seu talento.

Capítulo III

Elvego sorriu satisfeito.

O trem, finalmente, atingira a estação de Botu, quando o relógio da matriz soava cinco horas da manhã. Fora uma viagem bem longa. Cansativa. Os passageiros, todos desceram. Era dia de feira; a feira mais movimentada da região. Entre os passageiros, encontrava-se um estranho, precisamente Elvego. Viera conhecer a cidadezinha. Aliás, ele era dessas pessoas que, durante as férias, dedicava todo o seu tempo para

conhecer não só novas cidades, mas também novas pessoas e travar boas amizades com elas.

- Hum, gente nova na cidade! – comentou Cândida, que tinha ido à estação apanhar as mercadorias que encomendara e imediatamente percebera a presença do estranho.

Elvego era um homem dedicado ao estudo, o qual, para ele, era mais um lazer do que propriamente uma obrigação. Era um verdadeiro pesquisador do comportamento social. Adorava travar relações com pessoas de níveis sociais os mais diversos. Botu foi a cidade que ele agora tinha escolhido. E ele ali havia chegado sozinho. Não gostava de companhias. Bastavam-lhe as que com muita certeza arranjaría em cada nova cidade onde chegava. Soubera já muita coisa de Botu, inclusive que a cidade se dividia em dois planos bem distintos. Segundo lhe informaram, a cidadezinha possuía pouco menos de cinco mil habitantes e fora fundada por Borra-Patos. Ficava à margem esquerda do rio Opá, um regato, cujas águas deslizavam mansamente, como que assim imitando aquela população que levava uma vida preguiçosa. Não havia muita movimentação na cidade. Movimento bom mesmo só em dia de feira. E Elvego ali estava chegando justamente no dia em que o comércio de Botu atingia o seu ponto máximo. Logo procurou se inteirar de tudo quanto se passava naquela cidadezinha do fim do mundo. Procurou saber do passado da cidade, quando foi fundada, quem foi o seu primeiro prefeito. Era-lhe, finalmente, muito importante saber sobre a vida social, econômica, enfim, de toda atividade dos botuenses. Infelizmente, porém, eles não puderam ajudá-lo. A cidade estava preocupadíssima com outra coisa. Cândida, àquela altura dos acontecimentos, já havia dado fim ao seu mister: propagara por tudo quanto era canto o que sucedera na semana passada. E o assunto cada vez mais se repetia. As versões diferentes

começaram a surgir. Confirmava, assim, o velho ditado, segundo o qual quem conta um conto, aumenta um ponto. Elvego, acostumado a ver seus desejos logo satisfeitos, dessa vez não os teria. Não que os botuenses se esquivassem de ajudá-lo. Era que ninguém se preocupava com outra coisa, senão com o que tinha acontecido há uma semana exatamente. Era uma coisa digna de registro. Digna de muita atenção por parte dos botuenses.

- Mas o que houve, finalmente?

Falaram logo em ressurreição. Sim, dois homens da cidade haviam morrido e, pouco tempo depois, haviam ressuscitado.

E Elvego, porque ansiava saber tudo de uma vez:

- E essa feira é assim mesmo, minha senhora?

- Assim como, meu senhor?

- Assim, com pouca gente, fraca desse jeito?

- Santo Deus! O senhor ainda não viu nada. É um feirão.

- E por que está assim tão vazia?

- Pois não é por causa do acontecido da semana passada, a ressurreição!

- Não entendi bem. Pode me explicar melhor?

- Grande parte dos feirantes e da freguesia está lá em cima - disse gesticulando em direção à parte superior da cidade - Está uma confusão louca. Todos querem entrar para ver os dois homens que ressuscitaram. Achamos que foi um milagre. Um aviso de Deus. Já tem gente até enricando com isso. Estão cobrando dois filardis a entrada.

- São botuenses esses dois homens, dona...

- ...Cândida, meu nome é Cândida. E o senhor, como se chama?

- Elvego. Elvego Doso de Riela - e insistiu - são filhos da cidade?

- É verdade. Dois homens muito trabalhadores. Nicolas era um homem do trabalho, da pescaria e da sua

casa. O mesmo acontecia com o seu compadre. Os dois só andavam juntos. E acontecer uma coisa daquela com os coitados. Ficaram como verdadeiras pedras. Não se mexiam. E isso durante mais de quatro horas.

Elvego ficou, desde logo, muitíssimo interessado pelo caso. Queria ir até onde se encontravam os ressuscitados; ressuscitados na linguagem de Cândida, evidentemente.

- O senhor sobe essa ladeira - e apontou para a íngreme e esburacada ladeira do Barril - É muito fácil. Basta o senhor chegar lá em cima e vai notar a multidão. Não gastará muito dinheiro. Só dois filardis a entrada.

E Elvego para lá embicou.

Capítulo IV

Dentre todos os que visitaram os ressuscitados (ressuscitados na concepção dos botuenses, é claro), a opinião geral inicialmente era a de que os dois homens haviam ficado mudos, e a tal conclusão se chegou, porque não falavam nada com qualquer pessoa. Mas ninguém, até então, tinha tido a iniciativa de se aproximar e falar qualquer coisa com eles. Por isso, a primeira preocupação de Elvego foi a de certificar-se quanto à veracidade daquele estado de mudez de que falavam todas as pessoas que ali haviam estado.

O povo ia até a casa 345 da rua do Tambor - pois lá era onde morava Nicolas - mas ficava longe dos homens. Coisa misteriosa, coisa milagrosa. Não era para ninguém se aproximar. Não havia ninguém ali para poder falar com aqueles dois homens que todos julgavam haverem caído do céu. Tratava-se de um fenómeno divino. E se restringiam apenas a olhar à certa distância os dois homens que, aliás, faziam todos os movimentos dentro da pequena sala. Devagarinho, mas faziam. Na verdade, estavam desconfiadíssimos. Não havia aparecido ainda quem ousasse explicar o porque

de tanta gente ali somente para vê-los. Aquilo que havia acontecido com eles ainda os dominava quase por completo. Mesmo assim, uma preocupação devia-lhes rondar a mente: haviam feito alguma coisa errada?

Elvego não demorou a chegar à rua do Tambor, levando consigo um gravador que mais parecia uma maleta, adquirido em recente viagem que fizera à Europa. Muita gente havia na frente da casa 345. Era, pois, verdade o que lhe dissera a velha Cândida. Foi preciso usar da sua força para poder chegar à porta. Empurra para lá, empurra para cá, o estranho, por ter um corpo, além de pequeno, bem magro, conseguiu adentrar a sala onde estavam Nicolas e Atrias – único ponto para onde convergiam as atenções durante toda uma semana naquela pequena cidade.

Elvego aproximou-se dos dois homens.

- Não chegue perto, meu senhor – disseram em unísono muitas pessoas, dando a entender que ninguém poderia explicar o que se passava com os compadres, devendo-se, por isso, respeitar o mistério que os envolvia.

Elvego não deu ouvidos, e prosseguiu. Os dois homens olhavam para o recém-chegado. Indagavam-se, intimamente, sobre quem seria aquele estranho, buscando as razões por que ele estava agindo de maneira diversa daquela adotada pelas demais pessoas ali presentes. Questionavam-se sobre sua firme disposição em aproximar-se deles.

O estranho ficou estático durante algum tempo. Avaliou a necessidade de equilíbrio e pulso forte ante o problema difficilimo com o qual voluntariamente se deparara. Muita gente ali conhecia Nicolas e Atrias. E por que não dizer todos? Sim, todos conheciam aqueles dois homens enigmáticos. Não eram botuenses? Nascidos e criados ali naquela terra? Por que, então, ninguém havia se aproximado deles? Era bom esclarecer logo aquilo. Mas o povo ficava de braços cruzados.

Então, como considerou que aquele quadro estranho reclamava uma providência, Elvego avançou em direção aos dois homens. Estendeu a mão para um deles, precisamente o de nome Nicolas.

- O mundo receberá uma visita - disse, com voz quase inaudível.

De que visita estaria falando o Nicolas?

Supôs Elvego que porventura ele pudesse estar se referindo a sua recente chegada em Botu.

- Cheguei não faz duas horas e o senhor ainda fala em receberá? De qual visita fala o senhor? Da minha, certamente, não é? Pois, se for dela, esqueça. Ela não mais será; ela já é. Eu estou aqui!

- O mundo receberá uma visita, cuidem-se.

- O mundo receberá uma visita – adiantou Atrias, que estava ao lado do seu compadre.

Que enigma seria aquele? O mundo receber uma visita?! E qual seria essa visita? Quem é que seria o visitador?

As coisas, agora sim, ficaram mais confusas.

- O senhor poderá me dizer quando será essa visita?

- O mundo receberá uma visita, já lhe dissemos. Não insista. Não falo mais. Nunca mais.

- O mundo receberá uma visita - profetizou, feito um eco, Atrias.

Ligeiro rebuliço. Duas pessoas alvoroçadas entraram na sala. Eram duas mulheres. Deus do céu! Pareciam duas loucas. Não cessavam de se lastimar.

- Você está louco, Nicolas? Meu marido, você enlouqueceu? Não se lembra mais de mim, sua querida esposa Ulyanna?

- Valha-me Nossa Senhora, o meu Atrias ficou doido. O que é que vou fazer? - assim se lastimou Joiahana, mulher de Atrias, cujas palavras eram mesmo que espadas que podiam ferir o mais duro dos corações.

Elvego queria aprofundar mais ainda a conversa com os dois homens enigmáticos. Mas, para conseguir isso, viu que era necessário a saída de todos. Gesticulou nesse sentido. E como sua determinação em abordar os dois homens enigmáticos fizera-o, de certa forma, respeitado, todos prontamente o atenderam. Com isso, então, a sala antes cheia de curiosos, passou a contar com a presença de somente três pessoas: Elvego e os dois compadres.

- Diabo que carregue esse infeliz para as profundezas do inferno. Será ele alguma autoridade? Mal chegou e já começa a me dar prejuízo.

Assim foi o desabafo imediato de Alteíades, um homem já de cabelos grisalhos, que não podia mesmo ter gostado daquela interferência de Elvego. É que ele estava controlando a entrada dos que visitavam os dois compadres, recebendo a quantia que estipulara para cada pessoa. Já estava, na verdade, com o bolso cheio de boa soma de filardis, conseguida durante uma semana.

Pobre população ignorante a de Botu. Deixar-se levar pela conversa do sabidão Alteíades.

- Que vá para o quinto dos infernos, com os seiscentos diabos – prosseguiu protestando o explorador, cuja mina sentia que estava se esgotando, face a presença ali de Elvego.

Capítulo V

Elvego precisava começar imediatamente o diálogo. Não havia ninguém ali para perturbá-lo. Todos o tinham atendido. Saíram. Ficaram tomando conta da frente da casa 345 da rua do Tambor. Urgia, pois, que ele começasse logo, porque poderia o povo aguçar a curiosidade com a demora, e terminar entrando na casa novamente. Acontecesse isso, e lá se ia a boa ocasião que estava tendo. Dirigiu-se para Nicolas. Este calado

estava, calado ficou. De cabeça baixa, sequer incomodou-se com a presença de Elvego.

- Fale, meu amigo. Eu preciso muito falar com o senhor.

Parecia que ninguém lhe havia falado. Apenas levantou a cabeça e afundou os seus olhos no rosto do seu compadre e, em seguida, no de Elvego. Este, depois de mais de vinte minutos de insistência, chegou à conclusão de que com Nicolas nada conseguiria. Ele não queria mesmo confessar nada. Voltou-lhe as costas e foi na direção de Atrias, que se encontrava sentado com o corpo bem relaxado, numa espreguiçadeira. Elvego aproximou-se. Puxou uma pequena cadeira. Sentou-se perto daquele outro homem enigmático.

- O senhor certamente está querendo que eu fale, não é?

Um alívio tomou conta de Elvego. Agora, sim. Iria se informar de tudo direitinho, entrar no cerne da questão. Afinal, um dos homens se predispôs a falar. Notou que Atrias estava mesmo disposto a fazer a confissão. Que ele falasse, pois. Não foi preciso endereçar-lhe qualquer pergunta. A verdade é que a confissão saiu sem trabalho, numa série de palavras que eram pronunciadas numa pressa tal, que Elvego não teve folga para sequer acender o cigarro que trazia entre os lábios.

E assim ele iniciou a confissão:

“- Compadre Nicolas estava sentado na beira do rio, quando eu vi um peixe se aproximar dele. Era um peixe de um tamanho que eu nunca vi. O compadre estava aéreo, olhando para cima, como que estivesse a sonhar. Dei um grito, chamando por ele. Ficou meio leso. Talvez até tenha pensado que eu tivesse ficado louco, para estar gritando daquela maneira. Mas que louco que nada! Eu estava

completamente bom. O compadre é que estava no mundo da lua e, quando eu dei um grito pelo seu nome, ele teve um susto e ficou pensando que eu estava louco por gritar daquela maneira. Ele ficou olhando para mim. Parecia querer me repreender. Aquilo não era coisa que eu fizesse. Por consideração nenhuma. Não tinha nenhum surdo ali para eu gritar daquela maneira. Tinha só o que ver! Mas o compadre era que não estava mesmo com a razão. Se dei um grito não foi para assustá-lo. Não. Que ganharia eu com isso? Com uma brincadeira dessa? Foi preciso eu lhe gritar novamente: Compadre, olhe, compadre, que coisa essa que está aí bem perto de você. Repare bem, compadre. O compadre entortou o longo pescoço para trás. E quão grande foi o seu susto! Era um peixe enorme. Media uns três metros o horrível animal. Os seus olhos... olhos?...ele não tinha olhos! Tinha, sim, um olho só. Bem no meio da testa. Brilhava que parecia um brilhante. O compadre ficou estarecido com o que estava presenciando. Nunca ele tinha visto um peixe daquela envergadura. Nem tampouco eu, ora! E olhe que somos pescadores de fama nas redondezas de Botu. Nunca nos deparamos com tal coisa no grande lago Borrado, onde costumeiramente pescamos. E no Opá, um riacho daquele aparecer um monstro tão horripilante! Aquilo nem mais era peixe. Era um animal da terra, um animal feio de causar

horror. Tratava-se de um animal de um brilho extravagante. As suas escamas reluziam como se fossem verdadeiras pedras caras, preciosas. As suas barbatanas eram de um luxo que Botu nunca conheceu. A cauda era muito diferente daquelas que estamos a costumados a ver em qualquer peixe.

E continuou:

- Não parei de olhar para o meu compadre que estava bem na beira do rio, como já disse. E não tirava os olhos do animal desconhecido. O compadre ficou numa posição só. Dela não se mexia. Eu, então, procurei me deslocar. Ir na direção dele. Mas, eu não pude sequer arredar um pé do lugar. Gritei, perguntando se ele não podia sair dali, vir para perto de mim. Disse-lhe que eu não podia sair do lugar onde me achava, pois estava completamente grudado ao terreno. Mas o compadre nem dava ouvidos. Gritei tanto, que senti doer a garganta. E o compadre nem se bulia. Não volvia sequer o pescoço para me acenar por meio de qualquer gesto. Ficou imóvel como uma pedra. O que estaria acontecendo com o compadre? era sempre o que eu me perguntava. E o que estaria acontecendo comigo também? Que coisa mais estranha - concluí comigo mesmo. Eu mais afastado da beira do rio e o meu compadre lá, sem parar de fitar o estranho peixe, ou melhor, o estranho animal. Fiz tudo para ver se me libertava daquela força que me prendia ao solo. Mas não houve jeito.

Estava preso mesmo e não adiantava tentar sair dali. O certo era me conformar com a situação. E fiquei esperando que o tempo passasse. Foram quatro horas ou mais. Nunca vi horas para custarem tanto a passar! Eu não tirava os olhos do meu compadre. E ele permanecia imóvel. Imóvel mesmo! O que seria aquele peixe (ou animal) estranho? era o que sempre eu me perguntava. Que força estranha era aquela que prendia a mim e ao compadre? Interrogava, interrogava, mas não chegava a uma resposta exata. Não arranjava uma explicação. Resolvi, então, esperar. Não era possível que aquilo fosse durar o tempo todo. O compadre sempre atento, de olhos fixos no animal que eu antes avistara e lhe tinha mostrado. Um animal feio, tão feio que dava para arrepiar o corpo todo. É só isso o que eu sei dizer.

- Não se lembra de mais alguma coisa?

- Isso é tudo. Quem pode lhe dizer mais alguma coisa é o compadre aí.”

Elvego viu as coisas piorarem. Estória mais estranha aquela! Como seria o relato do Nicolas a respeito? Seria mais detalhado do que o de Atrias? E, com a intenção de colher a confissão de Nicolas, procurou novamente falar com ele. Nicolas, porém, apesar de Elvego muito implorar, não quis dizer uma palavra sobre o assunto. Com a cabeça um tanto pesada, pois a mesma doía-lhe bastante, devido à grande viagem que fizera (os trens, Santa Mãe de Deus, eram um desconforto sem limites), Elvego resolveu adiar a entrevista com Nicolas. Iria, agora, para casa.

Descansaria. Depois veria qual a melhor medida que deveria tomar com referência àqueles dois homens.

- Deixem-me passar, por obséquio.

A multidão ainda se achava diante da casa 345 da rua do Tambor. Elvego conseguiu vencer a barreira humana e eis que, em poucos minutos, pôs-se a descansar em seu quarto. Shiresto, o albergueiro, reservara-lho. E ele ali demoraria algum tempo, na medida suficiente para vencer o enfado que lhe dominava o corpo. Depois, então, procuraria o caminho mais viável para resolver o caso dos dois homens enigmáticos. Não havia, no momento, autoridade na cidade para fazê-lo, esta é a verdade.

Capítulo VI

As autoridades da cidade estavam de braços cruzados. Chegaram, inclusive, a ir até a casa 345 da rua do Tambor, mas a presença delas não era para resolver nada acerca do caso. Ali estavam, porque precisavam que acreditassem que eles também encaravam o caso como uma ressurreição e que estavam seguindo o comportamento ignorante da população de Botu, o qual em muito ajudara o intento do sabichão Alteíades, como já temos conhecimento. Padre Messias lá chegou e a sua presença serviu de reforço para a opinião ali estabelecida de forma generalizada. Tratava-se, realmente, de milagre. Que todos rezassem. O padre, verdadeiramente, mostrou-se altamente convicto. Sim, não acontecera outra coisa. Os dois homens haviam ressuscitado. E isso era um fato que merecia muita reflexão. Quem sabe seria aquilo um aviso do céu? E, por isso, a autoridade espiritual da cidade aconselhava a todos para que rezassem. Que não zombassem dos dois homens que lá estavam na casa 345 da rua do Tambor. Deus não haveria de aparecer no final dos tempos? E

que final dos tempos seria esse, senão a vida do povo mergulhada na devassidão? Humanidade corrupta, depravada, hipócrita. Sim, era bom se cuidar. Certamente, os dois homens eram enviados de Deus. E isso foi decisivo, para que a população redobrasse a crença de que realmente os dois homens enigmáticos eram verdadeiros santos. A casa 345 teve logo a calçada da frente tomada de velas acesas. Parecia um cemitério em dia de finados. Afinal, o padre era quem suspeitava de que os dois homens fossem enviados de Deus. E essa ideia, vinda da autoridade espiritual da cidade, era mais que suficiente para que aquela população crédula tomasse a mesma como verdadeira e passasse a praticar atos de pura credence. O povo botuense não tinha culpa nenhuma. Povo ignorante. Seguiria, certamente, tudo quanto lhe dissesse uma autoridade. E que autoridade lhe estava dizendo aquilo? Não era o padre Messias? Ele era um homem que conversava com Deus, que tinha intimidade com Deus. Portanto, o que ele dissesse acerca dos dois homens enigmáticos era mais do que exato.

O prefeito Floripes não externava o que pensava sobre os dois homens misteriosos. Preferiu acreditar em cheio no que dissera o padre Messias. Afinal, poderia ele contrariar o que estava dizendo aquele sacerdote? Corria o risco de uma divergência com ele. Não podia esconder que em muito ele o ajudava na política. Era o seu maior cabo eleitoral. Não. O jeito era mesmo seguir o padre. Mesmo que ele chegasse a entender de maneira diferente, teria de se conformar com o que dizia a autoridade espiritual. Concordando sempre com ele, é certo que poderia contar com o seu apoio, por mais uma vez, nas próximas eleições. E, por falar em eleições, sempre, nesse assunto, se lhe deparava o Pedro Honorato, figura que lhe era tediosa, homem de discurso bonito, perigoso, que buscava o poder através de argumentos para ele Floripes tão sem lógica. Onde já se

viu querer o poder levando o povo a sério? Floripes, na verdade, tinha vontade de dizer isso em público, nos palanques. Mas tudo estava dando certo, da forma como o padre Messias lhe indicava. Se concordava com ele em assuntos políticos, como discordar desse assunto recém-surgido em torno dos dois compadres enigmáticos? Tinham mesmo ressuscitado os dois homens. E aí de quem dissesse o contrário.

Capítulo VII

O fenômeno que envolveu Nicolas e Atrias aconteceu na primeira quinzena do mês de fevereiro, sendo interessante destacar que, três dias antes dele, comemorara-se o carnaval animadíssimo que Botu jamais tivera. Crianças, adolescentes, adultos pularam a valer. Nunca a população botuense tivera uma festa de momo tão animada. Os blocos (pequenos, mas eram blocos) desfilaram pelas ruas da cidade. Todos os que podiam participaram para a realização da festa. Desde o menor ao maior comerciante. Vale dizer que, sem que ninguém esperasse, Botu contou com mais três clubes carnavalescos. Isso do dia para a noite. Uma coisa muito interessante. E o povo também contribuiu com o seu espírito animador. A prefeitura despendia naquele ano uma soma vultosa. Queria o prefeito, e se sabe bem por qual motivo, que o carnaval fosse de um sucesso realmente de abafar. Até Floripes que nunca saía de casa durante os três dias de festa, meteu-se dentro do Clube do Lira. Ali passou os dias daquele carnaval. Acompanhado de toda a sua família, além de seus auxiliares diretos na prefeitura e muitos outros amigos, o prefeito esqueceu-se mais ainda dos problemas da cidade. E caiu na folia. Era um verdadeiro esbanjar de bebidas. Por conta, é claro, do prefeito. Ou da prefeitura? Isso é mais um caso a apreciar. Mas o que queremos dizer realmente é que Botu teve um carnaval

que nunca tivera em toda a sua existência. Foi um acontecimento de causar admiração. Não se contavam as pessoas que detestavam o carnaval e que deixaram de lado esse posicionamento, passando a apoiar o tríduo momesco que se avizinhava, dando tudo de si, muitas até querendo ir além dos limites de sua possibilidade. Até o cego Parnimas colaborou. Mas que desastre! Se a festa empolgou a todos, a todos também, no final de tudo, entristeceu. Parecia que a desgraça estava mesmo para cair sobre aquela pobre cidade. Infortúnio semelhante àquele nunca fora visto pelos botuenses. Não. Eles nunca viveram momentos tão lúgubres. Desastres que se sucediam, cada um mais terrível de que o outro; desavenças constantes. E finalmente um saldo de muitas mortes. Já no último dia programado para a folia, a chamada terça-feira gorda, não se falava mais em carnaval. Tudo eram tristezas. Cinquenta e cinco botuenses tiveram a sorte negra. E a cidade inteira ficou de luto.

De onde teria vindo toda aquela desgraça? De onde teria vindo aquela disposição do povo botuense em colaborar para o bom êxito do carnaval, coisa que jamais havia ali acontecido? Os botuenses não sabiam explicar nem uma coisa, nem outra. Certo é que a tragédia em muito contrariou aquela população. Só muito depois é que a cidade esqueceu aqueles dias fatídicos. Só não esqueceu mesmo os que morreram. Isso seria impossível.

Dois dias depois, a cidade, sem deixar de lado os comentários a respeito dos lamentáveis fatos ocorridos, mergulhava na sua atividade de rotina. O comércio de Botu voltava a sua atividade normal.

Era quinta-feira, um dia com sol causticante. Muita cinza fora derramada na cabeça dos fiéis, no dia anterior. Trabalho foi o do padre Messias. Trabalhão, pois uma espécie de arrependimento coletivo levou grande número de pessoas a buscar abrigo e salvaguarda

dos castigos que lhe podiam advir, pela participação naquele desastroso festejo.

Houve quem dissesse que as cinzas não foram suficientes...

Capítulo VIII

Na rua principal da cidade, perto da estação ferroviária, foram armadas as arquibancadas. Muito dinheiro gasto, a considerar o orçamento magro da prefeitura, para armar aqueles monstrenhos de ferro e de tábuas, por sobre os quais a população de Botu, ávida, não se sabe por que, esperou a realização do entrudo; o entrudo mais infeliz de que já se teve notícia. O bloco carnavalesco formado pela direção do Clube do Lira sentiu-se bastante incomodado com o surgimento na cidade, do dia para a noite, de vários outros blocos. Muitas eram as solicitações de famílias inteiras que, de repente, viram-se, como que tocadas por um vírus, tomadas por um desejo de se lançarem na festa de momo. Sinárdio, então, dono da loja de tecidos Irajá, saiu lucrando e muito. Três semanas antes do carnaval, trouxera um vagão completo tomado de peças de tecidos apropriados para a confecção de fantasias. O movimento em sua loja foi grande, enorme. Alteíades, empregado principal de Sinárdio e que vivia sempre reclamando pela falta de movimento na loja, dessa vez contou com mais uns trocados, pois obteve comissão especial, em face do aumento considerável nas vendas.

De Divinópolis, vieram cinco orquestras. A melhor delas, evidentemente, a do maestro Tinino, abrilhantou, como o fazia todos os anos, os bailes do Clube do Lira, para onde acorreu a fina flor da sociedade botuense. Nos demais clubes, todos apinhados de foliões, apresentaram-se outras orquestras de menor porte e fama. Contudo o que o povo queria era dançar, dançar, até chegar a quarta-feira de cinzas. Mas... o

prejuízo foi enorme. Uma cidade pobre gastar tanto, criar uma infra-estrutura para uma festa popular, esperar que disso resultasse algum dividendo e, no fim, acontecer uma tragédia. O carnaval não ultrapassou a segunda-feira. Começaram a acontecer as mortes, as tragédias logo iniciados os festejos.

E, então, as alegrias foram cedendo lugar às lágrimas. Cinquenta e cinco mortos. Mortes causadas por fatores estranhos os mais diferentes. Só dentro do Clube do Lira, três pessoas morreram vítimas de uma troca de tiros. Mas essas foram mortes cuja causa se conheceu. O pior é que a grande maioria dos óbitos ficou sem explicação. Dificuldade foi para o doutor Plácido, único médico da cidade, já um pouco esclerosado, para dar a causa morte na declaração que tinha de assinar para o Oficial de Registro Civil. Os enterros não podiam esperar; eram muitos os cadáveres. Houve necessidade de se improvisar muitos ataúdes; pequenos, porque a maioria dos mortos eram crianças. Não se podia era esperar que a prefeitura resolvesse do dia para a noite a certidão de óbito, pois esta teria que ser resolvida numa distância de quatrocentos quilômetros até chegar em Divinópolis. E o transporte mais rápido para essa viagem era o trem. O trem que só chegava a Botu uma vez por semana, na segunda-feira. Mas, nesse caso, a urgência dos enterros não permitia a espera nem de um dia, quanto mais de três ou quatro. Daí por que muitos corpos foram inumados sem o competente registro de óbito. O prefeito Floripes, no seu íntimo, trazia, decepcionado, muita contrariedade. Na verdade, ele queria seu nome na boca do povo, aplaudindo-o pela iniciativa que tomara para envolver a prefeitura naquele carnaval nunca visto naquela cidade, derramando, para isso, grande soma de dinheiro público.

Capítulo IX

Elvego parecia não saber o que fazer. É verdade que para tudo há uma saída. Quando todas as portas se fecham, sempre resta uma janela, pela qual se pode chegar ao que verdadeiramente se pretende alcançar. E nisso se firmou o homem das soluções. Sim. Tinha de haver uma solução. O povo botuense é que jamais poderia encontrá-la. Mas ele, Elvego Doso de Riela, um homem prático e inteligente, logo solucionaria o problema. Havia motivo de sobra para preocupação. Não podia perdurar por muito tempo aquela situação dificultosa. O povo de Botu estava sendo explorado por um sabichão. Valia-se ele da credulidade daquele povo humilde para lhe cobrar pequena quantia de filardi, só para ver os dois homens enigmáticos. Boatava-se já que ele começara a vender as fezes secas dos dois homens. Incutia na cabeça dos crédulos que aquilo curava e também que não havia doença que resistisse aos efeitos da urina, por mais velha que estivesse. Eram coisas do céu. Milagre. Aproveitassem, pois.

Alteíades sempre fora um homem muito vivo; menos no trabalho. Sabia aproveitar-se das ocasiões. E como se aproveitava! A verdade é que já havia arrecadado muito dinheiro. Tanto dinheiro conseguira, que já pensara em adquirir um automóvel. O velho e econômico carrinho de Zutza da Farinha muito bem lhe serviria. Sabia que o velho não andava bem das finanças. E qualquer preço que ele oferecesse era negócio fechado. O carro, por sua vez, era velho, mas muito bom. Era um carrinho muito bem conservado. Aquele lhe serviria, sim. Econômico mais que ele, impossível. Comprando-o, deixaria de ser o comerciante faminto que sempre fora. Não levaria gritos e desaforos do seu patrão, o dono da loja de tecidos Irajá, o senhor Sinárdio, nunca mais. Pena é que chegou o intrometido Elvego. Parara de ganhar o seu dinheiro no ritmo

acelerado que tanto o estava agradando. Elvego, por sua vez, condenava aquele procedimento. Um homem já de idade e praticando ato daquela natureza. Um grande sem-vergonha. Safadão. Fosse ganhar dinheiro assim de um modo desonesto longe dali. Aquilo não era coisa que fizesse.

Elvego, enfim, chegou a uma solução. Sim. Só poderiam estar doentes aqueles dois homens. Não tinha dúvida. O jeito era levá-los para um hospital. O explorador que ficasse a ver navios. Não iria permitir que continuasse aquela circunstância escandalosa. Um sabichão da marca maior, explorando os pobres ignorantes botuenses. Onde estavam as autoridades que não davam um jeito naquilo? É verdade: os botuenses estavam sendo levados pela propaganda do sabichão Alteíades. E Elvego, vendo que isso não devia mais continuar, tratou de levar Nicolas e Atrias, tirá-los, enfim, daquela casa 345 da rua do Tambor. Levá-los-ia para o lugar onde eles deviam verdadeiramente estar: para um hospital, pois ali é que é o lugar dos doentes. E esses dois homens, por acaso, não estavam dando demonstração suficiente de que estavam precisando de tratamento? Onde já se viu uma pessoa ficar o tempo todo com uma ideia na cabeça? E que ideia! Que a Terra seria visitada. Mas visitada por quem? Era isso o que eles não diziam. Somente Atrias foi que, no final de contas, contou como se tinha passado o fato. Sim, foi o que Elvego conseguiu na confissão que ele, com toda a sua paciência, colheu junto a Atrias.

Pronto, estava resolvido. O jeito era mesmo o hospital. E às onze horas em ponto, um automóvel (Elvego mesmo o alugou, pois não havia iniciativa por parte de ninguém afora ele) parou diante da casa 345. Os dois homens foram conduzidos para dentro do veículo, apesar da dificuldade gerada pela multidão que tomava cada centímetro do espaço que dominava a

frente da casa um tanto já estragada pela ação do tempo, a casa que pertencia a Nicolas.

Alteíades via arruinar-se, assim, a sua empresa. Culpa do intrometido Elvego. O povo foi deixando pouco a pouco a frente da casa. Dentro de poucos instantes ficou o local completamente vazio. Mas, por quê? Porque saíram todos atrás do carro que conduzia os dois homens enigmáticos. Depois, porque não puderam acompanhá-los, voltaram todos para o lugar de onde saíram. A casa passou então a ser como que um centro de romaria. Velas e mais velas passaram a ser acesas nos pés das paredes. E foi assim que Alteíades viu que nem tudo estava perdido. Foram-se os homens, ficou a casa. O povo acreditava que ali era um lugar santo. Não ficaram ali dois homens que passaram uma semana inteirinha sem comer, sem beber? E calados? Que morreram e que tinham ressuscitado?

Não se fora, portanto, a esperança de Alteíades. Com a casa ele ainda podia angariar dinheiro e, quem sabe, mais cedo, mais tarde, terminaria comprando o automóvel com o qual tanto sonhava. Certo é que, se não tivesse havido a interferência de Elvego, as coisas correriam mais tranquilas. Por isso é que o sabichão não cessava de rogar pragas as mais horríveis contra aquele estranho recém-chegado à cidade. Elvego, porém, não era homem que temesse tais bobagens.

Capítulo X

Uma vez no albergue, chegado do hospital de Divinópolis, Elvego descansava um pouco. Sentou-se num sofá e ali mesmo pretendia retirar o cansaço que o dominava, em face dos muitos atropelos que sofreu para conseguir conduzir os dois homens ao hospital. Lá os deixara. Por ora, estava tudo em paz. Esperava, agora, pelos acontecimentos futuros. Sim. Os homens, os dois compadres, iam ser interrogados sobre aquela situação

que os estava atingindo. E Elvego só deixou que lhe usurpassem essa tarefa, porque, afinal de contas, Nicolas e Atrias ficaram muito bem assistidos. Tivera Elvego de fazer longa e péssima viagem, mas deixara os dois homens em boas mãos. O doutor José Levino, como pôde ver, era um competente profissional. Também era impossível que em Divinópolis não encontrasse uma pessoa adequada para resolver o problema. Os dois homens estavam lá. Elvego agora encontrava-se em Botu à espera do resultado dos exames. Estava com o pensamento voltado para o caso, quando alguém bateu à porta. Estava ele alojado no pequeno albergue de propriedade de Shiresto, como já sabemos, cujo nome era Descanso Alegre.

- Que deseja? - perguntou Elvego ao rapaz alto e magro que assomou à porta.

Era Sival, filho do prefeito Floripes. Ali viera logo que soubera da presença de Elvego na cidade. Vivia sempre à procura de alguém com quem pudesse disputar mais uma partida de xadrez. Talvez essa pessoa nova na cidade fosse amante desse tipo de esporte e, então, poderia dar o prazer de competir com ele. Sival, na verdade, era muito bom jogador. Sempre saíra vencedor nos campeonatos por ali realizados. Já ganhara troféu por três vezes consecutivas.

- Não sei se o incomodo. Talvez o senhor estivesse repousando. Mas é que eu muito lhe desejava falar...

- ...sobre os dois homens? - adiantou Elvego interessado.

Não era sobre os dois homens que Sival queria falar. Rapaz dos seus quinze anos, pouco lhe interessava o que se passava na sua cidade. Vivia exclusivamente para assistir às suas aulas no Colégio Dom Carlos Costa de Divinópolis, cuidar dos seus passarinhos e jogar xadrez, seu passatempo predileto.

- Mas isso é um tabuleiro de xadrez? - inquiriu Elvego, quando viu um pequeno objeto que o rapaz trazia debaixo de um dos braços. Era sim, um tabuleiro de xadrez. Pequeno, mas era.

- Terei imenso prazer de jogar com você - e adiantou - quem o informou da minha predileção esportiva? Alguém aqui já lhe disse que eu gosto muito de jogar xadrez?

Não. Ninguém havia dito nada. Apenas Sival estava fazendo uma tentativa. Fazia muito tempo que só jogava contra adversários conhecidíssimos. Queria sempre jogar com pessoas diferentes, desconhecidas. Conhecer outros sistemas de jogo. E como ali estava Elvego, chegado recentemente, quem sabe ele gostasse de jogar um xadrezinho...

- Foi bom você ter-me procurado. Você trabalha?

- Apenas estudo.

- Nasceu aqui mesmo?

- Sim, eu sou filho do prefeito Floripes. Já o conheceu?

Elvego animou-se. As coisas estavam melhorando para ele. Não conhecia ainda o prefeito, é claro. Mas iria conhecer e com muito prazer. O que Elvego queria no momento era mesmo conversar com o rapaz. E se puseram a jogar, sem desprezar o diálogo, que, nesse caso, mais interessava a Elvego, embora Sival o tenha iniciado.

- É claro que você está sabendo do fato que ocorreu aqui em Botu, semana passada.

- Sim.

- Xeque - avisou Sival.

E Elvego continuou com o assunto, dando a entender que mais lhe importava a conversa do que o jogo propriamente.

- Por incrível que pareça, somente eu é que me tenho preocupado com o fato. Não sei se você está bem informado...

- ...estou.

- Pois bem. Estou só. Preciso de alguém que me ajude. E eu acho que não vou encontrar uma pessoa melhor do que você. Então?

- Mande as ordens. Que devo fazer?

- Preciso saber direitinho da vida desses dois homens. Você certamente os conhece muito bem. Assim creio.

Elvego não estava errado. Sival conhecia sim os dois homens enigmáticos. Sabia do comportamento daqueles que por uma semana inteira tomaram conta da atenção da população de Botu. Elvego interessou-se em elucidar aquele caso. Precisava de alguém que o ajudasse, mas não havia tido tempo ainda para encontrar esse alguém. Também só se deparara com pessoas que acreditavam ter havido mesmo ressurreição. Assim era impossível. Mas agora Elvego encontrou a pessoa certa. Sival preenchia, sim, todos os requisitos. E ficou acertado que os dois, no dia seguinte, passariam a estudar o caso.

- O senhor é mesmo um exímio jogador.

- Jogue, que eu quero lhe dar um xeque mate.

- Já?

- Você não deveria ter jogado com o cavalo. Permitiu, assim, que eu entrasse com a minha dama, com forte domínio da situação.

O resultado é que Elvego, então, ganhara uma partida de xadrez. Uma vitória sem muito trabalho, que deixou Sival impressionado.

- Boa noite, senhor Elvego.

Sival entendeu que Elvego estava cansado, e não se demorou na despedida.

Capítulo XI

Dona Cândida, pula belchinha!

- Se enxergue, moleque. Respeite os mais velhos!

- Candidinha, pula belchinha! - e as risadas dobravam.

Os garotos, a sua alegria era mexer com a pobre Cândida. Logo ela que não fazia mal a ninguém. Só tinha mesmo a mania de viver conversando. Quando não tinha assunto, inventava. Ia ela agora em direção à igreja. Soubera, por intermédio de Floresbela, a vintenária corista da matriz, que o padre Messias já havia regressado. Há quase uns quinze minutos saíra de seu ponto comercial, na feira. Estava já se aproximando da igreja de Santa Júlia. Verdade é que a distância entre seu banco de verduras e a matriz não era tão grande assim. O que a fazia demorar tanto para chegar à igreja eram as conversas que ela mantinha com cada pessoa com quem se encontrava.

- Dona Cândida, pula belchinha!

A velha a princípio até que reprimia a atitude dos moleques que a apelidavam. Depois foi deixando um pouco de lado. Que lhe importavam aquelas xingações? Prova de que era bastante conhecida naquela comunidade. Que a apelidassem. Receberia, doravante, aquele tratamento sem se contrariar. Não se importaria mais com aqueles atrevidos.

- Olá, minha filha, como vai?

Padre Messias, embora cansadíssimo da viagem que empreendera (tivera de ir à Capital tratar de assuntos junto à Diocese), deixava transparecer que era um homem dedicadíssimo ao seu apostolado e, por isso, mal chegara e já estava a postos. Procurassem-no a qualquer hora, em qualquer circunstância, e ele ali estava, pronto para servir; e para ser servido também. Cândida chamou-o ao confessionário. Queria confessar-se. Desabafar todos os seus pecados. A cidade vivia um clima que lhe parecia a chegada do fim dos tempos.

- Conte, filha de Deus. Conte todos os seus pecados.

A mulher linguaruda e querida de todos da cidade se pôs a falar. Disse ao padre que não era uma santa, mas esperava contar com a misericórdia de Deus.

- Perdoo, padre, perdoo tudo quanto a gentinha dessa cidade tem feito contra mim. Perdoo de coração.

- Isso são coisas de moleques, minha filha. Cândida queria se referir a falta mais grave. Julgara altamente pecaminosas as palavras que pronunciara contra o ladrão que lhe tirara o dinheiro. Arrependera-se por tê-las pronunciado. E ali estava para pedir perdão a Deus por aquele seu comportamento. Doravante, pretendia só desejar o bem a quem o mal lhe fizesse.

Passavam, nessa hora, vários meninos pela porta central da igreja e, ao vê-la, sem nem mesmo respeitarem a casa de Deus...

- Candidinha, pula belchinha!

- Veja, padre. Mas já disse que perdoo. Estão perdoados. Padre, eu sou uma pecadora. Talvez pior que Madalena... espere aí... não direi Madalena, pois não vou confessar aqui o que eu nunca fiz. E Deus que me guarde, que eu não faria isso jamais! Mas sou pecadora por outras coisas. Digo isto por causa dos males que me cercaram de uns dias para cá. Estou com o meu velho aleijado e um tanto adoentado. O pobre do meu neto Inacinho continua com um fastio enorme, está bem magro o bichinho. Tudo isso é castigo. Se eu estou recebendo tudo isso é porque pequei. Pequei, padre. E estou aqui para o senhor perdoar tudo quanto eu tenha feito de errado. Sei que não deveria andar por aí a fora falando. É verdade que eu não vivo a mexericar. Graças a Deus, que nunca me deixou fazer tal coisa. Só faço falar. Falar o que eu ouço das pessoas. Falar o que eu presencio. Mas só falo a verdade. Veja como eu sou conhecida aqui.

- É verdade.

Cândida não queria falar somente dos seus azares. Logo entrou noutra assunto:

- E os dois coitados, padre - começou a chorar - os dois coitados, que eu não sei se são coitados ou bem-aventurados. Receberam a graça que os nossos cinquenta e cinco irmãos mortos não alcançaram. Morreram e ressuscitaram. Aqueles dois homens tão conhecidos de todos nós. Dois compadres trabalhadores. Homens de suas casas. Aqueles homens receberam uma graça do céu. Estou dizendo alguma tolice, padre Messias?

- Absolutamente não, minha filha. Aqueles homens são dois santos.

- Padre, eu fui vê-los. Estavam calados, sem comer, sem beber. Durante uma semana, padre, uma semana. Era preciso o senhor estar aqui para ver.

- É... tive de viajar, minha filha. Aquele triste acontecimento...muitos de nossos irmãos mortos, de forma inexplicável... uma tragédia. Precisava falar com as autoridades superiores, na Capital. Mas agora aqui estou e aparecerei sempre por lá. Só os vi uma vez. Justamente no mesmo dia em que eles haviam sido cercados pelo mistério. Estou até com vontade de ir lá nesse instante.

- Mas, reverendo...

- Ora, Cândida, não se preocupe. Eu espero que você termine a confissão. Vamos, então. Diga mais.

- Não é isso, reverendo. Pensei que o senhor já soubesse.

- Soubesse de quê?

- Os homens...

- Que aconteceu?

- ...não estão mais lá...

- Quem os tirou?

Ao saber que tinha sido um estranho, esqueceu-se até de terminar o seu ofício. A confissão ficaria para outra ocasião. E com o rosto que denotava estar completamente tomado de ira foi na direção da casa do prefeito Floripes.

- Irresponsável! - dizia o padre com seus botões, durante todo o trajeto que separava a igreja da casa do chefe da edibilidade.

Ficou a feirante desnorteada. Não sabia o que fizesse. Mesmo assim, demorou ainda uns quinze minutos na igreja, tempo suficiente para rezar. E não deixou de rezar por todos os ladrões deste mundo.

- Oi, dona Cândida.

Respondeu ela ao menino franzino, e saiu. Ia já descendo o patamar, quando uma voz alta e muito fina tomou conta dos seus ouvidos.

- Dona Cândida, Candidinha, pula belchinha!...

Perdeu ela, de um momento para o outro, o controle emocional. Havia saído da igreja com o coração aliviado, mais compreensiva, disposta a perdoar, mas a paciência apagou-se do seu consciente e, então, ela asperamente respondeu:

- Miserável!

O menino, de nome Lhiono, filho do albergueiro Shiresto, levou um violento puxavão de orelha. Com isso, a velha ficou sorrindo, satisfeita. Que lhe importava ter saído da igreja onde se confessara e, logo ali na porta, não cumprir aquilo que prometera?

Curta, porém, foi a sua alegria. Um grupo de guris esperava-a adiante.

- Dona Cândida, Candidiiiiinha, pula belchinha!

A velha, como viu que não poderia dominar a gurizada, lembrou-se então do que havia prometido. Perdoar-lhes-ia.

Tudo, enfim, porque nada podia fazer.

Capítulo XII

Botu, na verdade, estava precisando mesmo de muita água para resolver o quadro triste e desolador que ali se instalara com a seca, resultado da ausência de chuvas por mais de quatro meses. O sol ardente

castigara as plantações, os animais. Zutza, o maior proprietário do município, via a sua plantação de mandioca morrer por falta do precioso líquido. Ele plantara muitos alqueires desse tubérculo da família das euforbiáceas.

Transcorria o mês de fevereiro e a estiagem persistia. Por isso era que o proprietário da fazenda Caju queria vender seu carrinho, aquele que constava dos planos do sabichão Alteíades. E tal aconteceu, pois a casa 345 da rua do Tambor continuou a lhe dar rendimentos. Deixara, assim, de ser o comerciante que sempre fora. Com o carrinho, a sua vida agora mudaria. Passaria a fazer o transporte de pessoas e de mercadorias, dos lugares mais distantes, para a feira de Botu. No momento, reconhecia, as coisas não andavam bem. A seca não poderia deixar de surtir efeitos negativos na vida econômica dos botuenses. A feira, então, caíra muito. Deixara de ser aquele feirão, ponto de convergência dos homens mais ricos do município. Passara a ser uma simples feirinha. No lago Borrado, os cardumes haviam diminuído, desaparecido, com a diminuição do nível de suas águas. É que a sua fonte de vida principal era o riacho Opá, e quando diminuía o seu volume d'água... Assim, Alteíades vivia torcendo para que a situação melhorasse, para poder explorar o seu carrinho.

Março trouxe, enfim, a salvação. Logo no primeiro dia o aguaceiro começou a cair. O lago Borrado, que a seca fez baixar de nível consideravelmente, voltava, agora, a tomar o volume de água que lhe era normal. E a fartura, novamente chegou. Peixe, nos primeiros dias da chuva, não em abundância verdadeiramente. Diremos que dava satisfatoriamente para o consumo. E os homens que tinham por ofício a pescaria naquele lago, deram-se pela falta de dois companheiros de muitas labutas. Nicolas e Atrias ainda estavam no hospital. A cidade inteira sentia a falta de

dois grandes pescadores que, com o seu labor, contribuía com boa oferta de peixes na feira da cidade. A pescaria, enfim, era uma das maiores atividades dos botuenses. E, na sua exploração, dois homens se sobressaíam: aqueles que, para a tristeza de todos os botuenses, estavam hospitalizados.

- Vocês precisam ter mais atividade. Têm pescado pouco peixe - dizia um dos vendedores de peixe a Bertínio Ipoeira, também pescador no lago Borrado.

- Como podemos, se nos faltam os nossos mestres? A culpa não é da gente.

Na verdade, pescadores de fama comprovada e incontestável eram Nicolas e Atrias. Os outros apenas o faziam sem o conhecimento das técnicas, embora rústicas, mas sempre capazes de perseguir o cardume e de apanhá-lo; técnicas essas empregadas pelos dois pescadores agora ausentes.

Até nisso Botu sofria. Era uma verdadeira avalanche de azar que caía sobre aquela população. Os dois profissionais da atividade pesqueira, de cuja competência dependia o sucesso na produção de pescado, estes se achavam lá, num leito de hospital, sem que se soubesse, sequer, quando eles haveriam de voltar. Mas apesar da ausência dos dois competentes pescadores, a pesca, mesmo assim, ia sendo desenvolvida. Poucos eram os resultados dos trabalhos; mas pescava-se.

Capítulo XIII

Para Elvego Doso de Riela, um homem recém-chegado àquela comunidade, era de se esperar que ele ficasse alheio aos problemas que por ali estavam aparecendo. Tal não acontecia, porém, visto ser ele um homem dinâmico. Não era ele um intrumetido. É que via mesmo que a sua intervenção nos assuntos da cidade só traria o bem. Conhecedor que era de assuntos os mais

diversos, aplicava, ali, a sua técnica. E logo se tornou revelação, como se fora um herói. É bem verdade que tal “heroísmo” só era reconhecido pela população botuense. Sim, porque as autoridades, estas eram verdadeiras desinteressadas. Viam o problema e dele se esquivavam. Deixavam as rédeas correrem frouxas. Se tal estava acontecendo, era porque Deus assim o queria. E ninguém podia modificar os planos de Deus. Assombraram-se, pois, quando viram ali na cidade um homem dinamicíssimo. Um homem para quem não havia problemas difíceis nem insolúveis, pois para estes é que volvia a sua atenção com acuidade e, imediatamente, ele ia achando as clareiras que lhe dessem passagem para a pronta solução.

Numa tarde, um homem assomou à porta do albergueiro Shiresto. Este o conduziu até onde estava um homem com os olhos sobre as páginas de um livro, lendo atentamente.

- Chama-se Elvego o senhor?

- Sim.

- O prefeito Floripes deseja lhe falar.

Elvego iria falar com ele sim. Tinha, aliás, uma forte ansiedade para fazê-lo. Não o tinha feito ainda, porque tempo não lhe sobrava. Agora mesmo estava prestes a terminar a leitura sobre assunto médico que lhe pudesse explicar o que ocorria com os dois homens enigmáticos. O homem das soluções, prazerosamente, fazia-se escravo na busca de cada uma que se ajustasse ao problema com que se deparasse. E as soluções, muitas soluções a que teve de chegar tomaram-lhe, evidentemente, muito tempo, impedindo-o até mesmo de contactar com o chefe da edilidade, o qual, segundo lhe informaram, vivia na sua atividade rotineira, sem muita preocupação, mesmo que o mundo estivesse se acabando. Era de casa para a prefeitura, da prefeitura para casa. Fazendo o que, não se sabe.

Elvego, verdadeiramente um homem de bons propósitos; Elvego que ia enfrentar sem temor o chefe de uma cidade sem rédeas para governá-la; Elvego que nada temia.

Capítulo XIV

Não importa que idade se tenha. Pessoas adultas muitas vezes ficam a praticar verdadeiras meninices, quanto mais um rapazola lá pelos seus quinze anos. Aí sim. Osival Sahino, o Sival de seus passarinhos e o campeão de xadrez, o rapaz bem comportado, filho de Floripes, achou de fazer uma traquinagem. Verdade é que nunca andava desprevenido de dinheiro. Sempre era visto comprando e trocando passarinhos. Mas, talvez porque estivesse duro nesse dia ou mesmo porque quisera fazer algo que jamais tenha feito, achou de, numa noite, ir até a bolsa do velho seu pai. É que concordara com um vizinho muito travesso que no dia seguinte alugariam uma bicicleta.

E assim fez. Aproximou-se da cama do pai. Pensara em tudo. Se o velho percebesse, diria que ali estava, porque precisava fazer xixi. Vinha, portanto, atrás do penico. Este, o velho o punha todas as noites debaixo da cama. Para a sua sorte ele nem sequer suspirou. Estava num sono profundo. Dormia o sono de um justo. Puxou, então, a bolsa que estava na calça e tirou uma cédula. Não pôde sequer verificar a quantia ali estampada. O escuro dominava o quarto.

Durante aquela noite chovera bastante, com relâmpagos e trovões fortíssimos. Quando amanheceu, entretanto, um sol muito brilhante começou a despontar por sobre as pequenas elevações que dominavam os horizontes do lado oriental de Botu.

- Como é, a gente vai mesmo?

- Claro, Beto.

E desceram os dois. Sival e Beto.

- Lá na rua da Pedra, na casa de Didi.

- É lá mesmo. Parece que só tem ele aqui para alugar bicicleta.

- Tem outro, sim. Mas é longe. É melhor lá mesmo.

E, nessa conversa, chegaram. Tiveram de andar uns dois quilômetros.

- Dois filardis a hora. E só alugo, porque é a você, Sival. Esse pestinha que veio com você é um safadão. Quando é que me paga, heim?

- Besteira, seu Didi - acrescentou Sival.

Acharam logo de sair os dois montados.

- Cuidado, Beto. Muito cuidado. Essa ladeira é perigosa.

Era verdade. A rua da Pedra era uma ladeira muito perigosa. Muitos acidentes ali já tinham ocorrido. Ninguém nunca se esqueceu do carro que, perdendo os freios, atropelou quatro crianças. Elas morreram no próprio local do acidente. Nem disseram um ai, coitadas.

E o veículo foi ganhando velocidade.

- Ih, Sival, tem freio não. Te segura aí.

- Não brinca, seu...

- Não estou mentindo não. Veja.

- Meu Deus do céu!

Adiante era um trecho muito estreito. E o pior era que havia uma valeta de cada lado. Fundas, é verdade. Mais de dois metros cada uma, escavadas pela forte chuva que caíra durante toda a noite.

- Venha para casa, seu pestinha! - gritava em altos brados uma velhinha que corria atrás de uma criança.

Sival reconheceu aquela mulher imediatamente. Tratava-se de dona Lalá, a lavadeira de sua casa.

- Saia do meio, dona Lalá.

Tarde demais. Ainda bem que Beto agiu com toda a cautela. Defendeu o quanto pôde a velhinha, mas eles...

Gabriel limpava os vidros de um balcão, quando adentrou o seu estabelecimento um homem que lhe foi logo ordenando:

- Vamos, corra, corra, venha fazer aqui uns curativos.

E o boticário:

- Sival! Que você andou fazendo?

- Não é hora para perguntas, seu Gabri.

E, em poucos minutos, a cabeça de Sival estava toda enfaixada. Quanto a Beto, este sofreu apenas uns arranhões. Ferimentos, aliás, levíssimos.

- Pode ir. Quer que eu leve você, Sival?

Ele não queria companhia. Não sabia como explicaria o fato. Que deveria dizer ao chegar a casa?

Era já meio-dia. Ao chegar, encontrou as portas cerradas. Sabia que aquilo era costume. Estavam almoçando. Bateu.

- Desculpe, hoje não podemos dar esmolas.

- Mas, papai, sou eu.

- O quê??

O velho quase desmaiava.

Capítulo XV

Tão alta era a discussão, que chamou a atenção dos passantes.

- O senhor precisa ser mais responsável. Afinal, trata-se de um prefeito. E como se pode conceber um homem investido nesse cargo que nem sequer cuida dos problemas de relevância que acontecem na cidade? Um irresponsável, um verdadeiro irresponsável é o que eu posso dizer de você. De que me valeu tanto trabalho? Eu que lutei desesperadamente na última campanha! Tudo porque eu fazia de você um homem de iniciativa; um homem de pulso que se interessasse em dar soluções aos nossos problemas. Mas, que vejo eu? Uma lesma. Movimente-se, homem!

O prefeito ouvia calado. Só ele mesmo sabia as amarguras que lhe dilaceravam o coração. Aguentou o quanto pôde os desaforos daquele padrego. O reverendo, não podia ele negar, era a pessoa a quem devia o sucesso na campanha eleitoral que encetara contra um político de fama, como era o Pedro Honorato.

- Irresponsável!

- Basta. O senhor só vê os problemas da cidade. E não pense que eu estou alheio a todos eles. Na verdade, eu não posso é achar soluções para o impossível. Não sou irresponsável como o senhor diz.

A família ouvia apreensiva a discussão. Num canto da sala via-se a figura de um rapaz. Cabeça envolta em faixas e esparadrapos, tinha a mãe perto. Acabava ela de lhe trazer um copo d'água.

- Não sou um irresponsável como o senhor apregoa. Eu tenho cuidado dos problemas que têm afetado a nossa comunidade. Na medida do possível, é verdade, mas tenho me preocupado. Além disso, quem calça o sapato, sabe onde ele aperta. O senhor não há de escurecer isso. Veja só ali - e apontou para um canto da sala - Não conhece aquele rapaz ali? Pois veja: venha cá, meu filho.

- Sival?!

- Ora, padre, parece que todos nós estamos pagando por alguma coisa errada que praticamos. Uma verdadeira avalanche de azar vem descambando sobre nós. Pensa o senhor que eu esqueço um só minuto os cinquenta e cinco botuenses que desapareceram há poucos dias? Tenho feito muito pelas viúvas, pelas crianças órfãs, enfim por todos quanto perderam seus familiares naquela hecatombe daqueles dias de carnaval. Eu lhe confesso, padre, que eu nunca havia brincado carnaval. Era a minha primeira vez. Estava possuído de uma imensa alegria. Começava mesmo a gostar da festa. Uma alegria contagiante tomava conta de mim.

Desmoronou, contudo, como se fora um castelo de cartas. Oh, Deus do céu, ajudai-me!

- Sim, foi realmente uma desgraça - concordou o padre Messias.

- E mais essa agora, padre. O senhor que tão bem conhece o Sival...

- Menino bem comportado.

- Quem diabo foi que colocou na cabeça dele para andar de bicicleta alugada? E logo onde! Naquela maldita ladeira da Pedra, um lugar onde sempre têm ocorrido desastres.

- Andou causando dores de cabeça ao seu pai, não é, Sival? - observou o padre, colocando a mão sobre o ombro do rapaz, enquanto este, encabulado, não quis dar uma palavra.

O padre, que ali estava, porque não se conformara com o que tinha sido feito com os dois homens enigmáticos, não podia abandonar o propósito que o levava até a casa do prefeito.

- Mas o senhor devia ser mais prevenido. Veja então: chega um estranho aqui, retira os dois homens da cidade, sem procurar, sequer, entrar em contacto com o senhor. O que acha disso? Está certo o que ele fez? E é correto esse seu desinteresse pelo caso?

- Calma, padre. Eu já tomei as providências. Mandei...

Um carro buzinou lá fora.

- ...devem ser eles.

- Eles quem? - inquiriu o padre.

- Eles, os dois homens, Nicolas e Atrias. Quero que eles fiquem, agora, na minha casa. E desafio quem se atreva a tirá-los daqui.

Não se tratava, verdadeiramente, de outras pessoas. Nicolas e Atrias acabavam de chegar. Floripes mandara buscá-los na ambulância da prefeitura.

- Ainda bem que você fez uma coisa certa - deixou escapar o padre, meio aliviado.

Os dois homens não se encontravam em perfeito estado de saúde. Haviam recebido alta do doutor José Levino, chefe do hospital de Divinópolis, onde estavam internados. Andavam ainda naquela leseira, naqueles passos desengonçados, olhares temerosos, tudo indicando que as circunstâncias vivenciadas ainda influíam decididamente no comportamento de ambos.

De súbito, a voz de um estranho se fez ouvir na sala. Intervinha sem ser chamado para o diálogo que se desenvolvia entre o padre Messias e o prefeito Floripes, sob os olhares dos familiares deste, além dos dois homens enigmáticos recém-chegados.

- Saibam os senhores que estão errados, muito errados. Que tipo de autoridade são vocês?? Que poderão vocês fazer por esses dois infelizes?

Ligeira pausa, durante a qual houve o cruzamento de olhares que se interrogavam; olhares fuzilantes.

- Quem é o senhor? Não vê que colocou o carro na frente dos bois? - sentenciou o padre Messias.

- O senhor saberá. Mas antes, direi que não vou dar a minha mão à palmatória. Façam de mim o que quiserem. Expulsem-me daqui, inclusive. Sei que o desejo de vocês chega a tanto. Contudo, antes eu quero lhes dizer que tenho a consciência tranquila. Ah, isso eu tenho! Não fiz nada de grave de que possa ser acusado. Crime algum cometi. Então, chega-se aqui nesta cidade a qual estava acabando de sair de uma seca que quase a riscava do mapa...

- Pensa que por aqui não existe autoridade com a qual deveria antes de tudo falar?

- Não pensei tal coisa. Agi como agi e acho que cumpri aquilo que qualquer pessoa de bom senso faria. Estive no local onde estavam os dois homens. Esses dois coitados que aí estão. Ali eu esperava encontrar as autoridades. Sim, porque elas existem é para lutarem e trazerem a solução para os problemas que surgem numa comunidade. Lá, porém, vocês não se encontravam.

Soube, por muitas bocas, que vocês estavam fora da cidade. Que fazer, então? Porque eu encontrei todos de braços cruzados, deveria eu também ficar? Ora, como poderia? E como poderia eu suportar um desonesto a arrancar dinheiro dessa população ignara? Sim, lá encontrei um descarado, um tal de Alteíades que ainda hoje vive a me rogar pragas. Tudo porque a minha intervenção tinha o propósito de impedir que ele ficasse na sua esperteza, arrancando dinheiro do bolso dos pobres habitantes dessa cidade. Era justo que um monstro desse continuasse a sua exploração?

- Mas o senhor chega na casa alheia, faz do que fez e ainda diz estar com razão?! - arrazoou o padre, sarcasticamente.

- Admira-me que tal afirmação parta exatamente do senhor.

- Por quê?

- Não prega o senhor que se deve fazer o bem?

- Forasteiro atrevido! - retorquiu o reverendo exasperado.

- Calma, reverendo, calma - interveio conciliador o prefeito que começava a compreender que Elvego lhe podia ser útil.

Nicolas e Atrias, que acabaram de chegar, estavam sentados nos braços de uma poltrona. Continuavam no mutismo de sempre. Mantiveram-se, portanto, alheios ao que se passava ali na sala.

- Ao invés de o senhor insultar-me, devia, pois é um representante da Igreja, cuidar desses dois infelizes - arrematou Elvego, apontando para a poltrona - Não só o senhor, mas todos nós, que nada ganharemos em estarmos discutindo.

- Eu exijo uma medida de sua parte, Floripes - enfatizou o padre - Expulse-o da cidade. Não quero vê-lo mais na minha frente. Não esperarei muito tempo. O meu prazo é de um dia só.

E saiu.

Elvego, agora, percebeu que poderia ficar mais à vontade. Com o prefeito Floripes achava que podia dialogar, entender-se. E ele não estava enganado quanto ao pensamento que acabara de formular, pois Floripes, na verdade, é que estava de olho nele, achando-o mais vigoroso em seus argumentos do que o padre Messias.

Capítulo XVI

Fizera o doutor José Levino todos os exames que lhe pareceram necessários. E todos o tranquilizaram. Os dois homens estavam sem nenhum problema físico. Mostravam, no entanto, uma aparência de quem sofrera uma espécie de choque, um abalo enorme. Daí a maneira como continuavam se comportando, sempre calados, cismados, comendo pouco. E estava o doutor resolvido a dar alta aos dois compadres, quando, no hospital que dirigia, apareceu o homem que levara o pedido do prefeito Floripes. Trazia o pedido de remoção dos dois homens enigmáticos. Eles, àquela altura, já eram motivo de comentários para a população divinopolitana.

O chefe do hospital não teve motivo nenhum para se queixar do pedido do prefeito, pois este chegara, quando o médico já havia resolvido dar alta a Nicolas e a Atrias. Não adiantava mesmo eles ficarem ali, quando mais nada podia fazer por eles.

Pensara Elvego em ir até Divinópolis. Parecia-lhe que o doutor José Levino não dera mesmo tudo de si na apreciação do mal que atingira aqueles dois pobres homens. Desistiu logo, depois de fazer algumas conjecturas acerca da sua competência, pois, como pôde ver pessoalmente, se tratava de um excelente discípulo de Hipócrates. O problema, agora, era dele. Somente dele. Restava-lhe, ainda, muito tempo. Tirara férias bem longas. Não havendo ninguém na cidade com quem pudesse contar, arregaçaria ele mesmo as suas mangas e

se poria à frente daquele caso que o estava deixando intrigado deveras. As informações que conseguiu junto a Sival em muito serviriam. Ficou sabendo de muita coisa sobre Nicolas e Atrias. Falaria com o senhor Floripes. Tinha quase certeza de que da parte dele receberia o apoio de que estava necessitando. Pedir-lhe-ia que deixasse aqueles dois homens sob sua orientação, assim se determinou.

Na prefeitura, foi logo direto ao assunto. Pediu a Floripes que deixasse Nicolas e Atrias sob sua responsabilidade. Prometeu que daria tudo de si. Não havia nada a temer. Era um homem que sabia onde colocar o seu nariz. Não era nenhum imprudente, justificou-se. Continuará com a missão que ora se propunha assumir até o momento em que sentisse o completo restabelecimento daqueles homens.

- O senhor tem carta branca para agir. Aquele padrego já se meteu muito no meu caminho. Que ele não se intrometa mais. A partir de hoje o senhor poderá ir a minha casa. Lá estão os homens, doravante sob sua responsabilidade. Afinal, eu nunca acreditei que o que aconteceu com eles é coisa ligada a mistério. Deve haver uma explicação para aquilo.

- E por que o senhor não procurou cuidar no sentido de pôr logo fim àquilo?

- Senhor Elvego, é uma estória bem longa. É até vergonhoso o que tenho a lhe dizer. Aquele padre, foi ele quem, na verdade, me pôs na prefeitura. Por isso nunca deixou de intervir na minha administração. Sempre tinha de fazer tudo quanto ele me ditava. A partir de hoje, porém, as coisas mudarão. Chega!

- Não é preciso o senhor romper em definitivo com ele. Afinal, ele, inclusive, poderá nos ajudar.

- Não espere isso dele. Quando não se faz o que ele quer, não existe acordo. É um prepotente. Vigarista. Isso mesmo.

O prefeito, a princípio, não esclareceu por que rompera tão repentinamente com o padre. Depois é que deu a entender que assim fizera, porque contava agora com um homem que o podia ajudar, um braço forte, enfim. A verdade é que ele precisava de uma pessoa assim, capaz de enfrentar os argumentos sempre vigorosos daquele padeco. E, com Elvego Doso de Riela ali para ajudá-lo, ele não poderia temer. Levaria avante aquilo que há muito pretendia realizar: separar-se da influência do padre, livrar-se de suas artimanhas. Viu em Elvego um instrumento com o qual poderia novamente se lançar noutra campanha eleitoral e sair vitorioso. Ficara, aliás, muito contente, quando viu chegarem os dois homens. Mandara um secretário até Divinópolis. E o seu pedido foi levado em consideração. Estava com os dois homens na sua casa. E agora era Elvego quem vinha rogar-lhe para cuidar dos dois compadres. Por que não permitir? Claro. Tê-lo-ia, de agora em diante, como a pessoa de quem extrairia orientações corretas para a boa administração da cidade. Isto lhe daria, com certeza, uma maior popularidade entre os botuenses, coisa de que mais necessitava no momento, pois as eleições não tardavam a chegar.

Capítulo XVII

Era domingo. O púlpito da igreja de Santa Júlia seria ocupado mais uma vez pelo reverendo Messias. E o fazia dessa vez com o espírito carregado das críticas que tinha em mente fazer não só contra a população de Botu, como também contra o cretino do Floripes, um homem que agora para ele não reunia as condições exigidas para ocupar um cargo tão relevante como o de prefeito. Ameaçado que estava de perder o prestígio que mantinha junto ao chefe da edilidade, não fazia questão de perdê-lo de vez, pois, face à presença de Elvego perto do prefeito, facilmente desconfiou que com Floripes

nunca mais voltaria a ter boas relações. Era, portanto, a sua vez de delatar as irregularidades que tão bem conhecia. Doía-lhe ter que se restringir à vida pastoral, propriamente dita. Na verdade, era muito bem dotado de qualidades que só se encontram num verdadeiro político. Poderia candidatar-se, mas aquela população ignara não podia conceber um padre protagonizando assuntos políticos. Jamais.

As naves da igreja estavam com todos os seus lugares tomados de fiéis. Aquele templo, dominicalmente, sem exceção, ficava lotado. Acostumara-se a população mais idosa de Botu a assistir à missa das seis horas da manhã. Não se constituía, pois, novidade o fato de a igreja estar repleta de fiéis. Sabia o reverendo que ali, naquele dia e hora, se faziam presentes as pessoas mais avisadas do lugar. E essa era ocasião mais que excelente para dar vazão aos seus propósitos. Estes agora seriam concretizados numa das práticas que havia tempo não era feita do púlpito da matriz da cidade. Ansiosamente, o vigário esperava o momento para se lançar na sua oração. Seria, também, nada mais nada menos que um desabafo. Não iria ser uma peça magistral da verdadeira oratória, mas que surtiria efeito retumbante, disso ele tinha certeza. Floresbela, corista antiga, mais antiga na paróquia do que o próprio padre Messias, ficou atordoada. Nunca vira o padre de modo tão diferente, com um comportamento que lhe dizia sobre algo fora da rotina que estava por acontecer. Sim, porque o padre sequer atendia ao ritual, dele tão conhecido, os cânticos tão bem ensaiados... Floresbela, naquele domingo, ficara praticamente sem o prazer de fazer ecoar as vozes daquele coro tão dedicadamente dirigido por ela.

A corista estava correta em suas previsões, pois foi com passos firmes que, após a leitura do Evangelho, padre Messias se dirigiu para o púlpito. Começou dizendo que Botu era uma cidade infeliz, mas,

felizmente, se sabia a razão de tamanho infortúnio. Desgraçados seriam os botuenses, se eles fossem cegos a ponto de não enxergarem aquilo que estava tão ao alcance dos seus olhos. A causa de toda a miséria de Botu estava na própria Botu, com sua gente ignorante e, o que era pior, sem ter ninguém que a soubesse conduzir.

- Caríssimos paroquianos, como eu queria que o Espírito Santo me iluminasse a mim e a todos vocês. A mim, para que pudesse fazer chegar a vocês as verdades ocultas por artifícios dos que se dizem prontos para fazerem o bem, quando, na realidade, a intenção não é o bem geral da comunidade, mas o próprio interesse. E pediria que também o Divino cobrisse todos vocês de luz, porque de nada valerá que eu leve a todos vocês essas verdades, se vocês não podem ouvi-las. Seria chover no molhado.

Ligeira pausa, para limpar o suor do rosto.

- Ah, minha querida Botu. Por quantos dissabores tens passado! Não faz muito tempo, cinquenta e cinco pessoas tiveram ceifadas as suas preciosas vidas. Que Deus os tenha a todos no lugar que Ele reservou para os infortunados. Como devem todos vocês se lembrar, tudo isso motivado por erros que partiram de vocês mesmos e cuja culpa maior está na pessoa a quem entregamos as chaves da nossa cidade. Pois, caros paroquianos, quem é o responsável por essa festa que nos trouxe tantos malefícios? Tinham, além disso, todos vocês condições econômicas para despender com a fundação de mais clubes sociais, com a ornamentação de nossa avenida principal? Tinha, enfim, a cidade, que vivia mergulhada na secura motivada pela ausência das chuvas, condições para realizar nenhuma festa por menor que ela fosse? Todos vocês haverão de entender que as minhas reprimendas têm como destinatário principal aquele que nos governa a nós, aquele em quem depositamos a nossa firme confiança, pois nele víamos um homem de bem.

Botuenses, em que mundo estamos nós? Que verdadeira falta de competência se tem presenciado aqui em nossas plagas! Não devemos considerar como um castigo do céu tudo isso que de ruim nos aconteceu. Deus não haveria de permitir que uma população tão ordeira como a nossa sofresse castigos, quando nenhum grande pecado cometeu. A origem dessa desgraça deve estar por aqui mesmo. Alguém a provocou. É hora, pois, de perguntar: com que propósito agiu o nosso prefeito naquele movimento que encetou nos dias que antecederam a festa de momo? Era porque tinha em mente trazer-lhes alegrias, felicidades, as quais fizessem a nossa população esquecer um pouco as dores por que estava passando? Isto, não tenho dúvida nenhuma, haverá de ser o argumento em que ele se apoiará para dar corpo a sua defesa. Não comungo, porém, da esperteza que considere todos vocês verdadeiros néscios. Não falo com temeridade, nem fazendo suposições. Aquilo que estou dizendo acerca do nosso prefeito, digo-o sem nenhum constrangimento. Digo-o com a consciência tranquila de que não estou cometendo a menor injustiça. É uma verdade por demais clara. Não foi outra, caríssimos irmãos, a intenção do senhor Floripes ao incentivar tão animado entrudo. Realizando tal promoção - acreditava ele - conseguiria, na certa, a retomada de sua popularidade. Não estão próximas as eleições? Foi este, e não outro, o propósito dele, quando concitou todos vocês, desde os comerciantes até as pessoas de renda mais baixa para colaborarem com a organização das festividades carnavalescas. E, infelizmente, ele conseguiu fazer a festa. Vocês se deixaram levar e a verdade é que o ladrão de consciências conseguiu botar seu nome em evidência.

Já a essa altura, todos, na igreja, sentiam a que ponto queria chegar o reverendo. E este, apesar de notar que um certo número de pessoas se ia evadindo, não perdeu, com isso, a força dos seus argumentos, nem a

seqüência dos seus pensamentos. Quem não quisesse ouvir, saísse. Claro é que ele contaria com o apoio da maioria dos botuenses. Disso ele tinha certeza. A tal conclusão logo chegou, porque a evasão não passara de mais de dez por cento dos fiéis. Aqueles, certamente, estavam do lado oposto. Que saíssem. Não lhe faziam falta.

E o pároco retomou a sua linha de pensamento:

- Botu sofre uma ameaça. E é preciso que seus filhos não fiquem de braços cruzados. Sou eu quem está advertindo todos vocês. Como sabem, a Igreja não quer outra coisa, a não ser o bem para a humanidade. Por isso é que ela trabalha, lutando contra tudo e contra todos, numa luta honesta, numa luta de bons propósitos. E como a seara do Senhor jamais teve inerte a sua colheita, que cada um de nós dela também participemos. Disse o nosso Divino Mestre que a árvore que não prestasse deveria ser cortada e lançada ao fogo. Um estranho pernicioso é essa árvore que o povo dessa minha querida cidade deve cortar. Não podemos ser hospedeiros de pessoas cuja intenção é nos levar ao dismantelo de tudo, à negação do princípio de autoridade. Este é o apelo que eu faço a todos os fiéis. O tal Elvego Doso de Rielá é um sacrílego. Preciso, portanto, do apoio de vocês. Que façamos a partir de agora uma campanha para expulsar esse excomungado do seio da nossa sociedade. Além de sacrílego, ele é um covarde, pois se valeu da minha ausência para tirar os dois homens santos da casa 345 da rua do Tambor. Botu, na verdade, estava precisando de um milagre que viesse pôr termo as nossas amarguras. Até que nos caíram do céu aqueles dois pescadores. Eles nada mais podem ser do que enviados do céu. Eles, sim, são o nosso conforto espiritual. Deus os mandou para que a eles nós pudéssemos as orientações, através das quais nós pudéssemos sair das dificuldades que atingem as nossas vidas, meus irmãos botuenses. Portanto, urge que vocês

encetem uma campanha contra o estranho e este prefeito que só estão nos causando problemas. Estão eles apossados de Nicolas e de Atrias, como se aqueles dois santos fossem propriedades suas, quando, na realidade, são verdadeiros enviados de Deus. Tomemos, pois, e os coloquemos lá naquela casa da rua do Tambor. Em todos vocês eu deposito a minha confiança. E..

Não pôde continuar. Uma intensa balbúrdia se fez escutar dentro da matriz. Lá fora algo estranho estava acontecendo. Àquela altura, poucos eram os botuenses que, na cidade, se encontravam dentro de suas casas. O céu era o lugar para onde eles tanto olhavam. Algo estranho estava acontecendo mesmo.

Padre Messias não conseguiu terminar a sua prática, mas dissera muita coisa do que tinha a dizer. Por isso não ficou exasperado com a evasão de todos os fiéis de dentro da igreja. Aliás, até ele deixou o púlpito e foi se juntar à multidão que viajava com os olhos pelo céu.

Capítulo XVIII

De uma gente ordeira poucos são os comportamentos inadequados que dela se pode esperar. Botu levava uma vida certinha, harmoniosa. Cidade onde havia o respeito. Era, aliás, povo de uma religiosidade considerável. Preservava sempre o legado moral que lhe deixavam os avoengos. A decência era o que mais se constatava nas relações entre as pessoas, onde as mais jovens reconheciam a sua condição de obedientes às orientações das mais idosas, nelas reconhecendo a fonte de onde brotavam os sábios conselhos sempre admitidos sem contestação. Escândalo era coisa cujo registro ali nunca foi posto à mostra. Só mesmo o de Alteíades, assim mesmo porque a população fora hipnotizada pela propaganda daquele espertalhão. Afora isso, tudo era normalidade. Cada um no seu mister, cada um na sua atividade simples de

gente que não tem muita ambição. No comércio, então, reinava a honestidade. Quanto a Testinha, adolescente problemático, a pertinaz contumácia na subtração dos bens alheios a ninguém escandalizava; pelo contrário, todos já sabiam de quem ele se tratava e, por isso, sempre se mantinham de olhos abertos.

A cidade pacata, porém, entrara em polvorosa. Muitas pessoas precipitaram-se na confissão de comportamentos estarrecedores. Vieram à tona escândalos e mais escândalos, práticas pecaminosas, muitas delas camufladíssimas; outras, patentes, mas dissimuladas pelo poder de convencimento dos seus autores. A razão de tudo isso foi o fato de, por algumas horas, as pessoas haverem pensado que o fim dos tempos havia chegado. Morreriam naquele mesmo dia, quem sabe naquele mesmo momento. E doía-lhes morrer carregando a cruz do pecado. Havia praticado erros e, porque a morte se aproximava, abriam suas consciências, anunciando aos seus semelhantes o véu negro que guardavam dentro de si, pare se aliviarem. O inválido João Ventura - aliás, Ventura era apenas um apelido adquirido na profissão de vendedor de verduras, pois, por um problema em sua fala, sempre pronunciava “ventura” no lugar de “verdura” - ele, casado com a nossa tão conhecida Cândida, quase sofreu uma síncope, quando sua mulher lhe confessou ter praticado adultério, muitos anos atrás. Contou as circunstâncias e adiantou que seu marido quase a surpreendia em flagrante delito. Sorte dela, pois houve tempo para fazer sair o seu ocasional amante. Ele desapareceu sem jamais pôr os pés naquela cidade. É que conhecia a fama de valentão que tinha João Ventura. E tudo isso ocorreu no tempo em que o vendedor de verduras tinha as suas pernas; homem do seu lar, vivendo só para a sua mulher e seus familiares, mantendo a todos através do trabalho que desempenhava com a maior satisfação.

O temor da morte fez com que Cândida desvendasse o mistério, o seu mistério que tão bem guardara e que nunca lhe passou na cabeça tal dia chegar. Senhora de já seus setenta anos, levava uma vida honesta, trabalhando para o marido inválido que vivia da cama para a cadeira de rodas e vice-versa. Vivia também trabalhando para o seu netinho Inácio, chamado carinhosamente de Inacinho, que lhe era a coisa mais cara neste mundo e cuja mãe, Irene, filha dela e de João Ventura, abandonara a casa dos pais e não dera notícia nunca mais.

Mulher tão boa a Cândida! Tão conhecida pelos botuenses! Uma alma boa, uma mulher sem defeitos. Somente aquela mania de viver conversando. Parecia ter bebido água de chocalho. E quem haveria de pensar que no seu passado existia um ponto negro? Jamais se poderia fazer tal pensamento. Isso era impossível diante do seu comportamento no meio dos botuenses. Mas confessou o seu erro. João Ventura, apesar de inválido, dela não mais quis saber, depois que os vexames passaram. Aquela alma de demônio. Pura como ele pensava que ela era, e agora! Mostrou a face de lobo; lobo que escondia na sua pele de ovelha mansa e boa e agradável e fiel. Não quis mais saber de Cândida, a mulher que para ele era tudo, no amor e na necessidade para viver, após o acidente que sofrera.

Não ficou somente na pessoa da mulher vendedora de verduras a aparição dos comportamentos indevidos de muitos habitantes daquela cidade do fim do mundo. Alteíades, porque não ignorava que o seu gesto tinha sido uma verdadeira espoliação, também ajoelhava-se e pedia a Deus perdão pelos pecados que cometera. Valera-se, é verdade, da credulidade do povo botuense para lhe arrancar dinheiro, cobrando dois filardis dos que queriam ver os dois homens enigmáticos. E assim foi, como sabemos, que ele conseguiu tirar o pé da lama. Deixar de ser um

comerciário que vivia do seu salário que mal dava para prover as suas necessidades mais elementares. Poria à disposição da Igreja todo o seu patrimônio. Não se importava em voltar à pobreza. Importante era-lhe a salvação. A consciência, somente agora, com a aproximação do fim do mundo, é que lhe doía. Perderia tudo, mas o que ele desejava mesmo era a salvação da sua alma.

Quanto mais piorava a situação, mais e mais apareciam pessoas confessando os erros que haviam cometido. Agora, era o Testinha. Acostumado desde cedo à usurpação das coisas alheias, fora ele, na verdade, quem tinha praticado o furto do caixa de Anastácia. Confessou que se aproveitara do momento em que a dona da loja de discos se afastara para trocar uma cédula na loja vizinha. Oportunidade melhor não teria. E retirou todo o dinheiro que na gaveta havia. Não podia devolver a quantia que tirara. Gastara-a toda.

- E quanto à importância roubada de dona Cândida? - inquiriu o sargento Antunes que estava presente e passou a interrogar o larápio, quase na certeza de que ele confessaria ter sido ele mesmo o autor daquele furto.

Não. Não tinha sido ele. Jurou, inclusive. Queria ver-se livre de qualquer peso na consciência. Arrependera-se, como fizera o bom ladrão. E com isso acreditava que salvaria a sua alma.

- Eu juro, juro. Não fui eu.

Ele, realmente, com toda a sinceridade que demonstrava, não denotava ter sido o autor do furto que diminuiu o numerário da vendedora de verduras.

Mais de trinta confissões se verificaram. E a última de que se teve conhecimento foi a do jovem Osival Sahino, o nosso já tão conhecido Sival, o rapaz dos seus passarinhos, o rapaz que amava o jogo de xadrez, enfim o Sival, filho de Floripes, o prefeito.

- Pequei, pai...

Dissera ao pai como agira no dia anterior ao desastre que sofrera.

- ...mas, filho, era só pedir.

Floripes, quem sabe, estava dizendo que não importava o que fizera o filho, porque ele também via a situação ficar preta, e sabia ter praticado algo errado. A morte de cinquenta e cinco pessoas tinha tido como uma das causas não outra coisa, senão a sua ambição, justamente seu desejo de ver crescer a sua popularidade perante a população. Disso ficaram sabendo os botuenses, sobretudo depois da denúncia do padre, em seu último sermão. Somente ele é que não queria confessar isso.

Pôde, assim, a cidade ficar sabendo das podridões dos seus habitantes, graças ao estranho objeto que, circundando Botu, lhes causou muito pânico, a ponto de pensarem haver chegado o fim deste mundo. Mas o objeto, depois de muito circundar por sobre a cidade, por cerca de quatro horas ininterruptas, desapareceu, constituindo-se, assim, em mais um enigma que aparecia ali por aquelas bandas. Em muito mudaria a cidade de Botu dali em diante.

Capítulo XIX

O susto passara e não passara. Certo é que por algumas horas a população botuense voltara quase à normalidade de antes, depois do desaparecimento do estranho objeto para o lado norte da cidade. Mas, depois, correu uma notícia entristecedora. Dessa vez, Cândida, apesar de muito contristada por haver perdido a companhia de João Ventura, mesmo assim ela não se deixou levar pelas forças negativas que insistiam em lhe dominar o ânimo. Saiu pelas ruas. Havia trabalho para ela. Botu inteira precisava saber que Nicolas havia desaparecido. Foi, aliás, motivo de muitos comentários. A população crédula daquela cidade, aquela parte que

seguia o pensamento do padre, viu no acontecimento mais um mistério. Ligara o pobre homem à figura de Jesus Cristo, na hora de sua ascensão. Sim, não havia dúvida. O Nicolas não era outro senão o Cristo que voltara à terra e ei-lo de volta novamente para o seio do Pai. O padre Messias revelou-se crente de que se tratava, realmente, da nova vinda do Ungido à terra. Fez ver, de certa forma, sua estranheza no fato de ele não haver transmitido a sua doutrina ao seu povo, o povo deste século de escândalos, de hipocrisias. Mas, como tudo muda, quem sabe quisera Deus mostrar sua insatisfação com o seu mutismo. Era isso mesmo. Deus estava tão decepcionado com a humanidade que no seu seio chegou e não quis sequer dizer-lhe uma palavra. Toda a Botu cria que ali se verificara o que há quase dois mil anos se passara em Jerusalém. O Cristo havia subido aos céus. Voltava para o seio do pai. O povo assim pensava, contando, para isso, com o reforço das palavras do padre Messias.

Como não podia deixar de ser, o ocorrido teria que arder a cabeça de Elvego Doso de RIELA. Não que ele desacreditasse no testemunho dos que deram pelo desaparecimento de Nicolas. Ele havia desaparecido mesmo. Acreditava no que lhe diziam. Elvego mesmo procurou investigar.

Preocuparam-se todos em procurar Nicolas por todos os lados e recantos da cidade. E a conclusão a que chegaram foi a de que ele havia sumido deveras. Como dizer, então, àquela gente que Nicolas não era um Deus? Como incutir na cabeça daquela gente que seguia a opinião de um padre vigarista que não havia ali se verificado uma nova vinda do Cristo Salvador? – interrogava-se Elvego, tomado de intensa apreensão.

Na verdade, pensava Elvego que havia uma explicação para tudo aquilo. Aliás, somente ele era quem poderia explicar, de fato, o que verdadeiramente tinha ocorrido. Não lhe disseram Nicolas e Atrias que a

Terra seria visitada? Sim, agora ele começava a crer que aqueles dois homens não estavam loucos. Agora ele sentia que algo estranho ocorrera com aqueles dois compadres. E todo esse problema o preocupou por muitas horas, sem que achasse uma solução.

Foi quando, passadas mais de cinco horas, o avisaram de que Nicolas havia sido achado sobre um monte de capim, na fazenda Caju.

Capítulo XX

Por conta desse acontecido, Botu passou a conhecer os seus dias de uma abstinência total às coisas profanas. O trabalho, que aliás nunca deixou de ser sagrado, pois é através dele que a humanidade pode caminhar em busca de dias melhores, até ele foi posto no esquecimento. Padre Messias aconselhava a oração com todo o ardor, com toda a devoção. Cristo ali estava. Ele não poderia escolher uma grande cidade, um grande centro para voltar a terra, novamente. Ele achou de escolher dessa vez a cidade de Botu, aquela que ultimamente só tivera a triste sina de ser palco de acontecimentos os mais nefastos. Não dissera o Mestre, na sua primeira vinda, que veio para salvar os enfermos? Portanto, a sua escolha foi mais do que certa. Botu era uma verdadeira Sodoma. O pecado consumia aquela gente sem escrúpulos, aquela gente eivada do magnetismo da mentira, aquela gente que parecia um rebanho de ovelhas quando, na realidade, não passava de uma alcateia de lobos. É bem verdade que havia as pessoas que procediam bem. Verdadeiros homens de caráter. Justos. Mas grande parte da população era aquilo que se estava vendo.

Tudo isso passou ao conhecimento geral, graças àquele estranho objeto que deixou aterrorizada a população. Cada um que confessasse os seus erros. Viera o padre a saber de muitos deles. Não foram

poucos os que lhe vieram confessar a decepção por que passaram. João Ventura foi um deles. Contara ao padre o procedimento de Cândida. Sim, precisava ele desabafar. Mas o padre quase não acreditava. Cândida?! Não era possível. Uma mulher daquela ter praticado adultério?! Impossível!

- É verdade, sim, padre.

Padre Messias recebia, depois do estranho fenômeno acontecido, notícias de muitas pessoas que praticaram atitudes indevidas, pecaminosas. Chegou até a pensar que era certa a confissão de Floripes. Sim, ele também viria aos pés da autoridade espiritual confessar os seus erros. Não advogava o padre que o prefeito era, sem dúvida nenhuma, o grande responsável pela morte dos cinquenta e cinco botuenses? Por isso, ele alimentou a esperança de contar ali a seus pés com a presença do medíocre Floripes. Tal, porém, não aconteceu.

É verdade que Floripes não ficara imune aos temores que o estranho objeto causou à população da cidade. Mas ele não era tão ignorante quanto todos os seus munícipes. Era um homem relativamente esclarecido. Como é sabido, Floripes não se deixava levar pelo pensamento do padre e da população em geral, os quais esposavam a certeza de que Nicolas e Atrias, os homens enigmáticos, haviam ressuscitado.

- Padre Messias - o reverendo assustou-se - Padre... - o recém-chegado tinha dificuldade para articular as palavras.

- Diga de uma vez por todas, homem.

- Nicolas está...

- Onde, onde está o santo? Diga logo pelo amor de Deus.

- Lá na fazenda...

- Que fazenda?

- ...do seu Zutza, o meu patrão, padre.

- Mas você...

- Não acredita, padre? Não acredita?

O destino de uma cidade parecia estar entregue aos ditames do azar. Parecia a escuridão da desgraça que resolvera despejar os seus males naquele recanto outrora tão cheio de paz. Onde antes reinava a alegria, dominava, agora, a inquietude. Não se dormia sossegado. O mal que chega sem avisar adentrava a cidade, exposta em frestas gigantes que lhe permitiam a passagem devoradora e estava já como senhor absoluto. Absorvera quase por completo o ânimo daquela população, inculcando-lhe a certeza de que o fim era chegado. Botu era o centro urbano mais pacato que se podia encontrar. Isso, aliás, na aparência, pois, como é sabido, depois do aparecimento do estranho objeto nos céus daquela cidade, o povo começou a vomitar os erros que praticara e que, até então, achavam-se bem guardados pela vergonha de cada um. Graças, porém, àquele objeto estranho, os erros vieram à tona. Tudo porque aquele povo sentia aproximar-se o momento final. Aquele estranho objeto não era outra coisa senão a arma do aniquilamento final, o veículo de que se serviria Deus para destruir a humanidade.

- Chame um carro. Chame logo.

- Sim, padre. Vou chamar.

Padre Messias precisava chegar o mais depressa possível à fazenda Caju. Quem sabe o tal Elvego havia tido ciência primeiro do que ele e já se achasse lá no local, pois ele já provara o quanto era intrometido. Foi logo no que pensou sua reverendíssima. Urgia, pois, que apressasse a sua ida. E mal acabara o carro de chegar, lançou-se a ele, tomando o seu lugar, sequer esperando que o veículo estacionasse.

- Fazenda Caju, o mais depressa possível.

O carro, então, disparou numa velocidade altíssima, levantando muita poeira e levando dentro dele um padre que agora acabava de revelar sua crença de que definitivamente o Cristo cujas ideias ele pregava

não estava tão longe. Ao contrário, bem ali, na fazenda do Zutza.

TÍTULO III
A REVELAÇÃO

Capítulo I

Não havia mais lugar onde se pudesse colocar as pessoas que chegavam. De todos os recantos do país e mesmo do exterior, chegavam jornalistas, pessoas curiosas. A cidade mudou de aspecto no comportamento das pessoas do dia para a noite. O fenômeno não podia ser melhor para Cândida. Todos concordaram que a coitada poderia adoecer, diante de tanta azáfama como aquela em que se metera. Falava numa esquina com um estranho, logo adiante com outra pessoa, num ritmo que chamava a atenção. Queria mostrar a todos o seu verdadeiro papel naquela comunidade. Não se acanhou um só instante diante de qualquer daqueles profissionais acostumados, na grande cidade, a lidar com a notícia. Acharam interessante a forma como exercia aquele papel de leva-e-traz de notícia. Uma forma rápida, sincera, segura, confiável, gostosa. Punham-se todos, nos intervalos dos seus trabalhos, a comentar sobre a atuação eficiente dela.

- Que criatura ativa! Como atua bem na transmissão oral das notícias!

A presença de tanta gente estranha no lugar, principalmente jornalistas, foi em razão de se haver espalhado na cidade de Botu e logo se irradiado para Divinópolis, dali para a Capital e desta, enfim, para o mundo inteiro, que, naquela cidadezinha distante, aparecera um objeto voador não identificado, de forma nunca dantes vista. Por isso, o que se presenciava era o vaivém constante de gente portando câmeras filmadoras gigantes e de difícil locomoção, câmeras fotográficas, máquinas de escrever: uma verdadeira parafernália de instrumentos de comunicação. Todavia, além desse fenômeno inusitado, viram-se diante da crença daquela

população ignara, conduzida por um padre aproveitador, como era o padre Messias, que alimentava a convicção de seus fiéis quanto ao que representava Nicolas: a segunda vinda do Salvador, Senhor Jesus Cristo. Por conta disso, processava-se, todos os dias, uma verdadeira correria na estrada estreita de terra batida que levava à fazenda Caju. Não era um carrinho aqui, outro acolá. Era uma fila indiana que se formava todos os dias, mal o sol começava a aparecer. Iam todos em direção à fazenda de Zutza, mais precisamente ao estábulo cheio de vacas, bois e bezerras. Todos ficavam a observar o monte de capim sobre o qual fora encontrado Nicolas. Isso acontecia com os moradores do lugar, coitados, porque ignorantes e mal conduzidos pelo seu pastor; e com os jornalistas, porque curiosos e ávidos por contarem com novos desdobramentos daquele fato inusitado que muitas notícias lhes poderia render. Assistia-se, pois, durante o dia, a um ritual de câmeras fotográficas e de máquinas filmadoras, que insistentemente focalizavam o monte de capim na fazenda Caju, na expectativa de uma novidade.

Enquanto isso, todas as noites, as pessoas recém-chegadas à cidade se reuniam na praça central, contando, no mais das vezes, com a presença da velha Cândida, pois todos gostavam do jeito como aquela senhora se reportava às notícias que prazerosamente e de seu jeito peculiar as transmitia a todos.

Capítulo II

Na hora de tratar seriamente sobre o assunto, a cidade recuava. Nenhum habitante dali se mostrava capaz ou mesmo interessado em conversar com os jornalistas. Por isso é que eles não buscavam outra pessoa para tanto, senão Elvego Doso de Riela. Não se tratava de uma pessoa conhecida do meio jornalístico. Souberam que se tratava de pessoa culta, inteligente, a

qual, entretanto, sempre se manteve distante da notoriedade. Por isso é que, mesmo filho da Capital, onde estudara e se formara, não era figura conhecida do meio social em que vivia. É que ele preferia ficar à sombra. Não gostava de aparecer.

- Senhor Elvego, e aí, o que é que o senhor pensa de tudo isso?

Elvego, agora sim, estava começando a ficar famoso. No albergue de Shiresto, microfones, câmeras, todos dispostos em sua direção, colhendo sua voz e imagem, que iriam dali para Divinópolis e, de lá, para a distante Capital, de onde se irradiariam para o mundo inteiro. Sua voz e a sua imagem passariam a ficar conhecidas, no cenário nacional e, em pouco tempo mais, no cenário internacional. Não era isso sua pretensão. Sua modéstia não o permitia. Contudo, foi apanhado naquela circunstância, numa cidadezinha do fim do mundo, onde se operou aquele fenômeno excepcionalíssimo, que despertou o interesse da imprensa nacional e de outros países. E sendo ele a única pessoa “iluminada” encontrada no lugar, logo foi naturalmente requisitado. É claro que isso despertou ainda mais a ira que o padre Messias já nutria por ele. A imprensa, como não podia deixar de ser, não demorou muito a compreender o que se passava entre Elvego e o padre Messias. E, por isso, cada entrevista era ocasião para se jogar mais lenha na fogueira. O inescrupuloso padre, a cada entrevista, revelava a todos, aos jornalistas e ao mundo, a sua posição absurda, apesar de representante da Igreja de Roma, tão poderosa. Cuidava de assim o fazer, ressaltando, no entanto, a simplicidade característica da gente daquela cidade, onde se dera o fenômeno que estava agora desafiando os assentamentos da fé religiosa. Repisava o fato de que um homem simples, como Nicolas, tivera, em companhia de um seu compadre, uma misteriosa visão. A respeito desta, ele dissera, apenas, que o mundo seria visitado. E isso

efetivamente veio a ocorrer, pois ao estranho objeto voador aparecido nos céus de Botu se atribuiu a profética afirmativa de Nicolas sobre a visita que estava por acontecer. É que, concomitantemente a tal fenômeno, se verificou a sua misteriosa desapareição. Isso causou o maior rebuliço na cidade e a muito maior rebuliço ainda deu margem, quando, por fim, veio a ser encontrado na fazenda Caju, sobre um monte de capim. Ali, pois, ainda se encontrava, fazia já muito tempo. Ninguém se atrevia a tirá-lo dali. O padre não deixava. Os fiéis também não permitiam. Adoravam-no. E o pobre ficava exposto ao sol, à chuva e ao sereno da madrugada. Mas tinha que ficar ali, porque, para sair, ele próprio por suas pernas não o podia fazer. Elvego, então, se mostrou contrafeito àquela permanência ali. Não estava certo. Era uma desumanidade. Mas a força contrária era muito forte e Elvego, sozinho, via-se impossibilitado para conter aquela massa estúpida.

Os jornalistas compreendiam a situação difícil que Elvego tinha pela frente.

Capítulo III

- Ele abriu o olho, ele abriu o olho! - observou espantado um homem de meia idade, terço à mão

- E está olhando diretamente para o padre Messias, vejam!...

Era verdade. Após permanecer estático ou quase estático, por semanas, sobre o monte de capim, Nicolas dava, vez por outra, algum sinal de movimento. E cada um deles era motivo de muita indagação, de muito questionamento. Primeiro foi o dedão do pé direito, depois as pernas, uma inspiração forte seguida de igual expiração, mas agora ele abriera os olhos e os direcionara a alguém. Padre Messias é que tivera o privilégio. Sim, o Cristo em pessoa, ali sobre o capim seco, naquela hora da tarde, cerca de quinze horas, um sol esbraseado,

remetia, no gesto de olhar qualquer coisa, alguma mensagem que o padre Messias se fazia facilmente o seu receptor, enquanto que todos, ao redor, os habitantes de Botu e tudo o que era de jornalistas, ficavam à espera do que pudesse acontecer. Uma palavra sequer não foi anunciada por Nicolas. Limitava-se ao movimento lento de partes do corpo. Agora é que se adiantara um pouco, abrindo os olhos e direcionando o olhar para o padre. Nada mais além disso. Não fazia o menor gesto, a menor menção de que quisesse sair dali daquela situação incômoda, sem muito conforto, ali mesmo fazendo as suas necessidades, que eram poucas, na verdade, pois não se alimentava de quase nada.

De repente, uma voz rouca, mas bastante forte, ecoou no espaço:

- Bem que eu disse e se o disse é porque ele também o afirmou que o mundo seria visitado. Viram, seus infíéis? Não quiseram acreditar em nós. Pois agora estão aí com ele, em carne e osso. Aqui estou para anunciá-lo, pois tanto quanto aconteceu na primeira vez, ele agora não irá prescindir de um precursor, nessa sua segunda vinda - decretou, com voz firme, Atrias.

Os jornalistas interrogaram-se. Aquele homem mais parecia um louco com aquela estória de o mundo ser visitado. Souberam que ele se vira cercado pelo mistério acontecido meses antes e que, agora, estava ali, falando, somente ele falando. Aliás, somente ele é que se dispôs a dizer qualquer coisa sobre o acontecimento inusitado que, agora, estava pondo Botu em plena evidência, no mundo inteiro, com a notícia de que em seu solo, mais precisamente sobre um monte de capim seco na fazenda Caju, um homem jazia santamente, trazendo a boa nova em sua segunda edição.

- Mas, Atrias, por que Nicolas não fala?

Era o padre Messias, impaciente, quem perguntava, preocupado em face do mutismo de Nicolas.

- É preciso procurar entender bem e melhor as mensagens, padre - sentenciou, com voz rouca, o compadre de Nicolas.

Capítulo IV

De uma coisa Elvego - homem afeito à verdade - não podia discordar: o que motivava o chamariz de tantas pessoas estranhas ali em Botu era, sem dúvida nenhuma, a aparição do estranho objeto, naquele domingo em que o padre Messias vomitava o seu sermão contra tudo o que era de autoridade do lugar. Sim, aquele estranho objeto não era coisa da imaginação de nenhum ignaro de Botu. Uma população inteira o tinha visto em sua dança, bailando nos céus da cidade. Um veículo redondo, todo muito bem iluminado, luzes piscantes. Deslizava no espaço de cima para baixo, de baixo para cima, de todos os lados. Punha-se aprumado uma hora, noutra ficava de cabeça para baixo. Essa era a impressão que dava, pois, ao certo, não se podia assegurar que aquele objeto estranho tivesse as partes de cima e de baixo. Elvego assistira ao espetáculo promovido pelo estranho objeto. Encontrava-se, no momento, na varanda do albergue de Shiresto, numa espreguiçadeira. Aliás, ele gostava muito de nela se deitar, repousar o corpo um tanto magro, em face da alimentação controlada a que era acostumado.

Realmente, o nosso herói ficou estupefato. Nunca tinha visto coisa semelhante. Já havia lido muito sobre OVNI'S. Assistira a muitos filmes, obviamente tudo pura ficção, pois sobre o assunto nada de concreto, até aquele momento, tinha visto, não sendo do seu conhecimento a existência de qualquer museu onde estivesse exposto algum extraterreno. E agora? D ante do que estava presenciando - aquela maravilha, aquela coisa de encher os olhos, objeto muito bonito, rápido, bem desenhado, silenciosíssimo e dono de uma

autonomia de movimentos impressionante - que fazer? Teve que esfregar os olhos, para ver se não estava sonhando. Viu, enfim, que não se tratava de sonho coisa nenhuma. Era realmente um objeto estranho, não identificado. Só faltava dele descer um ET para vir falar com ele.

- Senhor Elvego, precisamos falar com o senhor.

Era o jornalista da equipe da Rede Nacional de Televisão, a mais importante do país, que transmitia em cadeia nacional o jornal da noite, em horário nobre. Televisão, em Botu, era coisa rara. Poucas pessoas dispunham desse aparelho de comunicação. Para se captar o sinal utilizavam-se antenas gigantes de vários elementos. Para cada canal que se pretendia captar, uma antena a mais. Dos raros aparelhos de televisão, ali em Botu, havia um na casa de Floripes e outro na casa do padre. Só. E para tamanho privilégio desses dois senhores, grande soma de filardi havia sido gasta na colocação de uma estação repetidora entre Botu e Divinópolis, quando, pelo certo, para uma melhor captação dos sinais - porém, evidentemente, mais caro e mais imoral ainda - se faziam necessárias, pelo menos, umas três estações, face a grande distância entre as duas cidades.

- O senhor agora vai ser notícia para todo o país, senhor Elvego. Concorda em ser entrevistado?

- Perfeitamente, com todo o prazer.

Os jornalistas estavam, realmente, intrigados com tudo aquilo que acontecera. Não só o aparecimento do estranho objeto os intrigava. É que, àquela altura dos acontecimentos, já se haviam informado cuidadosamente a respeito dos dois homens enigmáticos.

Elvego, realmente, tinha muita coisa a falar, pois fora o primeiro a manter contacto com os dois homens, desafiando, inclusive, as autoridades do lugar. Desafiando autoridades? Não, como sabemos, não

houve desafio algum, nesse sentido. É que, quando ele agiu, não havia, na cidade, autoridade nenhuma. Disso os jornalistas precisavam estar prevenidos.

Capítulo V

Botu, da noite para o dia, se tornou manchete de jornais e de telejornais. Ali, naquele fim de mundo, começou a ser noticiado pela grande imprensa que acontecera um fato de fundamental importância para o mundo religioso. A população, com a ajuda das palavras do sacerdote do lugar, prontamente passou a não mais encarar o Cristo crucificado, mas a pessoa de um homem simples, muito humilde, pescador do lago Borrado, conhecido de toda aquela gente, como sendo aquele que trouxera a boa nova, a boa notícia, na conformidade da promessa de que voltaria. E ei-lo ali, por sobre um monte de capim seco. Um homem magro, esquelético, barba rala, porém já bastante grande, olhos fundos, de estatura alta, cor bem morena. Os jornalistas que vieram ter naquele fim de mundo por conta da aparição de um OVNI (objeto voador não identificado) deparavam-se, agora, com aquele outro fenômeno. A autoridade eclesiástica, com o peso de sua capacidade de persuasão, profundo conhecedor da fé daquele povo, não precisou de muito esforço para conseguir aquilo que tinha em mente: fazer de Botu o novo centro mundial de uma nova religião, um novo fundamento religioso, uma nova forma de ligação entre o céu e a terra. Sim, o Cristo crucificado, nascido da era de peixes, cedera lugar ao novo Cristo, ao Cristo prometido por Ele próprio, o Nazareno, o qual disse que voltaria - assim explicava o padre Messias, aos fiéis, ao seu rebanho. E só poderia ser um Cristo bem diferente daquele que habitou as terras da Judeia. Era um Cristo simples, que não falava, que nada dizia, que sobretudo devia ser entendido apenas pelos seus gestos e atitudes. E

precisava mais do que ele estava representando ali sobre o capim? Palavras não eram necessárias. Bastava que a população se imbuísse da certeza de que aquela figura estampava o novo Cristo. Um Cristo diferente, que descera da cruz. Um Cristo vitorioso na verdadeira expressão da palavra. Um Cristo que a tudo dominava sem necessidade de qualquer palavra, de qualquer parábola. O ensinamento maior e principal, nuclear, era ele, a figura dele, a estampa dele, do homem simples, comum, o pescador de fama do lago Borrado, que tantos peixes já havia fígado e que, agora, transmudara-se na figura do novo Cristo. Mostrava-se como o Cristo da nova era de Aquáriu, onde o domínio deixava de ser do peixe, para ser o da água; da água do próprio recipiente onde o peixe se mantinha vivo...

- Não se enganem, meu irmãos, sigam as minhas palavras, cuidem desse santo homem que está ali sobre o capim seco. Aquilo tudo, não duvidem, é santo. É santo o próprio homem que ali está. É santo o capim que, com a maciez de seus finos talos, recebe aquele corpo bendito. É bendito o chão onde está o capim. É bendita a terra da fazenda Caju. Zutza, o velho Zutza, homem de muita sorte, de muita felicidade! Ter a terra, possuir a terra sobre a qual desceu do céu a figura do Cristo redivivo, do Cristo valioso, definitivo, vencedor.

O padre Messias aproveitava que a igreja de Santa Júlia estava cheia de fiéis. Não só de fiéis. Havia também, em menor número, pessoas estranhas, interessadas em ver de perto a dialética daquele padre, daquele aproveitador. Sentia-se como aqueles, em sua ignorância, bebiam as palavras do padre, acreditando em tudo o que ele dizia e pregava. Consentiram, inclusive, que fosse retirada do centro da igreja a grande cruz com o Cristo crucificado. O padre disse que aquele Cristo já deixara de ser e que deveria, no seu lugar, ser posto o outro Cristo recém-chegado.

Elvego informava-se de tudo isso, invadido de intensa preocupação.

Capítulo VI

- Que é que se passa aqui, Messias. Você enlouqueceu? Está esquecendo o seu verdadeiro mister? Acabe logo com isso.

O bispo de Divinópolis assim iniciara uma conversa, na sacristia, com o padre Messias. A situação estava mesmo insustentável. Abalava a estrutura da Igreja. Roma já estava sabedora do caso. Era preciso que as autoridades intervissem.

Cuidava-se de uma grande novidade. Aliás, tudo ali em Botu era, agora, novidade. A população até que se divertia. Deixaram aqueles habitantes de ter uma cidade de comportamento regular, tudo acontecendo como se programado, na hora certa, para, agora, presenciarem aquela movimentação toda. Até bispo a cidade estava agora recebendo. E se tivesse ele vindo só, mas não. A comitiva que o acompanhou dava para encher um vagão de trem, sem exagero. Era assessor para tudo quanto era de assunto, de tema ligado à vida comunitária, às conveniências de uma boa e salutar sociedade, firmada nos fundamentos do cristianismo e, muito mais do que isso, do catolicismo de Roma.

- Passa-se o que na sua cabeça, meu irmão? Esqueceu os ensinamentos do Seminário? Oh, essa sua alma precisa de nossa orientação.

- Perdoe-me, bispo. Perdoe-me, mas vou manter o meu modo de ajudar essa gente a interpretar o fenômeno. É preciso. Essa miserável gente, essa cidadezinha do fim do mundo, desprezada, um dia haveria de ter o seu dia de grande e esse dia chegou. Perdoe-me, mas não vou deixar passar essa oportunidade.

E, falando alto em direção aos integrantes de sua comitiva, disse o bispo:

- É claro que a saída é afastá-lo daqui.

Buscou a aprovação de cada um de seus assessores que, unânimes, balançavam a cabeça em sinal de concordância.

- Pouco me importa, meu irmão. É preciso outra Igreja para esse povo, com fundamento na novidade que ora temos em nossa cidade, na nossa querida Botu, essa cidade que Vossa Reverendíssima nunca pensou existir, nem mesmo no mapa, não é? Pois então, que me retirem até mesmo as ordens sacerdotais. Pouco me importa. Aqui ficarei. O povo me quer. Faço compreender bem e melhor o fenômeno acontecido com os dois homens enigmáticos. Homens enigmáticos, vírgula, porque agora eles todos já sabem que não existe enigma coisa nenhuma. Tudo está revelado. Às claras, não se há de ter dúvida - interveio, enfaticamente, o padre Messias.

Grande massa de fiéis, a essa altura, tomava conta da igreja de Santa Júlia. O bispo e todo o seu séquito sentiram que nada podiam fazer. Falar qualquer coisa ali que contrariasse o que pregava o padre agitador podia ser perigoso para eles. Poderiam ser vítimas até mesmo de um linchamento.

- Voltaremos outro dia aqui, padre Messias. Fique com Deus, meu irmão.

- Não voltando, faz enorme favor.

A briga estava realmente feia e não iria ficar naquilo que se viu, pois, na certa, aquele diálogo seria apenas o começo de uma queda de braço violenta entre a Diocese e a Paróquia de Santa Júlia.

Capítulo VII

Sol a pino, um calor de rachar e lá estava o bispo Agamirhom, com sua habitual vestimenta, acompanhado de sua comitiva, fazendo número

juntamente com uma multidão que cercava o monte de capim seco.

À vista do bispo, Nicolas foi encolhendo as pernas, lentamente, suavemente. Pôs-se sentado, encarando-o. O bispo arrepiou-se. Aquele que era o centro das atenções de todos era realmente um homem bastante diferente na sua plástica. A sua pele era bem queimada pelo sol e ostentava um brilho fora do comum. O seu semblante transparecia um inenarrável estado de tranquilidade, de sossego, de paz, tudo isso em que pese a situação de desconforto que estava ele vivendo ali, pois que conforto pode dar um monte de capim seco?

Aquele quadro impressionou o bispo. Teve que se esforçar para se não deixar levar pela nova figura religiosa que o padre Messias estava montando. Sim, montando. A palavra correta a ser aplicada ao caso era essa mesma. Uma armação.

Sabia o bispo o verdadeiro caráter do padre Messias. Desde os tempos do Seminário. Vivia à cata de algo que lhe pudesse servir de promoção, para aparecer. Tanto lutou para se promover na Diocese da Capital, onde o bispo Agamirhom o ordenara padre, mas vendo que ali não conseguia, surpreendeu a todos, quando aceitou de bom grado a ingrata missão de pastor de almas de Botu, a cidadezinha longínqua do fim do mundo.

- Não é possível que entre vocês, meus irmãos, não exista uma pessoa de bom senso - procurou o bispo iniciar uma conversa.

Foi o bastante para as pessoas se distanciarem dele. E logo foram apanhando tudo o que estava ao alcance de suas mãos, nas proximidades do monte de capim seco. Pás, enxadas, paus, pedras. O padre Messias atiçava essa iniciativa do povo.

- Calma, calma, isso não leva a nada. Não façam nada contra o bispo. Vocês estão loucos?! - interveio, conciliador, Elvego.

Padre Messias, nesse instante, olhou fixamente em Elvego e mudou, de repente, o seu olhar para o bispo e deste para a turba, num gesto aprovativo de que o intrometido maior ali era Elvego.

Não demorou muito tempo e logo uma chuva de paus e de pedras caiu por sobre a cabeça do bem intencionado Elvego. Isso, sem dúvida, foi a demonstração de algo realmente escandaloso, perigoso, pois a presença ali de autoridades e de todo um aparato da imprensa falada, escrita e televisada não produziu o menor sentido de respeito e de inibição da parte dos agressores.

- Depressa, levem o homem para o posto de saúde.

Os assessores do bispo e alguns jornalistas apressaram-se em retirar Elvego dali, não só para livrá-lo de novos ataques, como pela necessidade de levá-lo ao enfermeiro do posto de saúde Santa Emília, ali de Botu, para o fim de lhe fazer vários curativos, pois muitos foram os ferimentos recebidos.

Capítulo VIII

- Anuncio para amanhã. Amanhã, meus irmãos, nos primeiros clarões da aurora. Quero que todos se dirijam à fazenda Caju, lugar abençoado. Ali, todos teremos, enfim, a revelação do segundo advento. Que vão todos. Homens, mulheres, crianças, todos. Que não fique ninguém em casa. É preciso que grande número de pessoas testemunhe esse grande acontecimento da humanidade. O dia em que Cristo, que voltou à terra, soberano, vencedor, vai, enfim, transmitir a sua mensagem; a sua nova mensagem - assim pronunciou Atrias.

Trazia ele à mão uma vara nem tanto fina, nem tanto grossa, toda cheia de nós, ainda em casca, com a resina ainda a escorrer pelos talhos que sofreu.

- Vejam, meus senhores e minha senhoras. Esta vara tem a escorrer a seiva que nutria a árvore de onde ela foi cortada. É o sangue do sacrifício. Agora, porém, meus amigos e minhas amigas, como vocês haverão de ver, não se testemunhará sacrifício ou coisa parecida. Não haverá sangue derramado. Eu estou aqui para anunciar o novo Messias.

Eram não mais que oito horas da noite. A praça principal da cidade, iluminada de luz elétrica fornecida por um gerador de inferior qualidade e de pouca potência, dentro de poucos minutos iria ficar às escuras. Não é nem preciso dizer que aquele lugar estava apinhado de gente.

À noite, lá na fazenda do Zutza, ao redor do monte de capim seco, ficavam umas poucas pessoas, as mais fanáticas que acreditavam no que sua ignorância lhes ditava e, ainda mais, reforçada pela dialética interesseira e pessoal do padre Messias. Mas a maioria das pessoas invadia a praça única e central da cidade de Botu. Bem arborizada. Calçadinhas bem feitas, banquinhos à vontade. As pessoas mais velhas se misturavam às mais jovens. Cândida era presença indispensável ali.

Pois o pescador Atrias, aquele que sempre fora conhecido de todos como pescador, estava, agora, a pregar, a anunciar, como o fizera João Batista às margens do rio Jordão, na Judeia. E não é que ele parecia mesmo a figura daquele santo homem?!

- Aguardem, meus senhores. O meu anúncio está feito. Quero que todos, amanhã, estejam, como já disse, na fazenda Caju. A revelação acontecerá ali. Depois, todos testemunharão ali bem adiante, nesta cidade, no riacho Opá, este modesto conhecido de vocês aqui, aliviando o Messias, nas águas desse regato importante

para nós e que, agora, vai entrar para o conhecimento geral da humanidade, por ser a vertente em que o novo Cristo aliviará o seu santo corpo após a quentura das labaredas com que haverá de ser batizado.

Os jornalistas riam de forma desbragada. Evidentemente não sem correrem o risco do recebimento de pedradas e de pauladas. Foi isso que logo se testemunhou. Saíram eles correndo da praça, e foram todos para os seus aposentos. Uns, no albergue de Shiresto; outros, na casa do prefeito. Nenhum deles, evidentemente, na casa do padre Messias. A partir daquele momento, no entanto, é que todos sentiram o vigor que tomava aquela estória de nova vinda de Cristo, a considerar as palavras que acabaram de ouvir pronunciadas ali na praça, através de um homem simples, sem cultura e que da vida o que mais conhecia eram instrumentos de pesca, sua labuta normal no lago Borrado.

Estaria o padre Messias ensinando aquelas palavras ao pescador Atrias? - muitos se perguntavam.

Capítulo IX

Dava gosto ver a movimentação existente no albergue Descanso Alegre. Nunca tanto aquele recinto estivera tão lotado. Acostumado a receber os feirantes e fregueses que vinham nas segundas-feiras de todos os arredores da cidade, das muitas vilas e distritos, para a bem movimentada feira da região, Shiresto, agora, estava recebendo gente importante. Na cozinha do albergue, apenas uma geladeira a gás, que agora estava sempre bem cheia de garrafas de refrigerantes e de cervejas, tudo isso para abastecer a sede daquela gente estranha que passava o dia no trabalho, naquela azáfama da cata de notícia, mas, à noite, não desprezava mesmo a cerveja geladinha, a boa conversa, que girava, evidentemente, em torno do aparecimento do objeto

estranho, como também a respeito do que os habitantes dali chamavam de mistério e que já estavam atribuindo como sendo a segunda vinda de Jesus Cristo.

- Desça mais uma aí, seu Shiresto. Bem geladinha. Mande também um tira-gosto de pitu. Esse bicho está delicioso - exigia um dos câmeras da Rede Nacional da Televisão.

E por falar em Rede Nacional de Televisão, imensa malha de comunicação conhecida não só do país como também de todo o mundo, esta fazia a cobertura do fato de que já sabemos, mas lhe era interessante saber muito mais ainda a respeito, para vender a notícia, e espalhá-la pelo mundo inteiro, pois a forma como os fatos se apresentavam deixava-lhe a certeza de que só podiam dar piques de audiência, como já acontecera com a edição dos três últimos noticiários, a marca fundamental de sua tele-audiência.

Shiresto não sabia o que fazer. Na primeira segunda-feira, após a avalanche de gente que aportou em seu albergue, ficou de cabeça quente, por não conseguir logo uma saída para resolver o problema dos seus fregueses. Eles, sim, é que lhe eram o faturamento certo, estavam ali todas as semanas, pois vinham para a feira negociar e não tinham como voltar no mesmo dia, porque residentes em distritos longínquos, alguns deles distando quase duzentos quilômetros de Botu. Mas também não deveria dizer aos recém-chegados que não podia hospedá-los. Seria até mesmo uma falta de hospitalidade. E a hospitalidade, como sabido, deve ser a característica fundamental de quem faz o setor que ele explorava ali em Botu há tanto tempo e sem qualquer concorrência. Pois o nosso Shiresto terminou conseguindo, junto a amigos seus, a colocação dos seus fregueses habituais nas casas deles, para então poder continuar albergando aquele grande número de jornalistas. Também era um filão com que ele não contava e que não podia desprezar de maneira nenhuma.

Tinha mesmo era que aproveitar. Chance como aquela ali em Botu ele não teria nunca mais em sua vida de albergueiro.

Capítulo X

De um jornalista para Elvego:

- Todos estamos realmente espantados com o fato de um homem esclarecido como o senhor estar dizendo da existência de disco voador, coisa que é realmente cercada de muito mistério, de muita dúvida no mundo inteiro. Nunca houve, até hoje, um depoimento tão firme, de pessoa tão esclarecida, como o senhor. Não teme que venha a ser exposto ao ridículo? Expor-se, assim, sem mais nem menos?! O que o senhor está lucrando com isso?

- Alto lá, meu confrade, acho que você está indo por caminho errado. Você está magoando o nosso entrevistado. Ele não merece isso. Vamos deixar que ele fale - observou um dos repórteres da Rede Nacional de Televisão.

Elvego, enquanto isso, se mantinha calado. Não estava ali para discutir com ninguém. Não era homem para esse tipo de comportamento. Jamais discutira em sua vida. Para ele o que importava era a força do argumento. Jamais o argumento da força. Logo, a nada se podia chegar através da discussão acalorada. O falar compassado, com calma, pensando bem antes de emitir qualquer sentença, era o modo e a maneira que mais o caracterizavam.

- Meus caros jornalistas, não estou desejando que vocês acreditem. Vocês estão aqui me entrevistando, porque fui testemunha ocular de um fato. A minha presença aqui nesta cidade, naquele dia, é fato incontestável. Cheguei aqui muitos dias antes da aparição do estranho objeto. Não foi a minha presença contemporânea à visão que tiveram os compadres

Nicolas e Atrias. Isso não, pois quando aqui cheguei eles já estavam sendo adorados pela população ignorante desta cidade. Agora, quanto ao estranho objeto..., estranho objeto, não! O disco voador, este eu o vi mesmo. Era algo verdadeiro. Era matéria mesmo. Era redondo, era. Era cercado de luzes, era. Era silencioso, era. Era estranho, era. Movia-se em todas as direções, movia-se. Isso tudo eu vi com estes meus olhos. Até hoje eu procuro me analisar sobre se, na hora, eu não estava de algum modo em estado sonífero, para estar sonhando ou se eu não estava de alguma forma sob hipnose. Nada disso. Eu estava com os pés no chão. Um ser racional em toda a extensão do seu potencial, encarando aquilo sem me deixar invadir por sensações apaixonantes, sem interesse de aparecer como testemunha, nada disso. Eu vi. Eu estava aqui. Digo isto em qualquer lugar do planeta. Não tenho motivo para esconder a verdade. Esse fenômeno sobre o qual vocês vieram fazer a cobertura nesta cidade de Botu ocorreu de veras. Digam isso para todo o mundo. Que as pessoas sejam bem informadas a esse respeito. Botu, realmente, teve, nos seus céus, a presença de um disco voador, de um objeto não identificado, objeto não pertencente a este planeta Terra. Agora, meus caros jornalistas, o que vocês não hão de confundir é a constatação que fiz e aquela também feita pelos habitantes desta cidade. Todos viram o objeto tanto quanto eu, pois todos têm olhos e tiveram a sua atenção despertada por ele. Até o padre Messias, pois ele teve de deixar o púlpito onde fazia o ser sermão, para também navegar com os olhos pelo céu de Botu, para fazer o mesmo que estavam fazendo os seus fiéis que abandonaram a igreja, na hora da Missa. Ele também viu. Mas vai uma diferença muito grande entre a constatação dele e dos habitantes ignorantes da cidade e, modestamente, a da minha pessoa. Eu, particularmente, confesso que, se antes não acreditava em objetos estranhos vindos do espaço, agora

acredito, piamente, na existência deles. Não comungo do que se alardeia, ou seja, do fato de que o pescador Nicolas tenha sido arrebatado por ele e reaparecido, depois, sobre um monte de capim seco na fazenda Caju do senhor Zutza. Nisso creem os habitantes da cidade, com o reforço da dialética do padre Messias, isso sim.

- Mas, Elvego, você não cuidou de, ante um fenômeno dessa natureza e dessa dimensão, ao menos apanhar a sua máquina fotográfica para, num click, registrar o que os seus olhos viam? - interveio, sarcasticamente, um repórter da Folha de Notícias.

- Basta, meu caro jornalista. Eu não vou me exasperar com o que você está insinuando. Você, nem qualquer de seus confrades tem a obrigação de acreditar no que eu lhes narrei. Disse sinceramente tudo quando me era possível lhes dizer. Agora, eu peço licença aos senhores para me retirar. Preciso descansar. Deem-me licença, por obséquio.

E retirou-se com destino aos seus aposentos.

Capítulo XI

Não era de se esperar outra coisa. A fazenda Caju, de propriedade do velho Zutza, embora grande, um enorme descampado em torno das estrebarias e dos estábulos, ficou pequena demais para a grande multidão que para lá embicou. Era gente não só da cidade de Botu, mas das redondezas, das vilas, dos distritos e dos povoados e, também, de cidade grande, como Divinópolis.

E assim, uma multidão se fez presente naquele início de manhã do dia indicado pelo pescador Atrias, quando se anunciara como precursor do novo Messias. O monte de capim seco estava molhado do orvalho da madrugada. Um vapor subia por entre os talos e as palhas devido aos primeiros raios do sol que sobre aquele capim incidiam. Nicolas mantinha-se na mesma

posição de sempre. Quase estático. Lá uma vez ou outra mexia um pouco com uma perna, com um braço. Ficava naquela posição meditativa, olhar sempre fixo num determinado lugar. Magro, macérrimo. Também não comia quase nada. É que não comia como antes o fazia desde o dia em que teve a visão do peixe enorme, quando estava com o seu compadre Atrias à margem do rio Opá. Cabelos grandes, longos, barba também enorme.

Alguém se destacou na multidão. Era Atrias, ele que anunciara que, naquele dia e naquela hora, haveria de acontecer a revelação. Com passos lentos, foi se aproximando do monte de capim seco. À proporção que se aproximava dali, uma modificação se ia produzindo no comportamento de Nicolas. Aos poucos, foi dando movimento sincronizado às diversas partes do corpo. Mexeu ativamente as pernas, depois, os braços. A cabeça começou a se movimentar de um lado para o outro, numa demonstração de que ele passara a prestar atenção àquela imensa massa humana que estava ali ao seu redor. Chegou a se levantar. Abriu a boca. O rosto da massa ignara dos botuenses transmutou-se. Sentiram todos como se tivessem sido vítimas de um grande abalo. Não suportaram e todos, então, abaixaram-se, cabeças postas na terra, olhos fechados.

- Agora o danado desse homem vai falar - foi a avaliação que imediatamente surgiu à mente de Elvego; ele, como sabemos, nada conseguira de Nicolas, por mais que tivesse feito para lhe arrancar uma confissão, uma declaração. Elvego e, evidentemente, todo o pessoal da imprensa ali reunido, eram os únicos que encaravam a cena que se passava.

- Divino Mestre! - assim se pronunciou Atrias - Continuo não sendo digno de vos desatar as correias das sandálias. Como consentistes antes, peço-vos que, neste novo advento, seja eu o encarregado do vosso batismo; batismo que, todavia, não farei com a água. O vosso

batismo, filho de Deus vivo, será feito no fogo devorador que consumirá, de forma indolor, o homem impuro, para que um outro renasça puro, imaculado, definitivamente, porque, sem dúvida, a água não tem mais poder do que o fogo.

Nicolas, já de pé, se pôs a movimentar a boca, deixando parecer que falava. Mas, na verdade, nada se escutava, em termos de palavras que porventura estivesse pronunciando.

- Viram todos - continuou Atrias - podem duvidar de alguma coisa? Suas orientações não nos deixam enganados mesmo. Pois ele começou a lançar a sua doutrina, a doutrina da nova fé, a fé poderosa, que permite ao homem o domínio de tudo e de todos...

Os jornalistas ficaram entre risos e estupefação. Como é que um homem daquele como Atrias, simples, humilde, aparecia, agora, com aquele discurso, com aquela linguagem a que jamais esteve acostumado? Na verdade, era uma linguagem que fugia ao seu cotidiano, pois só sabia mesmo da arte da pesca, juntamente com seu compadre Nicolas e seus companheiros do lago Borrado. Não entenderam bem foi quando ele disse a todos ali presentes que Nicolas havia feito orientações. Como? Na verdade, todos somente assistiram à gesticulação que ele fazia como que estivesse falando. Mas não se escutava som nenhum saído de sua boca.

Novamente, viram quando Nicolas voltou a movimentar a boca, dando a entender que estava falando.

- Viram, senhores, uma etapa, mais uma etapa da nova revelação. Eu escutei. Vocês não escutaram? Não?!
- insistia Atrias.

Capítulo XII

- Afastem-se, afastem-se - ordenou, aos gritos, o pescador Atrias.

Estava ele, nesse instante, com uma caixa de fósforos. Abriu-a e lhe retirou um palito, atritando-o. O pequeno lume produzido foi dirigido ao monte de capim seco sobre o qual se encontrava Nicolas.

- Esse homem está louco, vai queimar o compadre dele. Além do seu sofrimento, tantos dias em cima desse capim, sem comer, sem beber, submetido ao sol, ao calor intenso, ao sereno da madrugada, e agora... - observou um dos circunstantes.

- Calma! Vocês não sabem o que eu faço - retrucou Atrias - Isso são coisas que não pertencem ao mundo de vocês. Eu é que recebi a iluminação. Eu é que devo ser o responsável por tudo o que aqui acontecer. Aliás, nada de ruim vai acontecer a ninguém. A ninguém mesmo, meus senhores. Eu garanto. Nem mesmo os animais do senhor Zutza sairão prejudicados. O comer deles não será consumido pelo fogo. Eu garanto. Deixem-me continuar a tarefa que os céus me reservaram.

E fazendo encostar o lume do fósforo àquele capim seco, o fogo logo foi se alastrando. Primeiro, como se uma coisa devidamente ordenada, ele foi fazendo um círculo. E cada vez que um círculo se formava, mais um outro tinha início, sugerindo uma espiral, até que, enfim, chegou a encostar no preciso lugar onde se achava, já de pé, completamente ereto, o pescador Nicolas, braços abertos, cabeça erguida para o alto, um semblante que transparecia muita paz e muita confiança. O fogo primeiro lhe atingiu os pés. Inicialmente apareceu em cor amarelada. Depois, no exato momento em que atingiu o corpo de Nicolas, passou a exibir uma coloração diferente. E mais se transmutava, à proporção que avançava e atingia paulatinamente o seu corpo. Apresentou, primeiramente, nos pés daquele homem, uma cor azulada bastante clara. Ao atingir o tronco, já aparecia com uma cor lilás. Finalmente, quando atingiu a cabeça, já apresentava

uma cor avermelhada. O fogo crescia e, entre uma labareda e outra, era possível enxergar as diversas partes do corpo de Nicolas. E foi surpreendente notar, nas vezes em que se pôde divisar o seu rosto, que o mesmo transmitia a todos a maior tranquilidade, como se aquele fogo, aquela fogueira toda que estava ardendo não estivesse em nada abalando a sua estrutura física, apesar de as vestes se apresentarem chamuscadas.

- A minha parte está feita. Deixem-me retirar, não sem antes ajoelhar-me aos pés do meu Salvador - concluiu Atrias.

E assim fazendo, ele se ajoelhou diante de Nicolas. Este, nesse momento, já havia saído da fogueira. Postara-se ao lado dela, enquanto ainda ardia, se bem que em menor intensidade. O fogo foi, então, perdendo tamanho e, à proporção em que diminuía, permitia ver o capim que todos viram queimando e que, apesar disso, continuava totalmente íntegro, como se nenhum fogo o tivesse atingido.

- Viram, eu não disse a vocês que nem o Zutza teria prejuízo? Pois ele agora faça seus animais se achegar ao monte de capim, para se alimentarem.

Atrias, então, tomou a direção com destino à cidade, informando que estaria aguardando a todos no local em que ele e Nicolas haviam tido a estranha visão. Cerca de quinze minutos depois, Nicolas, passos firmes, decididos, se pôs a caminhar. Tomou, também, o destino da cidade. Não é preciso dizer que toda aquela gente, uma verdadeira multidão, prosseguiu em procissão. Ninguém imediatamente atrás de Atrias; todos, sem exceção, inclusive os jornalistas, atrás de Nicolas, o centro realmente de todas as atenções. Dentro de uns vinte e poucos minutos estavam os dois, Atrias e Nicolas, na cidade, na frente da loja de tecidos do senhor Sinárdio, ali mesmo onde eles tiveram a estranha visão do peixe enorme, à margem do rio Opá.

Capítulo XIII

À margem do riacho Opá, uma multidão fez um círculo. Todos queriam ver o encontro de Nicolas com Atrias. E o que se viu foi, realmente, como este havia predito. Com uma concha de coco, achada ali nas proximidades, ele, pedindo que Nicolas se introduzisse nas águas do regato e, uma vez atendido, se pôs a retirar água e colocá-la por sobre a cabeça do seu compadre e, ao passo que mais água ia colocando, um vapor se manifestava, aumentando de intensidade, até que, enfim, envolveu os dois personagens, a ponto de os circunstantes ficarem impedidos de vê-los. Todas as pessoas ali presentes, de um momento para o outro, deixaram de ver aqueles dois personagens e o que lhes chegava à vista era só e somente um bloco maciço de vapor que cada vez mais se adensava e do qual se despregavam pedaços de sua superfície, numa imagem que sugeria labaredas de um fogaréu. Depois, aos poucos, todos foram notando que aquele bloco de vapor intenso foi diminuindo, diminuindo, perdendo tamanho, até que, enfim, desapareceu por completo. Mas, no lugar onde estavam os dois homens enigmáticos, estes ali não mais se encontravam. Tinham desaparecido.

O desapontamento foi geral. Onde estariam aqueles dois homens? Que mágica teria sido aquela para fazer desaparecer, assim, num abrir e fechar de olhos, aqueles dois homens?

- Ninguém olhe assim para mim, que eu não tenho culpa nenhuma. Todos viram que eu estou aqui, só como curioso, que não fiz nada - defendeu-se Elvego, diante dos olhares de muitos botuenses que, inconformados com o desaparecimento que os desapontara, logo puseram seus olhos sobre Elvego, como a lhe quererem atribuir alguma mágica, algum procedimento de mago, para enfim conseguir fazer desaparecer aqueles dois homens do céu. Afinal, Elvego já fizera do que fez,

mexendo com eles, retirando-os da casa 345 da rua do Tambor. Felizmente, nada de mais aconteceu contra Elvego e a verdade é que, instantes depois, todos se dispersaram. Foram para as suas casas.

Capítulo XIV

Era noite. Uma noite de muitas estrelas a brilharem no céu. Botu, àquela hora, estava já escura. Fazia poucos minutos que já haviam sido desligados os motores que produziam a eletricidade com a qual a cidade se iluminava até, no máximo, às vinte e uma horas. Muitos ainda se preparavam para subir à cidade alta, para se recolherem aos seus aposentos. De repente, surgiu, no centro da cidade velha, perto da praça central, uma voz rouca tão parecida com a de Atrias.

- Botuenses, botuenses!

Só se ouvia a voz nitidamente, porque a imagem mesma era compreensivelmente prejudicada pelo negrume que dominava a cidade, que estava às escuras. Aos poucos, as pessoas foram se reunindo em torno daquela pessoa, candelários ou velas à mão, o que contribuiu para ir dando um pouco de luminosidade àquele recanto de onde provinha a voz que todos já desconfiavam ser de Atrias. E era, na verdade. Foram se aproximando vagarosamente, até que o homem se viu cercado por uma multidão dentro de pouco tempo. Os jornalistas, claro, também se fizeram presentes. E por que não?

- Botuenses, botuenses, meus irmãos!

Só era o que dizia o pescador Atrias. Citava repetidamente a dita frase, mas, ao mesmo tempo, indicava uma direção e o fazia de modo insistente. Indicava a direção e nela seguia. E todos então se fizeram seus seguidores, caminhando atrás dele. Subiu a íngreme ladeira do Barril. Até que, enfim, estacionou de vez e com voz firme e decidida, sentenciou:

- É aqui, botuenses, onde vocês hão de encontrá-lo. Ele está aí. Esta é a sua casa. Para ela retornou. Aqui ele a todos atenderá.

Na verdade, Atrias estacionara diante da casa 345 da rua do Tambor. Ali, como todos já sabiam, morava nada mais nada menos do que Nicolas e sua amada esposa, dona Ulyanna, tão conhecida por todos dali daquela cidade.

- Na minha casa mando eu. Concordo até certo ponto com o padre Messias. É santo o meu homem. Mas eu não vou permitir que o tirem de mim. Ele está dentro de casa, a casa é minha e aqui só entra quem eu quiser.

Disse Ulyanna tudo aquilo, mas o certo é que a sua casa estava tomada de gente. Gente da cidade e de fora também. Todos queriam ver de perto o pescador Nicolas. Este, após o novo sumiço ocorrido quando se envolvera no bloco de vapor, à margem do rio Opá, assumiu um ar diferente, como o de uma pessoa que readquirira ânimo corporal e espiritual, deixando de ser aquela coisa lerda de antes, parada num canto, sem ação. Agora, todavia, ele se mostrava bem dinâmico dentro de casa. Ia de um canto a outro. No quarto, na sala, no depósito onde ele mantinha guardadas as suas redes de pesca. Para onde ele ia, as pessoas que conseguiram entrar na casa, apertando-se umas às outras, o seguiam, também. E Nicolas, apesar do novo ânimo, tudo fazia sem, contudo, pronunciar uma só frase, uma só palavra. Gesticulava. Gesticulava apenas. E o fazia repetidamente. Insistentemente.

- Meu Deus, que novo código de comunicação será esse?! - perguntava-se o padre Messias, em voz alta, o qual, sem sombra de dúvidas, não poderia estar em outro lugar, senão ali dentro da casa 345 da rua do Tambor – É preciso, meu Deus, que vós me deis inspiração para alcançar o verdadeiro sentido de cada gesto desse santo homem, o vosso filho recém-chegado entre nós. É preciso que eu interprete convenientemente

os seus gestos, para transmitir o seu sentido ao povo dessa cidade e até mesmo para essa gente que se diz importante, que se diz boa entendedora, como esses jornalistas que invadiram a minha Botu.

Padre Messias, como se vê, não perdia tempo mesmo. Não se sabe é como ele teve a notícia de que Nicolas estava em sua casa, para justificar a sua presença ali, àquela hora, já madrugada, aproveitando para fazer ver a todos os que lá estavam que Nicolas representava, realmente, alguém bastante poderoso.

Capítulo XV

Floripes e nada eram a mesma coisa. Uma nulidade. Não servia para nada. Antes de Elvego chegar em Botu, vivia o prefeito entregue aos caprichos do padre Messias. Agora que não tinha o apoio do padre, procurou abrigo junto a Elvego. Era Elvego sendo solicitado a toda hora e a todo instante e, por isso, ele já andava meio encabulado.

Aprendera Floripes, junto a Elvego, que aquilo tudo que se passava ali não era milagre dos céus. Algum fenômeno estranho estava acontecendo, isto sim era verdade. Mas não um milagre. Também Elvego facilmente fez a cabeça do nosso prefeito, mostrando-lhe que Nicolas não era novo Messias, coisa nenhuma. O que havia ali mesmo era apenas um Messias nessa estória, que era o padre, o inescrupuloso padre da paróquia de Santa Júlia. O prefeito Floripes, como já dissemos, vivia preso aos caprichos do padre, pelo fato de ele lhe dever muitos favores políticos. Mas também, como se sabe, ele se desligara daquela influência. Tinha, agora, em seu favor, a experiência de Elvego e com ela se acharia muitíssimo bem. Aliás, tudo vinha dando certo.

Assim, inocentemente, ele pensava. Mas, coitado! Estava enganado ao pensar que Elvego pudesse servir de

degrau para ele, como se fosse um inexperiente qualquer para se deixar explorar assim tão facilmente.

- O senhor procure se corrigir. É uma autoridade. Imponha-se. Saia de perto de mim. A toda hora e a todo instante é atrás de mim, perguntando-me como fazer as mínimas coisas! Não se envergonha disso?

Era verdadeiramente um coitado o Floripes. Fazia-se forte para não acreditar naquilo tudo que, segundo Elvego, era uma armação do padre Messias. Não tinha segurança no que pensava. Era um Maria-vai-com-as-outras, não sabendo direito onde colocar as próprias mãos quando estava falando com alguém. Só uma coisa ele perseguia ardorosamente. Essa coisa era o poder. Disso, a toda hora e a todo instante, ele dava demonstração de que era o seu verdadeiro prazer. Só lhe faltava competência para tanto. As três vezes em que se tornara prefeito de Botu fora em consequência do apoio ostensivo que lhe dera o padre Messias.

- Senhor Elvego, ajude-me, pelo amor de Deus!

- E agora essa, senhor Floripes! Não vê que está exagerando? Tanto já me incomodou e agora já está até colocando o nome de Deus no meio para que ele me leve a atendê-lo. Calma, homem!

- Como posso ter calma, senhor Elvego? Como posso ter calma? O meu Sival, se o senhor não está sabendo, anda, faz alguns dias, metido nessa estória inventada pelo padre Messias. Vive sumido dentro de um traje estranho, um roupão branco, repetindo uma ladainha que chega a doer os ouvidos. Segundo diz, está fazendo a vez de mensageiro da nova doutrina trazida pelo maluco Nicolas. Onde já se viu doutrina de quem não fala, de quem não diz uma palavra? Um verdadeiro maluco o Nicolas. Olhe ali, senhor Elvego. Ali vai ele passando. Sempre com aquele roupão e com aquele cajado um tanto curvo.

Realmente, Elvego logo percebeu que aquele personagem estranho, vestido de roupão branco, cabelos

desalinhados era Sival. Nem parecia aquele jovem alegre, estudioso, amante do jogo de xadrez e do seu passatempo predileto, que era o de se dedicar aos muitos pássaros que criava. E exatamente quanto aos passarinhos Floripes vinha agora aos pés de Elvego para dizer que, no dia anterior, num gesto repentino, Sival, após terminar o seu habitual lanche das três horas da tarde, saiu imediatamente para os alpendres em cujos tetos estavam penduradas nada menos que setenta gaiolas. Pois o rapaz, de forma rápida, sequencialmente, foi abrindo, uma a uma, não restando ao menos uma que não tivesse ficado aberta por ele. Os pássaros, é claro, todos eles voaram e até aquela hora não se tinha notícia de nenhum deles. Nem o curió, pelo qual na feira de pássaros de Divinópolis já lhe haviam oferecido uma grande soma de filardis, ele o poupou, mesmo em se tratando de um pássaro de muita estimação.

- Seu Floripes, seu Floripes! - o vaqueiro do fazendeiro Zutza, de tanto correr, estava ofegante - Venho da fazenda agora mesmo e o senhor não imagina o que aconteceu.

- Diga logo, homem!

- Lá em cima daquele capim seco, daquele... o senhor sabe, pois lá, hoje de manhã, apareceram os passarinhos de seu filho Sival. Os bichinhos estavam mansinhos, tão mansinhos que deixavam que a gente pegasse. Peguei todos, seu prefeito. Estão todos lá com o meu patrão o seu Zutza, que diz que agora os pássaros são dele.

A reação de Floripes foi repentina:

- Ah, mas aquele desgraçado vai ter que devolver todos. Isso ele vai! Vou logo falar com o delegado Antunes.

E foi resolutivo em direção à delegacia de polícia.

Capítulo XVI

Sival era conhecido na cidade de Botu não somente por ser o filho do prefeito Floripes. Como já dissemos, a sua fama na cidade era a de um perfeito criador de pássaros, amando e se dedicando, com prazer, àqueles bichinhos mantidos presos nas gaiolas, cada uma bem mais cuidada e elegante do que a outra. Era uma coisa de encher a vista. Não só pelas gaiolas, mas, sobretudo, pelos pássaros da melhor qualidade que nelas colocava. Eram, realmente, muito alegres, cantadores e encantadores. Cuidado especial era o que não faltava a eles. A alimentação adequada, o rapaz a comprava, todo fim de mês, na cidade de Divinópolis.

- É absurdo manter os bichinhos presos. Não tem sentido nenhum - posicionou-se Sival.

- Seu desmiolado, o que você me diz do valor que todos eles tinham? Eram dinheiro vivo, seu idiota!

- Já disse ao senhor e repito mil vezes. Nada mais do que eu tenho me interessa. Não quero os meus pássaros, não quero mais jogo de xadrez, não quero mais estudar no colégio de Divinópolis. Isso tudo para mim agora passou a ser secundário. Importante é seguir a doutrina do novo Messias, do novo Cristo. Aquele homem magro, de carne e osso, o Nicolas, não viu como ele deixa a todos felizes com o seu modo de ser? Que tranquilidade! Que paz! Que quietude que ele transmite! Eu, agora, não quero nem mesmo a minha casa. Pode entregá-la a um outro rapaz qualquer. Não sou mais da sua casa. Vou, agora, seguir o Nicolas. Preciso difundir suas ideias. E estabelecer a nova crença, os fundamentos de uma nova religião que una, de verdade, o homem a Deus. Estou de acordo com o padre Messias. Estou em sintonia com ele. Tudo quanto aconteceu aqui em Botu foi uma coisa do céu.

- Oh, por favor, tirem esse danado desse desmiolado daqui de perto de mim, senão eu o mato!

- Mate, meu pai. Não importa. O que eu queria nesta vida já consegui. Lamento que o senhor não tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir como eu os tenho. Mas, o que é que eu posso fazer? Nada. Não depende de mim. Depende só do senhor. Venha, homem, venha para o nosso lado. Para o lado do padre Messias. Ele está ligado nas coisas do céu, nas coisas de Deus, do Deus vivo, verdadeiro.

Elvego estava de lado e a tudo assistia, inquieto. Começavam a chegar vários repórteres, inclusive de televisão. Iriam, pois, flagrar aquela cena. Filho contra pai. O rapaz antes calmo, estudioso, com o passatempo predileto de criar pássaros, agora não queria mais estudar, não queria mais seus pássaros e o xadrez, calculou Elvego, será que também ele não iria mais querer jogá-lo? Que pena! Até que era um tabuleiro razoável.

- Senhor Floripes, tenha calma. Tudo voltará a ser como era antes. Eu lhe garanto. Essa situação não vai continuar assim por muito tempo. Eu lhe garanto mesmo. Não é possível que o mal triunfe sobre o bem. Aquele padre maluco está açulando essa coitada e ignara população. Está transformando as pessoas. Ele não vai poder continuar assim e ir longe nesse seu propósito absurdo, imbecil. Ainda bem que temos aqui em Botu a presença da imprensa. Isso em muito nos poderá ajudar. Tenha confiança no que eu estou lhe dizendo.

- Está certo, senhor Elvego. Afinal, só no senhor é que eu posso confiar. Pode acreditar que eu estou fazendo isso, me aproximando do senhor sem o menor interesse.

Elvego disfarçou através de um ligeiro sorriso.

- Compreendo, senhor prefeito.

Capítulo XVII

- Tira, tira, tira isso daí. Não quero mais ver isso aqui em casa de jeito nenhum. Aprendi, agora, com o padre Messias outra coisa bem diferente. Um Cristo realmente para valer. Ele chegou agora, em carne e osso, na pele do Nicolas. Eu acredito nisso. Ele é forte, me fez superar o pecado que comigo carregava. Não preciso nem imploro o perdão do meu ex-marido, o João Ventura. Vá para o diabo!

Cândida ordenava a sua empregada, a Filadelfia, que retirasse imediatamente da parede de sua sala o crucifixo. Ele estava ali fazia uma porção de anos. Ganhara-o de presente numa reunião do movimento mariano que ocorrera na igreja de Santa Júlia. Recebera-o das próprias mãos do padre Messias. Mas agora ele não mais estava servindo. O novo Cristo tinha acabado de chegar. Era um Cristo alegre, feliz. Não havia na sua imagem nenhum sinal de sofrimento. Era o Cristo dominador, senhor de tudo e de todos, que tudo podia. Descera da cruz. As mãos e os pés não tinham sinal algum de que tivessem sido traspassados por cravos. O Cristo novo não era escravo da cruz. Tudo isso lhe ensinara o padre Messias e passou a acreditar piamente em tudo quanto o padre lhe dissera. Sim, ele lhe mostrava que o Cristo que descera da cruz estava ali em Botu, entre aquela gente pobre e miserável e que esse Cristo não era outra pessoa, senão Nicolas, aquele homem simples, pobre, humilde, que viveu a maior parte de sua vida a lançar a rede nas águas do lago Borrado, atrás do peixe, do melhor e mais gostoso dos peixes ali existentes e que eram apreciados pela gente fina da cidade grande, principalmente Divinópolis.

- Definitivamente, Fila, tira rapidinho esse negócio aí da minha parede. Eu quero aí uma outra figura. A figura magra, barbuda, mas sem nenhum sinal de sangue do meu conhecido e velho amigo Nicolas. Ele

sim. E quem diria! Tanto que eu já conversei com ele! Lembro-me que, muitas vezes, ele parava no meio da calçada por onde caminhava só para ouvir aquilo tudo que eu ficava lhe dizendo. Eu que tenho uma língua comprida! Eu reconheço isso.

Filadelphia, atendendo à determinação de sua patroa, subiu numa cadeira, pegou o crucifixo e o foi, aos poucos, descendo, a fim de entregá-lo à velha Cândida.

- Dona Candidinha, pula belchinha! - gritou fortemente, feito um apito de trem, o guri, filho do albergueiro Shiresto.

Cândida, desesperada, avançou para a porta da frente onde estava o garoto, pretendendo pegá-lo pela gola da camisa. Nisso, porém, tropeçou na cadeira sobre a qual estava a empregada Filadelphia.

- Patroa, tenha cuidado!

Tarde demais. Foi Filadelphia para um lado e o crucifixo para o outro. Aquela, em que pese a violência da queda, ficou intacta; este, todavia, como era feito de gesso, espatifou-se. Foram cacos de crucifixo para tudo quanto era lado.

- Também não valia mesmo mais nada! - concluiu Cândida convictamente.

Capítulo XVIII

A exibição era constante. Alteíades e seu carrinho; carro, realmente, muito pequeno. Zutza o vendera porque estava apertado, em face da tremenda seca que atacara a região botuense. O velho estava precisando de dinheiro para comprar ração para o gado que estava morrendo de fome. Agora, estava Alteíades no que queria. Sentia-se dono da situação. O povo continuava a afluir à casa 345 da rua do Tambor, endereço onde morava o pescador Nicolas. Durante todo o transcorrer dos fatos misteriosos nunca deixou de correr um

dinheirinho para o sabichão. Ultimamente, estava ele bem aliado ao padre Messias. Alteíades pareceu-lhe a pessoa certa. Era interessante, então, que ele concordasse com o padre Messias. Daí sua disposição em demonstrar que tudo quanto o Nicolas tivesse tocado, tudo quando a ele pertencera era coisa do céu, era coisa sagrada. Dever-se-ia tratar com todo o zelo, com todo o carinho.

Já tirara Alteíades um bom lucro. Conseguira, com os rendimentos tirados do povo pobre de Botu, o suficiente para adquirir o carrinho do Zutza. Estava feliz. Não saía de dentro do seu automóvel. Exibia-o constantemente a todos e a si próprio. Andava até se enxerindo para umas garotas, bastante cuidadoso, entretanto, para que Helcina, seu grande e secreto amor, não viesse a saber desse seu procedimento. Parecia um rapazola. Não tinha mesmo nenhum cabimento o que ele fazia. Estava exagerando. Mas tinha o apoio do padre. E ai de quem dissesse qualquer coisa contra ele. O povo o respeitava. O povo o queria, apesar de por ele estar sendo explorado. Era a pessoa encarregada de tratar, de cuidar de Nicolas. Adquirir sua roupa, sua alimentação (que ele não comia), tratar dele, asseá-lo.

O padre não dava murro em ponta de faca. Dava corda a Alteíades, mas também dele exigia, e muito. Ele, por sua vez, estava desempregado. Deixara o seu trabalho na loja de tecidos do senhor Sinárdio. Precisava lá daquele emprego! Vivia, agora, sempre de bolso cheio. E com seu carrinho ali para servi-lo, para viver a liberdade que nunca tivera, não podia mesmo reclamar da vida que passou a levar.

Elvego, muito constrangido, a tudo assistia, mas nem ele, nem o prefeito Floripes nada podiam fazer.

Capítulo XIX

A igreja de Santa Júlia estava lotada de fiéis. Padre Messias acabara de ler o Evangelho e ia seguindo para o púlpito, para fazer a sua prática, quando a figura esquelética de Nicolas assomou à nave central. Caminhava muito vagarosamente. À proporção que avançava, olhava para um lado e para o outro, lançando um olhar profundo sobre todos os que se achavam sentados nos bancos. Padre Messias sorriu. Nicolas retirou o seu olhar de cima das pessoas ali presentes. Foi levantando o pescoço um tanto comprido. Deu de cara, inicialmente, com o quadro da via sacra, o primeiro deles. Fixou-lhe o olhar. Para o espanto de todos, inclusive do padre Messias, o quadro começou a balançar na parede onde se achava pendurado. Balançou para um lado, balançou para o outro e logo, em poucos instantes, ele caiu no assoalho, naquele mosaico bem desenhado, de cores acentuadas, aos pés de uma velhinha que, de terço à mão, estava tremendo o corpo todo. O quadro, ao atingir o chão, quebrou-se inteiramente e tudo quanto representava imagem se despedaçou.

- Deus Todo-Poderoso, dai-me luz para compreender esse fenômeno. Eu não pensava que a coisa era tão séria assim... - orava em silêncio o padre Messias ao mesmo tempo em que se mantinha de olhos bem abertos, assistindo à destruição que Nicolas continuava promovendo.

Aproveitara-se o padre de uma situação. Sabia o quanto ignorante era a gente daquela cidade. Pregou sobre a importância de Nicolas. Mas estava, então, diante daquele procedimento do pescador, começando a se arrepender.

- Eu queria que Nicolas se manifestasse, que mostrasse sua figura doce e querida, que fizesse mostrar seu papel do novo Messias. Mas, agora, eu estou vendo

que os fatos acontecem e eu não me sinto com domínio sobre eles. E não pode ser assim. Eu é que tenho de ter as rédeas, para conduzir tudo direitinho - avaliou, preocupadíssimo, o padre Messias.

E, dirigindo-se para o recém-chegado:

- Bendito Nicolas, pare, pelo amor de Deus. Não destrua essa casa, que é sua!

Mas Nicolas continuava olhando até mesmo para cada recanto da igreja e, onde punha fixamente o olhar, o objeto se movia ou caía e se espatifava ou mesmo no lugar onde se encontrava ali se desintegrava.

- Meu Deus, eu mereço tudo isso? Esse estrago agora dentro da Igreja! Eu que tanto lutei para conseguir tudo isso, arrancando dinheiro dessa gente pobre e miserável. Agora vem esse homem que elegi como santo para destruir tudo quanto consegui construir! - lamentava-se, intimamente, o padre.

Não demorou muito tempo para a destruição total acontecer. Os quadros da via sacra, todos despedaçados. O crucifixo central, todo quebrado, todo retorcido. A imagem de Santa Júlia transformada em miríade de partículas de cerâmica. Seu pedestal, que era de madeira nobre, apresentava-se como se tivesse sido atingido pelo fogo. Dele provinha uma fumaça branca, como a de um pedaço de madeira em combustão.

É claro que os jornalistas, que estavam em Botu para registrar o fenômeno do OVNI que ali aparecera, tinham, agora, material farto para explorar. Até antes daquele fenômeno na igreja, viviam a zombar do que dizia o padre, do que profetizava Atrias. Viviam a zombar, enfim, de tudo aquilo que a ignorância daquela gente a fazia crédula. Tinham visto, isso é inegável, o pescador Nicolas no monte de capim seco, por vários dias. Tinham visto o fogo ali ardendo, sem, sequer, queimar Nicolas. Tinham-no visto, às margens do rio Opá, envolto num bloco de vapor. Mas agora estavam ali, dentro da igreja, testemunhando cada passo de

Nicolas e a destruição correspondente a cada olhar que era fixado em determinado compartimento daquela casa de oração. Pena é que não tivessem levado o seu material de trabalho. Nunca tanto suas câmeras e máquinas fotográficas lhes fizeram tanta falta.

Na verdade, todos ficaram estupefatos. Nicolas nada dizia e, no entanto, muito fazia. Nenhuma palavra. Nenhuma menção de comunicação com quem quer que fosse. Não olhou fixamente em ninguém. Nem no padre Messias, nem nos fiéis assentados nos bancos, nem no pessoal da imprensa. Seu olhar fixava-se nos diversos compartimentos da igreja. E em tudo aquilo que olhava resultava, como conseqüência, que o objeto olhado se espatifava.

Todos, de repente, tiveram suas atenções centralizadas em determinado ponto. O local onde se encontrava o ostensório. Nicolas para lá estava se destinando. Abriu a portinhola daquela custódia tão bem trabalhada em ouro da melhor qualidade. Tomou-a em sua mãos. E todos puderam testemunhar que toda a matéria em que se constituía aquele ostensório se ia derretendo, aos poucos, e o resultado do derretimento simplesmente se evaporava, ficando, enfim, daquele objeto, apenas o seu elemento central, a hóstia, que, por sua vez, foi se agigantando, a ponto de tomar a dimensão do corpo de Nicolas e esse, enfim, adentrando a massa que a constituía, passou a se confundir com a mesma, após o que, com os mesmos passos lentos, saiu da igreja, deixando perplexas todas as pessoas ali presentes.

Capítulo XX

- O que é que se passa aqui neste fim de mundo, meu caro Elvego? Você que tem a cabeça no lugar, explique, por favor, a todos nós, o que realmente está se passando. Que coisas estranhas são essas? Coisas

inusitadas! Já estamos, realmente, propensos a não encarar tudo isso que nesta cidade acontece como sendo credence desse povo, dessa gente ignara. Verdade é que ela vive mergulhada numa religiosidade em que se afoga todos os dias, num misticismo fora de série. Mas algo mais sério nos está levando a concluir que não se trata de pura credence.

No albergue de Shiresto, o jornalista Epistrau, da Rede Nacional de Televisão, distante das câmeras, conversava com Elvego Doso de Riela. Este, por sua vez, mostrava-se, também, estarecido, sem saber exatamente onde encontrar a explicação que lhe estava sendo solicitada.

- Esperemos que os conhecimentos teológicos do padreco possam servir para alguma coisa. Foi ele quem botou na cabeça do povo isso tudo que ocorre por aqui. Eu vi com os meus próprios olhos, disse eu não tenho dúvida, porque também estava na igreja - observou Elvego com certo ar de ironia; ironia que tinha como destino certo a pessoa do padre Messias.

Este, por sinal, após o acontecido na igreja de Santa Júlia, já se manifestara interessado em conversar com o pessoal da imprensa e, também, com o próprio Elvego. É que ele também não sabia a saída para aquilo tudo que acontecera dentro da igreja, pois pensava ele que ali ninguém mexia e que só quem mandava era ele.

E Elvego continuou:

- Vão atrás do padreco! Aliás, não precisam ir atrás dele. Ele já está louco para falar com vocês. Já me procurou, inclusive. Não quero muita conversa com ele. Não adianta.

- Também não é assim, Elvego - observou Epistrau - Você, pessoa que todos nós temos como inteligente, sensata, não é compreensível que entregue os pontos assim tão rapidamente. Estamos conversando sério com você. Nosso trabalho é feito com muita responsabilidade. Chegamos aqui neste fim de mundo,

porque fomos atraídos pelo fenômeno do OVNI. Você também!

- Eu, não!

- Como não?!

- Não sou de viver dizendo a todo o mundo o que vivo fazendo. Mas agora eu tenho que me defender. Pois saiba, meu caro Epistrau, que é costume meu conhecer, a cada ano, uma cidade, uma nova comunidade, para melhor conhecer a diferença entre o comportamento social de um e de outro grupo humano. Se não sabe, o que me move e me inquieta é a sensação de sempre estar descobrindo novos costumes, novos hábitos, novos valores. Ver de perto a forma de vida de um povo. Desta vez, escolhi Botu, esta cidade do fim do mundo. Quase não a achava no mapa. Ao chegar aqui, para minha surpresa, deparei-me com o fato de que os dois compadres, segundo me informaram, tinham morrido e haviam ressuscitado quatro horas depois. Daí é que veio o desdobramento dos fatos, com o aparecimento do disco voador, que chamou a atenção dos senhores, para fazerem essa longa viagem até aqui, no desconforto que todos vocês devem ter sentido no trajeto feito de trem.

- Está certo, então me desculpe. Mas, por favor, deixe de lado esse seu comportamento irônico. Sei que não é nada contra nós da imprensa. É claro que você se comporta assim com o endereço certo na pessoa do padrego Messias. Todos estamos conscientes disso.

- Ainda bem que vocês reconhecem isso.

- Então, vamos arregaçar as mangas?

- Você pretende começar por onde? Veja que nem o bispo Agamirhom, coitado, conseguiu qualquer coisa de positivo. O danado do Messias manteve-se firme diante dele no seu propósito de manter essa gente enganada.

- Mas agora, meu caro, já existe uma porta, uma saída. Não viu como o padre ficou estarecido na igreja,

com o aparecimento ali do Nicolas, que quase pôs por terra aquele templo?

- Realmente.

- Ele ficou de olhos esbugalhados, vendo a destruição dos quadros da via sacra. E quando o Nicolas penetrou a hóstia aumentada de tamanho?!

- Pare um pouco, eu nem gosto de me lembrar disso. Sei que esse foi um fato que mexeu profundamente com aquele símbolo deveras importante para o catolicismo. Não sou religioso, mas abomino as práticas que possam contrariar os valores de qualquer religião.

- Também concordo com você. Mas o que interessa agora é que concorde comigo quanto ao evidente estado de desespero do padre.

- Isso é indiscutível.

O diálogo entre ambos prosseguiu, até que chegaram à conclusão de que deveriam procurar o padre e fazer por onde ele pudesse sentir que estava perdido, para o fim de tê-lo como aliado à pretensão que tinham em mente, que era a de reverter a situação, mostrando àquela população ignara que Nicolas não era do céu, que Nicolas não tinha poder.

Bom, que já era um pouco tarde para tal providência, era. Mas não custava tentar.

Capítulo XXI

Alteíades, enquanto comerciário na loja de tecidos do senhor Sinárdio, era aquela pessoa acanhada, mal vestida. Trazia consigo, escondido, o desejo de um dia casar, de um dia desposar Helcina, filha mais velha do Zutza da Farinha. Sua situação pessoal, todavia, desanimava-o. Agora, porém, tinha mudado para melhor. Embora desempregado, juntou boa quantidade de filardi com a exploração das pessoas crédulas que visitavam a casa 345 da rua do Tambor. A quantidade de

dinheiro já fora mais do que suficiente para comprar um carrinho, justamente aquele que pertencera ao seu pretendido sogro. Por isso, achou que tinha reunido o patrimônio suficiente para chegar na casa da fazenda e propor o casamento. Quanto a Helcina, esta, na verdade, vivia caidinha por Alteíades, fazia muito tempo. O que faltava era apenas a iniciativa da parte dele. Pois o que parecia difícil não o foi. A verdade é que Alteíades conseguiu o sim do pai de Helcina e logo marcaram data para o casamento. Tudo ficou combinado para que a festa desse certo. Primeiro o casamento na igreja, celebrado pelo padre Messias; depois, a recepção, no Clube do Lira.

E assim aconteceu.

Na igreja, contudo, o casamento, em que pese celebrado, causou certo desapontamento aos convidados, testemunhas, noivos e familiares. A todos, enfim. É que o padre Messias fez a celebração com todo o ritual conhecido, mas não se ouvia palavra nenhuma por ele pronunciada. Por fim, fez o sinal da bênção, apertou a mão dos noivos, dos pais e saiu.

Após todos os presentes naturalmente se interrogarem, perquirindo sobre o que estaria se passando com o padre, resolveram, enfim, encarar como se o casamento tivesse mesmo acontecido e, após as indispensáveis e devidas assinaturas dos noivos e das testemunhas e da reportagem fotográfica, saíram os recém-casados com destino ao Clube do Lira. Ali deveria haver um festão. Era o que se esperava e assim aconteceu para a alegria de todos.

A recepção transcorria na maior tranquilidade. A orquestra do maestro Vivi não parava de tocar. Lá por volta de uma hora da madrugada, os convidados sentiram falta de cerveja. Pediram permissão aos familiares para irem comprar mais bebida. Àquela hora, certamente, era difícil encontrar, mas iam tentar. Voltaram, contudo, de mãos abanando.

Como não mais havia bebida, a festa, por isso mesmo, ia chegando ao seu final, quando, no entanto, no centro do salão, assomou a figura esquelética de Nicolas. Aqueles mesmos gestos simples, tranquilos. Lançou o olhar por sobre as mesas, repletas de garrafas vazias. Os convidados foram se espantando, de olhos abotichados, ao verem que, sobre as mesas, as garrafas, antes vazias, se iam tornando cheias, a ponto de ficarem derramando a espuma de cheiro ativo e gostoso daquela bebida que agora parecia e era, na verdade, de uma qualidade especial e de um sabor superior ao daquela que vinham bebendo.

Nicolas, então, sem dizer uma palavra, sem sequer apresentar um gesto, saiu do salão, sem ao menos permitir a indicação do lugar para onde estava se destinando. Não é preciso dizer que a festa voltou a reinar. Foi a maior festa de casamento dos últimos tempos ali em Botu. Foi tão animada que saíram embriagados os convidados, as testemunhas, os noivos e os familiares. Festão!

No outro dia é que todos se deram conta do fenômeno estranho que cercara aquele casamento, tanto na igreja, como no Clube do Lira. Nem mesmo Cândida, no mesmo dia, teve condições de propalar os fatos estranhos a que assistira. Bebera demasiadamente, sendo levada para casa nos braços de sua empregada doméstica, a Filadelfia.

Capítulo XXII

- Não, não, de jeito nenhum! Será que vocês não percebem o que está acontecendo aqui nesta cidade? Vocês estão com uma venda nos olhos?

A conversa se passava na casa paroquial, ao lado da igreja de Santa Júlia. Da reunião, a portas fechadas, participavam o padre Messias, o prefeito Floripes, o

jornalista Epistrau e, como não podia deixar de ser, Elvego Doso de Riela.

- Mas padre, só agora o senhor vê que essa estória não pode continuar, não pode ir para a frente?!

- Eu sei, meu filho (tratamento inesperado aquele), mas veja, eu também só agora senti que a coisa é poderosa, que não está no meu domínio, pois está fora de mim...

- Que é isso, padre, está entregando os pontos? - observou, criticamente, Elvego.

- Vejo que não estamos em situação favorável a perda de tempo, com diálogo desse tipo, meu caro Elvego - observou, professoralmente, o jornalista Epistrau.

- Será que vocês estavam na igreja, quando aconteceu a destruição, quase a total demolição da casa de Deus? Foi ali, meus senhores, que comecei a ficar apavorado. Apavoradíssimo. Trêmulo, não tenho vergonha de dizer. É que eu pensara uma coisa e estava vendo outra, mil ou milhões de vezes mais poderosa. Um homem simples que eu o conhecia desde muito tempo. Eu só, não. Todos aqui em Botu conhecem muito bem o Nicolas. Um homem pacato, ordeiro. Vivia de sua casa para a sua pescaria no lago Borrado. E agora, depois de tudo aquilo que aconteceu com ele, achou de aparecer dentro da casa de Deus, manifestando poderes maravilhosos! Um poder espantoso! Isso tudo me inquieta, meus irmãos. Tem algo errado nisso tudo. Algo perigoso, que complica as bases da fé e dos assentamentos religiosos que comandam nossas ações. Eu sei disso. Temo por isso. Mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de reconhecer que ele tem o dom de um poder maravilhoso, de fazer e de acontecer, pois não é a qualquer um que é dado o poder de dominar as coisas materiais e destruí-las só com o direcionamento do olhar.

Alguém bateu insistentemente na porta.

- Quem é, Jovina? Não lhe disse que a reunião não era para ser interrompida?

- Mas, padre Messias, é dona Cândida. Insiste em falar com o senhor. Diz que é muito importante. Precisa falar urgentemente com o senhor e também com o prefeito e também com o senhor Elvego e também com o jornalista, esse homem que está aí dentro de nome tão esquisito. Como é mesmo...Epistrau. Sim, foi esse o nome que ela me disse.

- Ora, Jovina, não vejo motivo para você ter batido na porta.

- Um momento, padre Messias - interveio Elvego - Acho que devemos ouvir dona Cândida. Não devemos descartar as suas preciosas informações. São muito importantes, isto é, não todas, mas algumas delas. Talvez, essa que ela agora está querendo transmitir possa ser realmente importante para o tema que estamos debatendo.

- É - concordou Floripes, que, até aquele momento, não tinha dito uma só palavra.

Falou assim logo em seguida à manifestação de Elvego, porque sempre, ultimamente, vinha se escorando em tudo o que ele fazia ou orientava.

- É melhor você ficar calado, Floripes. Você tem contas a prestar comigo - retorquiu o padre Messias.

E voltando ao assunto que interessava:

- Deixe, Jovina, deixe essa mulher linguaruda e muito querida de todos nós entrar. Deix...

Mal terminou o padre de pronunciar a última palavra daquela ordem dirigida a sua secretária, Cândida, toda apressada, suada da cabeça aos pés, ofegante, adentrou o recinto.

- Venho trazer uma grande notícia.

- Que notícia? - todos perguntaram ao mesmo tempo.

- Vejam, senhores, que privilégio o meu. Meu não somente, mas de todos os que estavam no Clube do Lira,

ontem. Pois ontem foi a festa de casamento de Alteíades. Casou-se com Helcina, filha do senhor Zutza. Uma moça velha e que justamente por isso dá mais do que certo para o Alteíades, porque...

- Basta, minha filha, fale logo o que você tem a dizer e deixe de falar da vida alheia. Que mau costume! Não lhe bastaram as tantas reprimendas que já lhe passei? - disse em tom severo o padre Messias.

- Pois, padre, pois, meus senhores aqui presentes, eu bebi cerveja na noite de ontem. Muita cerveja.

- E é essa a coisa importante que você nos tem a dizer, sua desmiolada? - criticou Floripes.

- Cale-se você, que esta aqui é minha casa e não permito que você fale aqui - ordenou o padre.

Elvego ficou sorrindo, vendo aquela arenga dos dois que eram e que representavam as maiores autoridades daquele lugar e da forma como se comportavam só dava mesmo para rir. Teve que controlar o riso, sem deixar de escapar, todavia, um ligeiro sorriso no canto da boca.

- Fale, Cândida, de uma vez, que não temos tempo a perder.

- Meus senhores, pensei que todos vocês já soubessem. Aquele homem santo, o Nicolas, esteve ontem à noite no Clube do Lira, assim sem ninguém esperar. Chegou, simplesmente chegou. Não se sabe se veio por aqui ou por ali. Não se sabe se ele entrou por porta, por janela, ou se atravessou parede. O certo é que, de repente, sem que ninguém esperasse, ele estava ali. Aquela figura de sempre. É um santo mesmo! Pois sem que ninguém lhe dissesse uma palavra, pressentiu a decepção de todos ali presentes com a chegada de um irmão da noiva, que tinha saído da festa para comprar mais cervejas. Mal ele acabou de dizer que não encontrou as cervejas que tinha ido buscar, Nicolas foi lançando o seu olhar, aquele olhar penetrante por sobre as garrafas vazias existentes sobre as mesas e o que

aconteceu? Imaginam? Imaginam, senhores? E olhem que eu já ouvi falar numa estória mais ou menos parecida com essa. Só que não era com cerveja. Mas que se passou numa festa de casamento, disso não tenho nenhuma dúvida. Creiam, então, meus senhores, que aquelas garrafas secas se tornaram, como num passe de mágica, cheias de cerveja, da melhor que pode existir, já no ponto para ser ingerida, saborosa que só ela.

- Essa mulher dessa vez exagerou. Estamos aqui numa reunião importante e ela pede para interromper, para dizer semelhante bobagem - observou Epistrau.

- Mas, senhor Epis...Epis..., como é mesmo o seu nome?

- Epistrau, senhora, e, por favor, saia logo do recinto, que não temos tempo a perder.

- Calma, Epistrau, calma, que ontem eu a vi também na igreja e acho que ela presenciou a forma inusitada como foi celebrado aquele casamento. Era uma coisa que não estava em mim. Uma coisa que me dominava. Sentia que estava celebrando aquele casamento, que fazia todos os gestos normais, todo o ritual, como mandam os cânones. Mas não me lembro de ter pronunciado uma só palavra. Disso eu tenho certeza. Acho que já é o domínio dele que está atuando sobre mim. Deus me perdoe - e colocou, em sinal de desespero, as duas mãos cobrindo-lhe a face - Não é verdade o que eu estou dizendo, minha filha?

- É claro, padre Messias. O senhor estava bastante estranho ontem. Onde já se viu celebrar casamento sem dizer uma palavra sequer. Daqui a pouco o senhor vai querer celebrar a missa sem dizer uma só palavra também. Sinceramente, não estou entendendo o que se passa com o senhor.

Todos os personagens ali presentes se entreolharam com ares interrogativos. A situação estava ficando cada vez mais problemática e, por isso, concordaram que já era mais do que preciso uma

solução urgente para superar aquele quadro de dificuldades.

E a reunião terminou por ali mesmo.

Capítulo XXIII

A notícia só poderia mesmo advir de uma grande novidade para se ter espalhado tão depressa. É verdade, um homem simples conseguiu, num gesto que sugeria uma mágica, encher várias garrafas de cerveja secas sobre as mesas do Clube do Lira. E é certo que ele conseguiu isso sem o menor esforço, sem pronunciar uma palavra. Nem sequer apontou com o dedo. Só olhou e isso foi o bastante para que aquela quantidade enorme de garrafas (eram mais de cem) ficasse completamente cheia do produto por que mais ansiavam as pessoas participantes de uma festa de casamento, já quase no seu final.

- Quem fez isso, realmente, meu senhor? - perguntava um repórter a um dos convidados que participara da festa.

- Não foi o nosso tão conhecido Nicolas, ora! Quem mais é que poderia fazer? Acha que o padre Messias poderia fazer? D,u - du, v,i - vi, d,o - do! Duvido!

- Por que o senhor bota logo o padre Messias nessa estória?

- Ora, foi ele quem começou dizendo que o homem era o Cristo, que era o poderoso, que a ele é que a gente deveria reverenciar, que a gente deixasse de lado aquela coisa de sofrimento, pois agora tudo era diferente, porque Cristo viera em sua segunda vinda, em seu segundo advento sem deixar transparecer qualquer sinal de sofrimento. Logo, até a cruz, esse sinal que tantos carregam consigo, no sentido de que, simbolicamente, estão solidários com Cristo em seu sofrimento, isso tudo deve ser coisa do passado, assim

explicou o padre Messias. Ele falou que o Cristo novo, o Cristo recém-chegado ele é supremo, ele pode tudo, ele não está ligado a sofrimento por menor que seja ele. O Cristo verdadeiro tem domínio sobre tudo e sobre todos. Disse o padre Messias, ainda, que o novo Cristo, na verdade, não precisava dizer, não precisava pronunciar palavras, quaisquer palavras. Estas já haviam sido ditas. Já foram esgotadas. Já estavam registradas no Livro Sagrado. Não havia necessidade de se adicionar qualquer uma outra a mais. A revelação lingüística, na sua forma de compreensão, já estava consumada, estando já com dois milênios e mais alguns anos de pregação. Logo, o novo Cristo era aquele que estava ali, todo poderoso, que fazia e que acontecia, evidentemente com inclinação para o bem, pois não poderia ser diferente.

Ligeira pausa, após a qual aquele homem fitou diretamente o jornalista, acrescentando as seguintes considerações:

- Agora que o padre está apavorado, isto sim é a pura verdade! Ele nos botou isso na cabeça, esse novo poder de Cristo, mas se está mostrando receoso. Teme perder o posto de representante de Deus. A ele não foi de forma alguma agradável aquela estória de ver a igreja praticamente sendo destruída. Aquilo em muito abalou o padre.

- Então é verdade que o padre andou pregando isso tudo mesmo – indagou Epistrau?

- É verdade, sim! Agora, é que ele vem nos pedir ajuda!

- Ajuda de quê?

- Ora, ele está com receio de perder a igreja, só sendo!

- É, disse eu sei, mas também eu sei que ele está sentindo dificuldade de se desvencilhar do poder que o Nicolas está imprimindo sobre ele. Já soube do

comportamento do padre no último casamento que celebrou?

- O da filha do fazendeiro Zutza da Farinha?

- Sim, isso mesmo. O padre, no seu ofício de pastor, andou fazendo tal como vive fazendo o Nicolas, ou seja, age, age, realiza, concretiza sem, ao menos, emitir uma só palavra.

- É, isto é uma demonstração de que o padrego está de certa forma ligado a Nicolas, à influência dele. Agora, mesmo assim, se sente o quanto ele está atemorizado. Acho que ele se aproveitou de uma situação que nunca podia pensar que tomasse a dimensão que enfim está tendo.

- É isso aí. Diga-me uma coisa, o senhor é frequentador da igreja?

- Sou, sim. Por quê?

- E então, de que lado o senhor está? Do padre ou de Nicolas?

- Eu estou do lado de Nicolas. Claro que nele estou vendo que existe poder realmente. O padre Messias que se sente ameaçado, eu não posso fazer nada por ele. Ele que se agunte.

- Posso publicar essa conversa que tivemos aqui?

- Não faço a menor oposição. Fique à vontade. Agora, publique na íntegra, por favor.

- Fique tranquilo.

Capítulo XXIV

- E aqui começa, meus irmãos e minhas irmãs, a nossa pregação nesta noite alegre e muito bonita. Não temos culpa se outros estão com dores de cabeça. Quem semeia ventos, colhe tempestade. Assim ele quis, assim ele o terá. Aliás, nós é que estamos certos. Lidamos com o Deus vivo. E isto é realmente o que basta. Vimos dizendo isso desde o século XVI. Bendito o dia do rompimento protagonizado pelo grande Martinho.

Com essa pregação, pastor Dinosco começava, naquela noite, a falar aos crentes de sua igreja, localizada no início da íngreme ladeira da Pedra. Era um templo pequeno, como já foi dito. Aliás, seria melhor dizer que aquilo era a improvisação de um templo. Também com os poucos adeptos que tinha, o pastor já fizera muito, com a construção daquela casa bastante simples, onde, diariamente, se reunia com os crentes, para cultos e orações. Falava, como sempre o fazia, com a convicção de que ele e os seus outros irmãos estavam salvos da ira de Deus, pois cultuavam o verdadeiro Deus. Tanto assim que não permitiam a adoração de imagens.

Naquela igreja, o pastor Dinosco era voz respeitada. Sim, ali, naquela recinto, ele podia falar à vontade, extravasar seus pensamentos e posições religiosas, sem correr nenhum perigo. Ele e seus irmãos e irmãs de fé constituíam um percentual mínimo, insignificante, diante dos que professavam a fé católica. Mas o que importava era que existiam como vozes firmes que se implantaram no lugar onde antes, em termos de assuntos religiosos, somente havia espaço para a pregação feita na igreja do padre Messias. Podiam, pois, falar à vontade naquele modesto templo. Ninguém os molestaria ali. Nicolas não faria ali o que fizera na igreja de Santa Júlia. Julgavam-se imunes a uma ação destruidora daquela. Deus, o Deus vivo estava com eles.

Sem que ninguém esperasse, todavia, ali chegou Atrias, portando a já famosa vara, anunciando que Nicolas deveria aparecer naquele recinto dentro de poucos instantes. E, na verdade, mal ele terminou de falar, a figura esquelética de Nicolas invadiu a igreja. O pequeno templo evangélico encontrava-se repleto de crentes. Nicolas foi andando, passos lentos, pelo corredor central. Todos deixaram de lado o pastor que se encontrava pregando, bíblia nas mãos. Os passos de

Nicolas agora aumentaram um pouco. Logo, então, ele atingiu o lugar onde se encontrava o pregador. Pegou a bíblia que se encontrava em mãos do pastor. Fez um gesto que ninguém entendeu. É que, tomando o volumoso livro com a mão esquerda, ergueu-o até a altura dos seus olhos, na distância do seu braço estendido e, com a mão direita, ficou a dar voltas em torno do mesmo. Em seguida, encostou-o em sua testa. Aos poucos, todos viram como o livro ia penetrando a cabeça de Nicolas até que, enfim, desapareceu por completo. Depois, ele encarou a todos, principalmente o pastor Dinosco e este ficou todo trêmulo.

- Meu Deus, que é que se passa? Dai-me luz para alcançar o que está se passando aqui em vossa casa, Senhor!

Nicolas olhou para o pastor Dinosco, pôs a língua para fora, tocou-a com o dedo indicador da mão direita por diversas vezes e, em seguida, apontando o mesmo dedo para o pastor, fez o gesto negativo balançando demoradamente a referida mão com o dedo apontando para cima. Fazendo isso, saiu imediatamente.

Os crentes não sabiam o que fazer: olhar para a figura de Nicolas que se distanciava a passos lentos, da igreja, ou para a gravura pintada no fundo do templo, que começou a queimar, primeiramente pelas bordas e, a pouco e pouco, sendo alcançada em seu ponto central, até ficar totalmente dominada pelas chamas, que a consumiram, sem, contudo, chamuscar qualquer outra parte da igreja.

Todos ficaram realmente estupefatos.

Capítulo XXV

O jornalista Epistrau, conforme conversa que tivera com Elvego, voltou a procurá-lo, insistindo em que lhe esclarecesse tudo aquilo que se passava naquela cidade. Na realidade, nunca tinha tido um caso assim tão

estranho para fazer a cobertura jornalística. Hóspede também do albergueiro Shiresto, Epistrau, aproveitando um momento em que diante do albergue passava o enigmático Atrias, portando, como sempre, a sua vara, olhou para Elvego, que se encontrava deitado em sua espreguiçadeira e o convocou:

- Elvego, acho que agora é um momento bom. É só atrair o homem aqui para o albergue e começarmos uma conversa com ele.

- Sobre?

- Ora, eu estou sabendo que você foi o único a colher alguma coisa do Atrias, pois eu estou informado de que você conseguiu manter um diálogo com ele.

- É verdade. Pensava que você já soubesse disso há algum tempo. Quem é que lhe passou esse assunto?

- Ora, quem?! Dona Cândida!

- Muito bem, vou fazer o que você está me pedindo.

E levantando-se da espreguiçadeira, saiu, atravessando todo o alpendre e, chegando à rua onde estava Atrias, estático, meditativo, olhando para o alto, disse:

- Atrias, sei que você se lembra de mim...

- Afaste-se!

- Mas, Atrias... aquela estória que você me contou...a visão que o seu compadre teve...lembra?

- Que visão? Está ficando leso? Eu não sei de visão, coisa nenhuma!

- Está vendo aí, Elvego? - observou Epistrau - Parece que você agora está em maus lençóis. Andou dizendo que colheu uma confissão do desmiolado Atrias e ele está deixando você assim...

- Assim como?

- Ora, é a sua palavra, homem! Precisamos acreditar em você, mas é preciso que haja alguma coisa que comprove. Se fica só a sua palavra, aí é difícil. Você falou do diálogo mantido com Atrias, no qual ele lhe

relatou a visão tida pelo Nicolas. Mas ele não está confirmando nada! E agora? Podemos acreditar em você assim sem-que-nem-mais?

- Aí você está enganado, meu caro jornalista. Eu tenho a prova, sim. Está aqui comigo. Espere um instante.

E se dirigiu para dentro do albergue, para o seu quarto, dele retornando com um gravador grande que mais parecia uma maleta.

- Olhe aqui, está gravado. Pensa que eu não sou prevenido?

- E então, Atrias, vai dizer, agora, que não teve nenhum diálogo com Elvego? – perguntou Epistrau.

- Calma, que eu vou ligar o aparelho.

Logo apareceu, no ar, a conhecida voz um tanto rouca de Atrias. Na fita, realmente, estava gravada a conversa que Elvego mantivera com ele. Epistrau ouviu bem nitidamente a narrativa ali contida. Ele pôde, então, ficar inteirado de cada passo daquela estória estranha, esquisita. Nicolas e Atrias, os dois compadres, na beira do rio Opá, tendo uma visão... O peixe enorme, feio... Nicolas aéreo, olhando para cima, como se estivesse sonhando... O grito de Atrias, chamando-lhe a atenção... O susto de Nicolas, quando se deparou com o peixe enorme, seu único olho bem no meio da testa e que tanto brilhava que parecia um brilhante... Um monstro horripilante, um animal de brilho extravagante... Escamas que reluziam como se fossem pedras preciosas... O compadre Nicolas estático... O desejo de Atrias de ir em direção a Nicolas e a sensação de que se encontrava preso ao chão... O grito de Atrias pedindo que o compadre Nicolas saísse dali e viesse para perto dele... A espera de mais de quatro horas... O compadre Nicolas de olhos fixos no estranho animal... Tudo isso Epistrau ouvia numa concentração que o deixava inteiramente alheio a tudo aquilo que estava em seu redor.

- Coisa mais esquisita! - considerou Epistrau, após escutar a gravação.

E acrescentou:

- E não é que é verdadeira mesma a estória que tanto se tem ouvido! Elvego ter conversado com Atrias!

- Está vendo? E depois, você não estava confiando em mim...

- Eh..., perdoe-me, caro Elvego.

- Está bem, por esta vez eu desculpo.

E deixaram que Atrias saísse dali. Mas Epistrau ficou insistindo a respeito daquela narrativa tão estranha. Com certeza, seria uma bomba a sua publicação. Coisa estranha!

- Elvego me perdoe a sinceridade: você não devia ter demorado tanto para revelar a prova tão robusta que tinha em seu poder.

Capítulo XXVI

Seis dias depois, chegavam em Botu os jornais trazendo a revelação feita por Elvego. Os jornalistas, por várias vezes, ouviram referências ao diálogo mantido entre Elvego e Atrias, mas não chegaram a acreditar no que escutavam. Acharam que era conversa fiada daquela gente. E nunca tinham tido oportunidade de uma conversa séria com Elvego sobre isso. A verdade é que, quando os jornalistas vieram dar importância a Elvego, já fazia muito tempo da permanência deles na cidade de Botu. Aquela fita magnética que estava em poder dele foi uma verdadeira bomba.

Os jornalistas, que tinham ido a Botu para cobrir o fato relativo ao aparecimento de um OVNI, estavam, agora, a braços com o desdobramento de outros fatos que, certamente, diziam respeito àquela aparição que os levava até aqueles confins. Nunca a população de Botu se ligara em jornais. Na cidade, onde ia trem uma vez por semana, os únicos exemplares que chegavam eram

para a prefeitura e para a casa paroquial. Ninguém mais se determinava em ler jornal, a não ser o padre e o prefeito. É certo que, ali em Botu, chegavam as notícias através do rádio e da televisão. Mas os noticiários não eram, na verdade, motivo de atenção dos botuenses. Nem mesmo aqueles mais recentes, veiculados quer pela televisão, quer pelo rádio. Agora, porém, foi a vez dos jornais. Botu ficou invadida por eles. Os jornalistas fizeram questão de pedir o maior número possível de exemplares para Botu. É que a edição do dia vinte e seis do mês de novembro tinha saído repleta de notícias sobre Botu. Uma cobertura jornalística perfeita sobre a cidade e sua gente. Fotos variadas de diversos lugares e de muitos personagens que nela se destacavam. Até Cândida foi alvo de reportagem. Não houve jornal que não trouxesse uma foto dela. O assunto principal, evidentemente, era o disco voador. Afinal, os jornalistas tinham se deslocado para aquele fim de mundo para fazerem a cobertura do aparecimento do OVNI. Mas, ao ali chegarem, depararam-se com a estória da morte e da ressurreição de dois homens, um fato por demais enigmático. Levantaram, também, as causas relativas à tragédia acontecida, em pleno festejo carnavalesco. Cinquenta e cinco botuenses mortos, do dia para a noite. Trataram sobre a revelação de Nicolas, o poder que ele aparentava ter. O recuo do padre Messias, não mais aceitando aquilo que o pescador Nicolas para ele representava inicialmente. Enfim, no meio do cipoal de notícia estampada nos jornais, como fato concreto, como fato palpável, como prova irrefutável, trazia, também, a entrevista que Elvego mantivera com Atrias. Entrevista em que ele relatara a visão que ele e o compadre Nicolas tiveram às margens do rio Opá. Desde o dia da chegada dos jornalistas na cidade de Botu até aquela data, eles não tinham tido, na verdade, um documento tão poderoso quanto aquele. Tratava-se, realmente, de algo concreto. Sim, naquela fita estava

gravada a conversa que Elvego mantivera com Atrias. Igualzinha, da forma como ele havia retratado aos jornalistas. A voz era inconfundível. A voz rouca de Atrias.

Movimento igual naquela cidade nunca se tinha visto até então. De trem, chegaram nada menos que trezentos exemplares de jornais. Jornais os mais diversos; dos que mais amplamente circulavam aos que menor circulação tinham. Ficaram os exemplares de mão em mão. Quem jamais em sua vida viu em suas mãos um jornal, estava lá, agarrado com o bicho. Sim, porque aquilo era coisa estranha. Sabia-se da existência, mas nunca se tinha despertado o interesse em ter um jornal em mãos para ler ou, quando não fosse para ler, para, ao menos, ver uma fotografia. E, por certo, a grande maioria da massa habitante daquela cidade não estava de posse de um exemplar de jornal para ler nada ali escrito. O que lhe interessava era, isso sim, olhar as fotografias, comentá-las. Até Alteíades e seu já famoso carrinho saíram no Jornal A FOLHA, o matutino mais conceituado na Capital.

- Acho que, com esse rebuliço todo, Nicolas agora vai dizer alguma coisa. Não é possível que ele continue no seu mutismo de sempre - avaliou, satisfeito, Epistrau.

Capítulo XXVII

Elvego, por breves instantes, ficou vermelho de raiva, ainda com a edição da FOLHA DA TARDE em suas mãos.

- Miseráveis!

Logo, porém, procurou se corrigir, pois não era do seu feitio reações assim tão cheias de indignação. Para ele isso só fazia mais complicar as situações que por si já eram difíceis. Ao invés de se deixar irritar, dominou-se e, serenamente, se pôs a pensar no que deveria fazer, diante daquela injustiça que lhe fora feita. O jornal

estampava, na primeira página, o conteúdo da gravação da conversa que ele tivera com Atrias. Quanto ao seu inteiro teor, tudo bem, pois Elvego não tinha como esconder nada, nenhuma passagem daquilo que resultou na conversa que tivera com Atrias logo que chegara em Botu. O que lhe doeu e o irritou foi a afirmação do jornalista de que ele estava sonogando informação aos órgãos de imprensa, porque ele não abriu o jogo, não dissera, não revelara tudo quanto tinha conhecimento. Depois, somente depois é que revelou que tinha consigo uma fita gravada com aquela conversa. E, realmente, a conversa, melhor dizendo, praticamente o monólogo de Atrias foi como que uma bomba para a imprensa. Até então eles, que haviam sido atraídos para Botu pelas notícias acerca do objeto voador não identificado que por ali aparecera, não tinham nada de concreto sobre o fato misterioso que acontecera com os dois compadres, pois a única revelação feita, a respeito, por um dos personagens envolvidos, ficou em poder de Elvego. E este só o revelou quando provocado, como já dissemos. Pois bem, só poderia ser prato cheio para a imprensa, pois, sem dúvida, o documento logo fez com que ela o associasse ao acontecimento subsequente, que foi a aparição do estranho objeto. E depois, ainda fazendo as devidas ligações, o fato de Nicolas haver desaparecido e, por fim, a sua demonstração de poder, um poder que estava deixando a todos bastante preocupados.

Capítulo XXVIII

O cego Parnimas não se continha. Havia falado com o padre Messias diversas vezes. Achava-se tomado de pecado, desde quando, apesar de sua condição de cego, também participou ativamente nos preparativos para o maior carnaval que Botu havia tido, o carnaval do desastre, do infortúnio, o carnaval que os botuenses jamais esquecerão de verdade em suas vidas. Além

disso, também tinha confessado, quando do aparecimento do estranho objeto sobrevoando a cidade, o pecado que cometera em sua juventude. Assim o fez, como grande parte dos seus conterrâneos o fizera, porque sentiu a morte aproximar-se. Viu-se invadido de arrependimento e confessou.

- Padre Messias, o senhor me perdoe. Eu tanto já me confessei com vossa reverendíssima, tanto me confessei, mas agora, tenha paciência. Eu sei que, no começo, o senhor estava do lado dele e também sei que, agora, o senhor está com um pé atrás. Está vendo que vem perdendo terreno para ele. Antes o senhor era o manda-chuva, não é verdade? Fazia e acontecia. Ditava tudo. Agora, não. O senhor se deparou com um poder maior, não é verdade, padre Messias?

- Vá para o inferno, cego desgraçado!

- Pois não vou, não, seu padre. Eu vou mas é procurar Nicolas, isto sim. Ele que tanto poder já demonstrou, poderá me restituir a visão.

- Vá pensando assim, coisinha ruim. Está pensando que ele tem tanto poder assim?! Quem demonstrou isso foi o Cristo. Mas aquilo não é Cristo, coisa nenhuma.

- Está bem. Espere, para ver. Não é o senhor quem está precisando. Sou eu. Tanto já lhe pedi e implorei, para me ajudar. Mas o senhor é fraco.

- Ah, cego miserável! - disse o padre Messias, fazendo menção de agarrá-lo pelo pescoço, sendo, entretanto, contido pela sua secretária.

- Calma, padre.

- Bote esse miserável para fora daqui. Agora!

Capítulo XXIX

Numa tarde, quando o prefeito se encontrava na prefeitura, ali chegou, inesperadamente, Nicolas. Estava acompanhado de Atrias. Queria falar com Floripes.

Atrias, pelo menos, assim esboçou uma frase, escapando, através de sua fala rouca, o propósito que os havia levado até ali. Nicolas, por sua vez, não falava nada, não deixava escapar um ai, um sim ou um não. Continuava como sempre nos últimos dias. Só agir era o seu propósito.

- Querem falar com o senhor Floripes? - adiantou-se, querendo ser agradável, o secretário do prefeito - Podem entrar. É por aqui. Por favor.

Nicolas seguia na frente e Atrias, atrás. A porta do gabinete de Floripes foi aberta sem que fosse feito o costumeiro anúncio.

- Que é isso, Florisval? Que espécie de secretário é você que não toma conta direito da entrada das pessoas em meu gabinete? Então, chega-se aqui e se entra sem pedir permissão? Você não está vendo que...

Não terminou a frase que ia dizendo, porque, naquele instante, postou-se a sua frente a figura esquelética de Nicolas, muito conhecida dele, pois o mesmo sempre fora pessoa ligada ao grupo político do prefeito, sem, contudo, nunca haver feito política. Apenas votava no prefeito e nada mais.

- Você, agora, vai ter que dar contas da sua conduta, Floripes - disse Atrias intrometendo-se entre o prefeito e Nicolas.

- De que é que você está falando, Atrias?

- De sua conduta criminosa, a de querer à fina força fazer nesta pobre cidade um carnaval, resultando em tanta gente morta, tantos defuntos de uma vez só. Foi muito trágico, Floripes. E você é o culpado maior. O grande culpado. O único culpado. E todos sabemos a causa que levou você a querer e, enfim, conseguir realizar aquele carnaval nanico. Digo nanico, porque não chegou à terça-feira gorda. Começou a morrer gente logo no domingo. Quem é que pode esquecer aquela tragédia? Foi um castigo, Floripes. Todos sabemos que o que você queria era realizar a festa, deixar o povo

animado, como a dar pão e circo à gente faminta e pobre desta cidade, esperando o troco no futuro próximo, quando das eleições. Homem cheio de pecado você! Agora, Nicolas está aqui. Veio cobrar de você, como você bem o merece. Não pense que vai acontecer nada aqui na prefeitura, não. É claro que tudo que está aqui não pertence a você. Pertence ao povo. Pertence a todos nós. Logo, a cobrança não haverá de ser aqui. Mas aqui apenas vimos para noticiar o quanto você será castigado.

- Atrias, eu conheço você e o Nicolas também! De que você está falando? Está meio desmiolado, homem?

- Estou! Estamos, melhor dizendo! Mas espere o que virá sobre você, de nossa parte. Basta que você chegue em casa.

O prefeito Floripes ficou preocupado. O que deveria acontecer com ele como estava sendo prometido por aqueles dois homens? Pelos dois, não. Por um só, justamente o Atrias, já que Nicolas não dava uma palavra. Mas Floripes sabia que o poder, se é que aquilo era realmente poder, advinha de Nicolas e, não, de Atrias. E, embora tomado de preocupação, mesmo assim, deu uma gargalhada, seguida de um gesto de que precisava ficar só para continuar trabalhando.

Sem reclamação, Atrias e Nicolas saíram do gabinete do prefeito. Atrias, normalmente. Nicolas, todavia, saiu pelo caminho oposto, justamente o local onde estava a parede por trás da cadeira do prefeito. E, quando Floripes deu por si, viu que tudo que havia sobre o seu corpo tinha desaparecido. Foram-se a camisa, a calça, a cueca, as meias, os sapatos, relógio, carteira de cédulas. Floripes ficou do mesmo modo como chegou ao mundo.

- Essa agora!

Correu para trancar a porta, antes que o secretário Florisval adentrasse o recinto.

Capítulo XXX

- Que danado é que está se passando aqui em casa, Sival?!

O jovem filho do prefeito Floripes, metido dentro de um camisão branco, cabelos bem compridos, estava na sala da casa do seu pai, cofre aberto (ele descobriu o segredo), casa cheia de gente, gente pobrezinha, formando fila, recebendo, cada pessoa, determinada quantia de filardi, dinheiro de Floripes. O prefeito sovina. O prefeito miserável que nada dava aos pobres. Nunca deu nada. Só pensava nele mesmo. Aquela estória de parecer bonzinho para o filho, dizendo que não precisava tirar dinheiro escondido, era só balela. Pura balela. O filho não tinha direito a mesada. Era só o dinheiro do transporte para o colégio Dom Carlos Costa, em Divinópolis e para a sua estada naquela cidade. Queria que o rapaz fosse gente. Ah, isso ele queria. E o jovem até que era inteligente. Gostava das coisas boas. Tinha aquela mania pelo jogo de xadrez, o que era muito bom. A outra mania era que desgostava um pouco o prefeito. Sovina como era, ainda assim permitia que o jovem criasse tantos pássaros. Mas isso admitia, porque também gostava de ouvir o belo canto das aves. Aliás, em sua juventude fora também dado à criação de vários passarinhos, os mais afamados daquela região, a Sorobina, lugar onde ele nasceu e se criou. Mas voltando dessa digressão que, no momento, não interessa ao ponto principal sobre o qual vínhamos discorrendo, o certo é que aquela figura jovem, alto, magro, empertigado, cabelos encaracolados e compridos (nisso ele puxara à mãe, dona Euflozina) foi flagrada pelo pai no momento em que trazia em suas mãos um sem-número de cédulas de filardi que acabara de retirar do cofre e as ia distribuindo àquela gente ávida por se assenhorear da quantia que lhe estava sendo estendida.

- Que é que se passa aqui em minha casa? Quem trouxe essa cambada de miseráveis para dentro do meu lar? Foi você, seu desmiolado! Tanto dinheiro perdi com você, para lhe dar instrução! Á-toa! De nada vai me valer. Que bela retribuição estou tendo! Está, agora, pensando que pode fazer tudo quanto aqueles dois loucos, o Atrias e o Nicolas vêm fazendo? Eu amarro você. Eu isolo você. Eu mando você para longe. Eu mando soltá-lo em pleno mar. Parece que não é o meu filho!

- Tenha calma, meu pai. Não precisa fazer nada disso. Eu já vou saindo. Estava apenas aliviando um pouco o seu cofre. O coitado precisava desse alívio. Estava abarrotado. Ele, certamente, está bastante agradecido - sorriu, melhor dizendo, deu uma gargalhada e saiu, sendo acompanhado pelos que estavam invadindo a casa.

Floripes, desesperado, pôs as mãos no rosto, lamentando a situação em que se encontrava. Trazia consigo o peso na consciência por ter tido a iniciativa de realizar o maior carnaval que Botu já tivera e que redundou numa tragédia. Veio a estória da visão de Nicolas, a seca maldita que quase matou a todos de fome e de sede. O aparecimento daquele objeto estranho. A cidade invadida por aqueles homens da Capital que viviam no seu encalço, sempre lhe perguntando um monte de coisas. Sival, soltando os seus passarinhos, tanto dinheiro no mato. Ainda bem que o Zutza foi consciencioso e devolveu alguns, os melhores. Depois, Sival fundiu ainda mais a cuca. Passou a se vestir daquele modo, passou a seguir os dois desmiolados. Agora, por fim, veio o pior. Atacar a propriedade do próprio pai. Destruir a sua própria herança. Maldição. Isso não era possível continuar. Haveria de ter um jeito, uma saída para tamanha dificuldade.

- É preciso que as autoridades constituídas desse lugar se reúnam para que, juntas, tenham a força capaz de solucionar esse grave problema.

Refletiu um pouco e, enfim, como que acordando de um sono:

- Bem que aquele miserável do Atrias me disse ainda há pouco lá na prefeitura. Bem que ele disse que o mal não cairia sobre a prefeitura e, sim, sobre o prefeito. E que mal maior poderia ser esse, senão o esvaziamento do coitado do meu cofre? Como ele deve ter se aliviado! Ele, sim, porque eu, não! Oh, meu Deus, ajudai-me!

Capítulo XXXI

Padre Messias estava prestes a receber a suspensão de suas ordens sacerdotais. O processo corria célere, quando, enfim, apareceu o fato favorável a sua defesa. A Diocese ficara sabendo que ele, agora, já mudara de postura. Já não mais pregava que Nicolas fosse um novo Cristo. Soubera a Diocese como ele reagira àquela intervenção danosa de Nicolas na igreja. Soubera, também, que desistira de suas ações, agindo, só agindo, só influenciando as pessoas com os seus gestos, sem sequer pronunciar uma palavra, como fazia o Nicolas, conduta essa que influenciou a muitos, dentre eles Sival, como já se sabe, tudo resultando, em verdade, na subversão da ordem imperante. O prefeito sofreu do que sofrera. Tivera o cofre aliviado. O pastor Dinosco ficou com a mão na cabeça, transtornado, vendo destruída uma parte da igreja tão admirada pelos crentes, que era a grande gravura exibindo o rio de águas plácidas, em meio a exuberante vegetação. Padre Messias, então, mormente em face da destruição ocorrida em sua igreja, já havia adotado um posicionamento diferente. Corria o risco de ter a sua igreja esvaziada. E, é claro, no primeiro domingo após o seu público posicionamento, a frequência diminuiu em

torno de cinquenta por cento. Mas o padre Messias se manteve firme. Não estava certo, não era correto aquilo tudo que se passava em Botu. Cristo era, foi e sempre será aquele que está pregado na cruz. Não haverá de ter um outro. Enganou-se. Não está vendo que coisa mais sem cabimento! Um homem como Nicolas, um homem inculto, um homem sem letras poder ser considerado divino! E, ainda mais, conceber-se um Cristo que não diz uma palavra sequer! Está certo que o padre assistiu àquela demonstração de poder, dentro da igreja. É certo que ele também soube do que acontecera na igreja do pastor Dinosco. É certo que ele sabia da influência que Nicolas estava exercendo sobre muitas pessoas da cidade. O povo estava cego. Estava seguindo tudo, rigorosamente tudo mesmo que ele insinuou a respeito de Nicolas. Ele, então, ficou como sendo o centro de tudo para o povo. A casa 345 da rua do Tambor continuava sendo alvo de romaria. E Nicolas não deixava de viver por lá. Quando não saía para fazer suas demonstrações de poder, permanecia na sala de sua casa, sentado na cadeira de sempre em que se acostumara a relaxar o seu esquelético corpo queimado pelo sol de Botu; aquele corpo que tantas vezes se lançou lago Borrado a dentro, para efetuar a pesca necessária à subsistência daquele povo.

- Padre Messias, carta para o senhor - apressava-se o sacristão Ananias a dizer que havia chegado, naquele momento, no trem, uma carta para o padre Messias.

Era a missiva da parte do bispo Agamirhom, informando, com satisfação, que soubera do novo posicionamento do padre Messias e que, por isso, o processo de suspensão das ordens sacerdotais tinha sido convertido em pena mais branda.

Padre Messias sorriu, bastante satisfeito.

Capítulo XXXII

Foi preciso muito esforço da parte do padre Messias. Nunca em sua via sacerdotal havia se comportado daquela maneira. Onde já se viu um padre sair atrás de reconquistar fiéis para a sua igreja?! Pois foi o que aconteceu com ele. Aproximou-se da residência de Cândida. Ela sempre lhe falava do crucifixo que recebera de presente na igreja, das próprias mãos do padre. Esperava o vigário avistar logo o crucifixo pendurado na parede daquela casa modesta, onde morava a verdureira mais famosa do mundo. É que, em canto algum do mundo, alguém que vende verduras tinha a importância que desfrutava aquela mulher naquela cidadezinha do fim do mundo, distante dos grandes centros, mas, na verdade, na crista da onda dos noticiários de tevê e dos melhores jornais da Capital. E agora, sendo procurada pela maior autoridade espiritual da cidade, em sua casa!

- Cândida, Cândida, onde está você, mulher? Será que está falando sozinha dentro de casa? Será que você é direto como cantiga de grilo?

Padre Messias não esperava a surpresa que teria pela frente.

- Agarre ele, Fila!

- Mas patroa...

- Agarre, menina!

- Cândida, sou eu, padre Messias...

- Eu sei, é você mesmo. Que é que quer aqui na minha casa abençoada?

- Mas não é possível, Cândida! Tratando-me assim dessa maneira? Eu mereço isso? Aquele desmiolado botou tudo isso na sua cabeça?

Mal terminou de pronunciar a última frase, sentiu o cabo da vassoura, fortemente, atingir a sua larga e suada testa.

- Ai, ai, ai, Cândida! Calma! Não precisa fazer isso.

- Não pense que vem mudar a minha maneira de pensar.

- Está certo. Não vamos por esse caminho. Quero apenas conversar com você sobre outros assuntos.

- Pois então cuidado para não desviar do assunto. Não quero que diga um ai contra o meu santo Nicolas. Promete?

Padre Messias viu que a situação não era fácil. A mulher estava, realmente, tomada, possuída pelo que lhe dissera Atrias e pelo que Nicolas vivia realizando. E tudo por culpa dele também.

- E a feira, minha filha, como vai o movimento? Tem feito muita encomenda em Divinópolis? As coisas estão realmente ficando difíceis nestes dias. O trem tem atrasado. Eu estou sabendo. Sei das dificuldades por que está passando. Sei que o seu banco de verduras sempre foi o mais frequentado pelos fregueses. E agora essa estória de o trem falhar. Ter semana que vem e outra, não. Continua, mesmo assim, vendendo todo tipo de verdura?

- É, quando tem, faz-se o que se pode.

- Qualquer dia apareço por lá para comprar algumas verduras.

- Mas leve dinheiro. Sabidão comigo não tem vez.

- Ora, Cândida, que posição mais atrevida!

- É assim mesmo, padre. E, por falar nisso, o senhor ainda é padre?

- Mas, Cândida, você não disse que não era para falarmos nesse assunto?

- Realmente...

- Mas, já que você tocou nele, vamos, minha filha, levá-lo adiante. Compreenda-me. Eu preciso de você. Preciso de verdade. Você é o leva-e-traz de notícias nessa nossa pequena cidade.

- Ora essa!

- É isso mesmo. Tenho sentido muito a sua falta na igreja.

- Não me peça isso, padre.

- Volte, minha filha, volte, que precisamos de você lá. Você nos faz muita falta.

- Faço nada!

- Faz.

E, já se deixando vencer:

- Padre, realmente, eu estou sentindo saudade daqueles momentos, principalmente dos momentos da confissão...

- Eu não disse que deveria vir aqui falar com você?! Sabia que essa sua alma estava precisando de uma orientação. De uma palavra. Palavra, isto sim, pois ultimamente você não vem tendo isso.

- É a pura verdade, padre.

- Minha filha, eu estranhei muito quando cheguei aqui. Esperava encontrar na parede o crucifixo de que você tanto falava. Aquele que você ganhou de presente lá na matriz.

- Mas, padre...

- Que foi que você fez dele?

- Espatifou-se, padre.

- Verdade?

- Pura verdade. Pergunte a Fila.

Filadelphia ia saindo, conduzindo a vassoura com que a patroa batera no padre.

- Menina, venha cá. É verdade o que diz a sua patroa?

- É sim, seu padre. É verdade. E o pior é que quando eu fui catar os cacos no chão não encontrei nenhum.

- Cruz-credo! - benzeu-se o sacerdote.

Capítulo XXXIII

Padre, prefeito, Elvego, todos estavam de mãos dadas. Queriam resolver o problema. Aquele absurdo não poderia continuar. Era um péssimo exemplo que aquela pequena comunidade, nos confins do mundo, estava dando. Aquilo que Nicolas pregava não estava certo. Que pregava, não, pois

ele não pregava coisa nenhuma! Ele simplesmente chegava, olhava e fazia. E fazia bem feito, completo, atingindo somente aquilo que efetivamente queria, em que pese o seu olhar estar cercado de outros objetos.

- E Epistrau, não vem?

- Ele ficou de vir, senhor Floripes. Saí do albergue, mas antes passei no quarto dele, dizendo da reunião. Disse-lhe que começaria às oito horas.

- Mas já são nove horas! - adiantou o padre Messias.

Estavam os três reunidos na prefeitura, no gabinete do prefeito Floripes. As principais autoridades do lugar que estava virando um caos. Um louco fazendo e acontecendo e o povo acreditando, seguindo tudo que ele fazia. E aplaudia e acreditava na força poderosa de Nicolas. Era um Deus. Era poderoso. A ordem estava, realmente, ameaçada. Os princípios básicos da boa convivência estavam indo de água abaixo. Abolira-se o respeito às autoridades. A palavra do prefeito de nada mais valia. A palavra do padre Messias não tinha a mínima importância. Quanto a Elvego, o intrometido Elvego, nele ninguém acreditava. De sua parte, precavido, cuidava sempre de bem refletir antes de dizer qualquer coisa. Corria o risco de ser linchado.

- Ora, e Epistrau, por que é que ele não chega?

Já eram onze horas da manhã. Os três estavam desapontados. Decepcionados. Esperavam contar com o apoio da imprensa. E Epistrau ali representava,

verdadeiramente, o papel de condutor dos seus confrades. Os demais jornalistas faziam sempre o que ele recomendava. Era o líder. Comandava com incontestável liderança.

- Que terá acontecido com Epistrau, para não ter vindo à reunião, meus amigos? - perguntou, com ar de preocupação, o prefeito Floripes.

- Eu tenho uma explicação para isso - acrescentou Elvego.

- O que exatamente? - perguntou o padre Messias.

- Ora, padre, é tão fácil perceber. Não vê que depois que eu dei aquela fita, com a confissão de Atrias, eles da imprensa estão fazendo o maior estardalhaço? Estão tentando agora ligar a visão dos dois compadres, com a aparição do objeto estranho, com o desaparecimento de Nicolas, com a forma como ele vem se apresentando, mostrando-se poderoso. E todo esse comportamento da imprensa só faz aumentar a forma atrevida do povo contra a autoridade de vocês.

- É mesmo! - deixou escapar Floripes.

- Epistrau, agora, só quer estar na dele. Ele quer é vender jornal, é ter audiência no rádio e na televisão, isso sim.

- Mas é claro! - concordou o padre

- Parece que agora estamos sozinhos - concluiu Floripes.

- Mas, homem, que sozinhos, coisa nenhuma. Tenha confiança no senhor mesmo. Está certo que a imprensa ajuda. Mas o fato de ela não ser mais nossa aliada, pode ser superado. Podemos, somente nós três, arregaçar as mangas e lutarmos, mostrando ao povo dessa cidade que tudo que Nicolas faz não tem o menor sentido. Que ele não é poderoso, que ele não é divino, coisa nenhuma - sentenciou Elvego, com isso deixando escapar um pouco da indignação que ainda nutria contra os homens da imprensa.

- Mas é melhor que não descartemos a imprensa - ponderou o padre Messias.

E a reunião terminou ali no espaço físico do gabinete do prefeito. Mas deveria continuar dentro de poucos minutos, pois os três saíram com destino ao albergue de Shiresto para conversar com Epistrau.

Capítulo XXXIV

- Ora essa, senhor Epistrau! Quando pensávamos nos seus bons propósitos... Que estória é essa agora de lançar mais lenha na fogueira? Pare com isso, pelo amor de Deus! Precisamos de sua ajuda, para reverter esse quadro anômalo, essa situação esquisita que só está trazendo prejuízo para essa pobre população. Eu falo assim como pastor de almas deste lugar, que conhece as suas ovelhas e...

- Mas no começo o senhor não pensava assim, não era padre?

- Ora, Epistrau, não vamos por esse caminho. Não é hora para ataques pessoais. Estamos aqui para concitar você e todos os seus confrades a fazerem uma verdadeira corrente, no sentido de fazer voltar a paz que antes aqui reinava nessa cidadezinha. Sei que você é um homem de consciência. Vai somar esforços conosco - interveio Elvego, conciliador.

- E o que devo eu fazer? Eu sou um homem de notícia. Vim aqui para este fim de mundo para, enfim, fazer a reportagem desse fenômeno que foi a aparição do OVNI. Fiz a cobertura da melhor maneira possível, fiel aos fatos que se passaram. Vocês aqui desta cidade é que não deram a mínima importância para o nosso trabalho. Quando pensei que havíamos esgotado o assunto, que tudo já dissera sobre a aparição do disco voador, que tenha bem informado os meus leitores e telespectadores, aparece uma novidade, novidade que só

mesmo a mania de fala-fala de dona Cândida permitiu que eu tivesse acesso a ela.

- Você fala da fita gravada que eu lhe entreguei? - interveio Elvego.

- Isso mesmo, Elvego. Você, como pessoa esclarecida que é, deveria nos ter trazido esse fato logo que aqui chegamos. Estamos vendo o acontecimento como sendo de uma importância muito grande. Afinal, os nossos leitores estão muito interessados em que haja um aprofundamento nessa possibilidade de a aparição do disco estar ligada à visão que tiveram os dois compadres enigmáticos. Disso tenham certeza. E o jornal e a televisão não vão deixar passar essa oportunidade. É assunto momentoso. Tem mais é que ser divulgado. A essa altura dos acontecimentos, o país inteiro está ligado aqui neste fim de mundo. Tanto pelo fenômeno do OVNI, como pelo fenômeno acontecido com Nicolas e seu compadre Atrias, a mudança acontecida na cidade, a quebra do princípio de autoridade. Estamos informando os nossos leitores e telespectadores sobre os apuros por que passam vocês dois - e apontou para o padre e para o prefeito

- Mas, Epistrau, onde é que fica a ética nisso tudo? Você está nos dizendo que simplesmente quer vender notícia. E a verdade? Será que você está comungando com tudo isso que se está passando nesta cidade? Vamos, responda, não nos decepcione!

- Não é fácil. Eu tenho contas a prestar. Se o fato existe, tenho que noticiar. E, por falar em fatos, sabem vocês da última do desmiolado Nicolas?

- O que? Não diga que temos mais novidades!

- Sim, o Parnimas, assim ele se dizia chamar.

- O cego - interveio o padre.

- Isso mesmo. O cego. Ele chegou aqui no albergue, faz poucos minutos, antes da chegada de vocês. Disse que até então era cego, completamente cego, mas, agora, depois da última e bem sucedida

tentativa de falar com Nicolas, passou a ver, está vendo, vendo tudo, como se nunca tivesse sido cego. Está enxergando tudo!

- Ora e ainda mais essa! - observou Elvego.

- Pois é, e como é que os senhores querem que eu não explore isso? Está certo, eu mesmo me corrijo. A palavra correta não é explorar, que aqui não estamos para isso. Estamos aqui para informar. Se o fato aconteceu, querem que eu deixe meus leitores e telespectadores desinformados? Absolutamente, não! Jamais faria isso. Não seria procedimento recomendável para nós que fazemos um jornalismo sério. Decididamente, tudo o que acontecer aqui vai ser objeto de notícia.

- Mas, Epistrau, seus órgãos de comunicação têm uma linha de pensamento. Não queremos que sonegue notícia, de maneira nenhuma. Queremos é o posicionamento institucional, homem - interveio, professoralmente, Elvego - e, além disso, abertura de espaço para nós.

- Ah, bom. Assim é possível. Quando quiserem, a televisão e os jornais estão à disposição de vocês. Fiquem à vontade. A propósito, já têm algum artigo que possa ser publicado?

- Isso não é problema - intrometeu-se Floripes no diálogo, olhando, ao mesmo tempo, para Elvego e para o padre Messias - Logo, logo você terá a quantidade de artigos que quiser. O senhor Elvego é bom nisso. Padre Messias, nem se fala.

E assim ficou combinado. A imprensa noticiaria os fatos; porém, não se escusaria de dar oportunidade às autoridades responsáveis, no sentido de combater aquilo que, também para os jornalistas, se constituía num verdadeiro absurdo, num verdadeiro ataque à ordem constituída e que não tinha sentido continuar, pois assim o exigia a ordem social daquela que sempre fora pacata, a cidadezinha do fim do mundo chamada Botu.

Capítulo XXXV

Realmente, o cego Parnimas tinha estado por diversas vezes na casa 345 da rua do Tambor. Exatamente cinquenta e cinco vezes. Ele teve o cuidado de contar. E toda vez em que lá esteve, foi posto para fora violentamente. Ulyanna, esposa de Nicolas, mais precisamente, assim o fazia.

- Cego abusado, infeliz, vá para o inferno. O que é que você quer aqui? Não pense que eu me esqueci do que você me fez.

- Mas, Ulyanna, pelo amor de Deus, esqueça isso. Agora eu preciso do seu marido. Deixe-me falar com ele, pelo amor de Deus.

Na verdade, Ulyanna tinha sido vítima de estupro por parte de Parnimas, quando este, no verdor dos seus dezoito anos, era um verdadeiro pai-de-chiqueiro. Esse assunto era guardado a sete chaves, pelos próprios personagens que o vivenciaram. Acharam melhor não contar nada a ninguém. Apenas Nicolas veio a tomar conhecimento dele, dias depois do seu casamento com a sua Ulyanna. E também, por último, o padre Messias, assim mesmo em segredo de confissão. Confissão, aliás, feita por ambos, quando do assombro causado pelo estranho objeto que apareceu nos céus botuenses. Como dissemos, era aquela a quinquagésima quinta vez que o cego estava voltando à casa 345 da rua do Tambor. Tanta persistência assim nunca se tinha visto. Naquela vez, porém, o cego sentiu algo bastante diferente. Uma coisa mexia por dentro do seu corpo. Ele não podia ver nada, mas sentia aquela coisa estranha, aquela sensação de bem-estar invadindo o seu corpo, subindo-lhe à cabeça e se localizando em suas orbitárias. Aos poucos, foi sentindo que vinha chegando luz aos seus olhos e, à proporção que ela ia chegando, ele ia podendo ver a figura esquelética de um homem, justamente o Nicolas.

Sim, apesar de mais velhos, apesar de tanto tempo já passado daquele dia do seu infortúnio, no lago Borrado, onde perdera a visão, foi logo reconhecendo que aquela imagem que se ia formando e que a sua visão ia captando aos poucos se tratava da figura de Nicolas. Até que, finalmente, deu para ver, de forma nítida, que se tratava realmente de Nicolas, seu velho conhecido. Aquela era uma hora para agradecer, somente. Nunca de lembrar aquele fato que lhe causou a perda da visão: a enorme sova que levara de Nicolas, lá dentro do lago Borrado. É que Nicolas o chamou para acompanhá-lo numa pescaria, ir com ele lago a dentro, para ver como era que se pescava. E aconteceu ali a maior sova que jamais ele tinha levado em sua vida. Apanhou de cabeçadas, de bofetadas, de pesadas, tudo isso em cima da embarcação um tanto frágil em que se encontravam. Foi espancado até mesmo com peixes, um dos quais foi jogado de encontro ao seu rosto, resultando imediatamente em sua cegueira, desde aquele dia.

- Graças a você eu voltei a enxergar. Você me tirou a visão, naquele dia, naquela surra que me deu, quando me jogou aquele peixe esquisito na direção do meu rosto. Agora, tanto tempo depois, é você mesmo quem me recobra a visão. Homem santo!

E saiu dando pulos de alegria, ficando Nicolas no seu estado de tranquilidade de sempre, sem muito movimentar-se. Quanto a Ulyanna, esta ficou roendo as unhas de tanto desespero de ver seu estuprador recobrando a visão; a visão que fora tirada pelo seu marido e que ele mesmo, agora, em estado de santidade, fazia-a voltar.

Capítulo XXXVI

- Parnimas, venha cá, depressa, que eu quero falar com você - ordenou o padre Messias.

- Diga, padre. Ou melhor, não é o senhor quem deve dizer. Sou eu mesmo. Pois então, eu lhe digo. Só agora, passado algum tempo de reflexão, é que eu sinto como tudo foi possível. O poder dele é imenso. Ele é inimitável. Ele faz. Simplesmente faz. Quando menos se espera, está feito. Foi o que aconteceu comigo, padre. Não tem essa estória de falar, de mover a cabeça, de movimentar braços, pernas, o corpo inteiro. Nada disso. Bem-aventurado aquele para quem ele destinar a sua determinação em realizar, em fazer. Tudo isso com o seu inigualável poder. Ele pode tudo, realmente. Ninguém se iguala a ele. Nem o Nazareno...perdão, padre.

- Vamos, continue.

- Sim, ele me abriu os olhos. Agora, eu vejo verdadeiramente. Vejo. Vejo, sim. Mais do que o prefeito; mais do que o senhor, padre; mais do que o intrometido, um tal de Elvego; mais do que essa gente metida a divulgar notícias, que invadiu a nossa cidade.

Parnimas, que fora cego durante nada menos que quinze anos, deixara, agora, a viola que sempre conduzia e com a qual se tornou conhecido na cidade, em todos os recantos por onde costumava andar, sempre cantarolando cantigas de várias modalidades, que sempre encantavam os ouvidos das pessoas, da mais cultas às incultas. Fazia como seu ponto principal a porta da igreja de Santa Júlia. Aliás, o padre Messias muitas vezes se indignara com isso. Pediu-lhe inúmeras vezes que saísse dali, que ali não dava certo ele permanecer. Agora, ele tivera a sorte, depois de tantas tentativas! Valeu a persistência. Fora posto para fora tantas vezes. Também, a mulher de Nicolas tinha lá suas razões para não gostar dele. Apanhara-a, certa vez, desprevenida, lavando roupa, seios quase expostos e não resistiu. Estuprou-a ali mesmo. Estuprar é um modo de dizer, porque, na certa, ela não opôs tanta resistência assim como se pode pensar. Deve ter é gostado mesmo. Pois bem, tantas vezes Parnimas procurara o padre

Messias, à espera de um milagre do céu e nunca que acontecesse.

- Mas, meu filho, todas as vezes eu o recebi e muito bem, agora...

- Eu sei, padre. Não se preocupe. As coisas são assim mesmo. Veja que o homem que me cegou foi o mesmo que hoje me trouxe a luz dos olhos.

- É interessante. Muito interessante mesmo.

- Pois não é, padre!

Padre Messias ficou contrariado ainda mais do que estava. Quase não se continha em si. A situação estava piorando cada vez mais. As rédeas estavam lhe fugindo das mãos. Era preciso, com urgência, começar a reverter aquele quadro.

- Parnimas, meu filho, dê-me licença, mas preciso ir à igreja.

- Fique à vontade, padre. Mas, se quiser, pode ir também à casa 345 da rua do Tamb...

Não terminou, porque o padre lhe sapecou um bofete que lhe atingiu a boca, que ficou sangrando.

- Miserável!

Capítulo XXXVII

Sargento Antunes andava de cabeça quente. Prendera o Testinha diversas vezes. A última delas fora por causa de sua investida contra a loja de tecidos Irajá, pertencente ao senhor Sinárdio. O próprio Sinárdio foi prestar queixa na delegacia. Quem é que, ali em Botu, não conhecia o Testinha? Menino de seus dezessete anos de idade, filho de família pobre, nunca conhecera um banco escolar. Vivia assim, tirando dos incautos pequenas importâncias para sobreviver. O povo na feira o conhecia direitinho. Todos procuravam se acercar de cuidados, quando ele aparecia. Testinha jamais quis trabalhar. O trabalho para ele era encarado com o maior desprezo. Era ele, portanto, o grande mau exemplo

existente em Botu. Muitas e muitas vezes já havia sido conduzido para Divinópolis. Mas logo voltava e continuava a mesma vida de sempre. Não tinha jeito mesmo. Dessa última vez, ele estava preso na delegacia.

Como já se aproximava da idade penal, o delegado achou que não tinha problema mantê-lo preso. Fora o próprio Antunes quem o prendera. Colocara-o na cela, a única ali existente. Nesse dia, o sargento Antunes achava-se sozinho na delegacia. Lá por volta da quinze horas, o Testinha alarmou:

- Sargento, sargento, pelo amor de Deus! O que é que está acontecendo?

- Calma, calma, deixe de alarido, seu medonho - disse o sargento Antunes, aproximando-se da cela - Que é que está havendo?

- Veja, sargento, as barras de ferro mais parecem feitas de cera. A gente toca nelas e se amassam com toda a facilidade. Veja!

- Que brincadeira é essa, garoto levado da breca!

- É verdade, sim. Veja, olhe - e apertou um dos ferros da grade.

- Pois não é que você tem razão?

Daí a instantes, Testinha e Sargento Antunes estavam diante de uma grade de ferro totalmente amolecida, como se fosse feita, realmente, de massa, mexendo-se constantemente.

- Que coisa estranha! Que explicação se pode dar a tudo isso? - perguntou-se, em voz alta, o sargento - Quando eu narrar esse fato, ninguém vai acreditar. Vão achar que eu estou caducando. É capaz até de eu perder o meu cargo. Por isso, acho que é melhor não contar nada a ninguém.

Testinha, de repente, ficou lívido. Perdeu a fala. Ficou imóvel. Sargento Antunes inquietou-se com aquilo que passara a ver no Testinha. Seria mais um truque do moleque?

- Que é que você tem?

E Testinha continuava completamente estático. Quando o sargento Antunes se virou, deu de cara com Nicolas. Sim, com Nicolas! Este, braço direito estendido em direção à grade da cela. Olhos fixos, fitando incessantemente o adolescente Testinha. Em poucos instantes, a grade da cela desapareceu por completo. Testinha ficou, então, livre, para poder sair. Mas estático estava, estático continuou. A presença de Nicolas ali, na delegacia, não excedeu a mais do que cinco minutos e logo desapareceu por completo. Uma palavra sequer foi pronunciada por ele. O sargento ficou estupefato. Não sabia o que fazer. Finalmente, viu a figura estática de Testinha. Dirigiu-se a ele. Estava teso, feito uma pedra. Tocou nele e logo ele recobrou os sentidos e os movimentos.

- De hoje em diante, graças a ele, eu serei outro garoto. Espere para ver, sargento!

Ouviu o sargento essa promessa e, diante do inusitado, sabendo ele dos poderes já revelados por Nicolas, não teve dúvidas.

- Sim, garoto, vá e não volte jamais aqui.

E, com os seus botões:

- Disso agora eu estou certo.

Mas também o sargento estava certo da dor de cabeça que teria, quando o senhor Sinárdio soubesse que ele havia soltado o perigoso adolescente.

Capítulo XXXVIII

Anastácia e Cândida acabaram de chegar à cidade baixa, no ônibus que fazia a linha entre os dois planos do lugar esquecido do mundo e agora tão famoso. Vinham de suas casas. Eram cinco horas da manhã. Ambas iam, agora, em direção à igreja de Santa Júlia.

Passaram-se, já, tantos meses, muitos escândalos já haviam sido revelados, mas o caso do furto de que fora vítima a velha Cândida ainda persistia sem uma

solução. O Testinha confessou tudo. Absolutamente tudo. Assumi o furto com relação a Anastácia. Mas, e com relação àquele de que foi vítima a verdureira? Ele jurou de pés juntos ao sargento Antunes que não havia sido ele o autor. Pois é. Até aquela data, apesar de tanto escândalo ter sido descoberto, nunca apareceu o responsável por aquele furto.

A igreja estava de portas abertas. Era um domingo. Aproximavam-se as seis horas da manhã. O repicar dos sinos anunciava que a celebração da santa missa estava prestes a se iniciar. Quem poderia imaginar que aquele templo, num dia daquele, pudesse achar-se quase vazio, quando antes, por aqueles horas, sempre se apresentava abarrotado de fiéis? O padre perdera a sua freguesia. A ação de Nicolas estava enchendo a vista do povo rude, ignaro, o povo que, no começo, tinha sido insuflado, nesse sentido, pelo próprio padre Messias. Ah, se ele soubesse que tudo daria no que deu, não teria realmente movido uma palha no sentido de incentivar aquela massa ignorante. Mas descobriu o perigo, quando já era tarde, muito tarde. A sua igreja, a cuja edificação assistiu, desde a sua fundação, com tantos e tamanhos sacrifícios para concretizá-la, estava agora quase vazia, com poucos fiéis. E o fato espantoso, aquele fato que, realmente, lhe trouxe bastante temor, o fato que demonstrou que lhe saíam as coisas do controle foi aquele em que o pescador Nicolas, igreja cheia, produziu aquele destroço todo, o aniquilamento de todos os quadros da via sacra. E o episódio mais intrigante, o desaparecimento do ostensório e, enfim, a hóstia que ganhou proporção do tamanho de Nicolas, com ele se confundindo.

- Padre Messias, padre Messias!

As duas mulheres chegaram à igreja, encontrando o padre Messias no confessionário, sozinho, cabeça recostada, olhos fechados. Estaria dormindo? Assim pensaram, mas estavam enganadas. Padre Messias

apenas refletia sobre o estado de coisas que se implantara ali na pacata cidade de Botu.

- Afastem, afastem, senhoras, por favor.

Padre Messias teve um susto. Ergueu a cabeça. E viu que era o sacristão Ananias que se aproximava.

- Padre, eu quero me confessar.

E não esperou chegar ao confessorário. Disse em alto e bom som o pecado que carregava com ele. O padre, Anastácia e Cândida ouviram nitidamente quando ele assim se manifestou:

- Fui eu, padre, fui eu que roubei dona Cândida. Aproveitei a oportunidade, no meio da multidão, no dia da morte e da ressurreição de Nicolas e de Atrias. Fui eu.

Todos ficaram estarelecidos.

E o sacristão acrescentou:

- E venho dizer mais uma coisa. Não estou confessando pecado, coisa nenhuma. Ele já me absolveu. Ele olhou para mim e logo entendi perfeitamente. Senti-me aliviado. Completamente aliviado. E, de hoje em diante, padre, procure outro para ajudar o senhor nas missas. Não quero e não posso mais ser o sacristão.

As duas mulheres caíram para trás de tanto espanto que as dominara.

O padre, por sua vez, baixou a cabeça, e chorou.

- Que difícil situação, sinceramente.

Não houve mais clima para a celebração da santa missa.

TITULO IV
A PERSEGUIÇÃO

Capítulo I

Queriam todos, mudando abrupta e inteiramente de comportamento, o fim de tudo aquilo a que assistiam. Tiveram suas cabeças feitas ou, se não feitas, encaminhadas pelo padre Messias, que lhes mostrara a importância de Nicolas, como sendo o homem santo, o novo Cristo, enfim. Agora, porém, a pregação do padre Messias estava sendo outra. Tivera ele, depois de sofrer a pressão de sua Igreja, depois de concordar com alguns notáveis do lugar, a convicção formada de que Nicolas, ao invés de santo, era, isto sim, pernicioso, perigoso, uma arma poderosa que poderia desconstituir a ordem instituída e que padre Messias era um dos agentes importantes na manutenção dessa ordem, pela sua condição de pastor de almas - um sacerdote que fazia e muito bem a cabeça dos fiéis frequentadores de sua igreja.

Nicolas, no entanto, em que pese a campanha que a igreja e o povo começavam a fazer contra ele, mostrava, a cada dia que se passava, o seu inusitado poder. Sem falar, sem dizer uma palavra sequer, tudo fazia e acontecia. Até a sua mulher deixara de ficar ao seu lado. Acabou não concordando com aquele novo jeito de ser do seu marido. Era um comportamento que não cabia, deveras, em sua cabecinha de mulher sem muitas letras. Também, desde aquele momento misterioso à beira do rio Opá que a coitada não sabia o que era homem. Daí...

- É para acabar de vez com essa situação inquietante. Se preciso, que o expulsemos daqui. Não pode é esse peste continuar aqui em Botu, acabando com tudo aquilo que construímos, com suor e lágrimas.

Padre Messias, falando do púlpito, inflamava consideravelmente o seu discurso e o povo, melhor dizendo, os fiéis, amedrontados com o poder inédito,

perigoso do Nicolas, já lhe haviam deixado de dar atenção e passaram a apoiar, integralmente, as palavras do vigário. Aliás, não era só o padre Messias quem adotava esse comportamento. O pastor Dinisco, em sua igreja, também fazia inflamado o seu verbo contra o pescador Nicolas. Ele também achou que Nicolas se constituía num perigo dos maiores à cidade de Botu. Seus irmãos sentiram-se profundamente ofendidos com a destruição da grande gravura existente na parede de fundo da pequena igreja.

A campanha contra Nicolas estava, realmente, nas ruas. A maioria daquele povo já estava demonstrando medo diante daquela revelação de poder a que estava assistindo, vendo um homem que nem uma palavra exprimia, mas derrubava paredes só com o olhar dirigido para ela, entortando e desentortando as coisas só com o olhar. Uma forma de agir que, a princípio, deixou a todos profundamente convencidos, ligados, crentes na santidade de Nicolas. Mas com a manifestação cada vez maior daqueles poderes, encheram-se de temor e passaram a encarar tudo aquilo como se não lhes fosse bom, mormente agora com o novo discurso que estava fazendo o padre Messias. Passaram, pois, a enxergar o perigo consistente no fato de um homem concentrar o poder. E que poder!

O padre foi, então, revertendo a situação, pelo menos no que dizia respeito à crença que o povo nutria em relação a Nicolas, para a qual o vigário, como sabemos, muito contribuía.

Capítulo II

Na sacristia, seria realizada a reunião. Todas as pessoas de destaque da cidade tomaram conhecimento da decisão importante que ali deveria ser tomada. É claro que a imprensa não teve acesso. A reunião seria secreta. Seria um escândalo o que a imprensa faria, caso

soubesse do propósito que movia aquelas cabeças coroadas do lugar. Afinal, tratava-se da estratégia necessária para combater o poder, que já era um verdadeiro império, revelado, a cada dia que se passava, pelo pescador Nicolas. Estava ele se tornando perigoso para aquela cidade. Muito pior do que uma bomba atômica. Nada ficava fora de seu domínio. Também um homem que tudo dominava só com o olhar destinado ao objeto de sua determinação! Uma coisa impressionante mesmo. Daí a necessidade de as cabeças coroadas deverem usar uma tática realmente eficiente para suplantar a força tantas vezes superior, revelada por Nicolas. Efetivamente, não se podia conceber tal reunião sem a presença do estranho, mas competentíssimo Elvego Doso de Riela. O padre Messias que, inicialmente, não lhe queria ver nem a cara, agora fazia questão de o ter como aliado; aliado, evidentemente, é um modo de dizer, para não exprimir o sentido de puro proveito que o padre tencionava tirar daquela cabeça realmente privilegiada, cheia de tantos conhecimentos.

- Trabalho perdido, se formos por esse lado, meu caro Elvego. Será pura perda de tempo. Eu, por mim, acho que só mesmo a morte. Ninguém pode com aquele homem. E até mesmo a sua morte vai nos dar muito trabalho. Trabalhão.

- Cruz-credo, padre Messias. Logo do senhor partir uma proposta sanguinolenta como essa! - observou o prefeito Floripes.

- Calma, senhor Floripes - interveio Elvego - O padre está muito afobado. Afinal, ele é quem mais está sofrendo com tudo isso que está acontecendo nesta cidade. E, encarando o padre Messias:

- É preciso fortaleza de espírito para enfrentar Nicolas. Não se trata de um obstáculo de fácil remoção. Estou convencido disso. Não tenho convicção formada sobre a verdadeira origem dos poderes daquele homem.

Só sei dizer que seus poderes são, realmente, imensos. E acho que o argumento da força, padre Messias, é o que menos funciona num caso como esse. Discordo inteiramente do senhor.

- Mas, senhor Elvego, nós queremos é a sua aliança, o seu apoio para solucionar o difícil problema que estamos atravessando. Não queremos discurso bonito. Queremos ação. Botar para quebrar. Definir a questão de uma vez.

- Sendo assim, não contem comigo. Desse momento em diante, estou fora. Não comungo com violência. Sobretudo quando eu estou convicto de que a violência de vocês jamais poderá suplantar a força de Nicolas. Prestem atenção no que eu estou dizendo.

Elvego se retirou e isso foi o bastante para aquela reunião se encerrar naquele mesmo instante.

Capítulo III

- E aí, Elvego, como é que foi a reunião?

A pergunta estava sendo feita por Epistrau, na sala do refeitório do albergue Descanso Alegre, no momento em que se encontrava lotada.

- De que reunião você fala, Epistrau?

- Ora, da reunião que vocês, os cabeças coroadas deste lugar, tiveram agora mesmo na sacristia da matriz. Pensa que eu não sou bem informado?

- Realmente, eu não posso negar. Fui a uma reunião lá na matriz, mas, por favor, não posso lhe adiantar nada. A reunião foi em segredo, em nome da segurança pública da cidade de Botu. E, compreenda, eu não posso revelar o que se passou ali. Não seria ético da minha parte.

Elvego assim se expressou e, depois, começou a se servir do jantar. À proporção que ia se alimentando, se punha a refletir sobre o quanto seria escandalosa a descoberta, pela imprensa, da intenção do padre

Messias. O sacerdote inconsequente foi afoito por demais. Exigiu, na reunião, um preço muito alto por Nicolas. Um preço, aliás, que na avaliação de Elvego, não estava ao alcance do padre. E não só dele. Elvego estava convencido de que ninguém dali tinha poderes para enfrentar Nicolas. O seu poder era, realmente, capaz de suplantar qualquer ataque das forças existentes na cidade de Botu, por mais potente que fosse. Nicolas era insuperável. Tinha o domínio de tudo o que o cercava. Podia fazer e acontecer. E, nessa condição, ser agente do bem ou do mal. Agora, o que Elvego constatava e também todos daquela pequena e agora importante cidade, era que Nicolas não tinha feito jamais uma ação que se considerasse má. Só o padre e o pastor é que ficaram desapontados com a destruição que Nicolas praticou em suas igrejas. Mas, convenhamos, nisso, talvez, residisse alguma explicação de caráter religioso. E Elvego, avesso a tudo quanto era de religião, mas deveras esclarecido, teve a percepção facilitada, para notar que, realmente, Nicolas traduzia algo deveras importante, a ponto de se poder constituir num marco que distinguiria o antes e o depois de sua existência, naquela cidade do fim do mundo. A princípio ele fora visto pela autoridade religiosa como uma coisa do céu, uma coisa milagrosa, passando, depois, diante da demonstração do seu poder e do seu domínio, a ser tido como que o representante do mal. Tudo porque, claramente, aquela autoridade via ameaçado o poder que até então detinha sobre assuntos de sua casa. De repente, porém, surgiu aquele homem de todos tão conhecido, pescador que fora durante tanto tempo, dando demonstração de poder, um poder realmente de deixar de água na boca uma figura como o padre Messias. Ele, lá com os seus botões, deve mesmo ter admitido como lhe seria bom um poder como o de Nicolas. Como aquilo não era possível para ele e como o seu poder, já consolidado naquela comunidade, estava ameaçado,

outra não seria a sua reação. A princípio, interessado em dominar a situação, explorando a fé daquele povo ignaro, não fez questão nem de ir de encontro à própria Igreja a que pertencia - Igreja de Roma. Todavia, quando viu que as coisas estavam se tornando perigosas para a manutenção de sua autoridade, recuou. E estava, agora, com aquele plano diabólico. E, ainda mais, querendo contar com a participação, com o apoio de Elvego. Definitivamente, não. Elvego não iria permitir que suas mãos ficassem tintas do sangue daquele justo. É que, se tal virtude não tivesse, estaria fazendo e acontecendo, pintando e bordando, promovendo as maiores desgraças com o poder que demonstrou. Mas não era isso exatamente o que acontecia. Nicolas só dava demonstração de que, com seu poder, estava voltado exclusivamente para o bem.

Naquela noite, aliás, Elvego fazia reflexões, enquanto jantava. E, para falar a verdade, não jantou bem. Fez por onde logo terminar e, assim o fazendo, despediu-se de todos, sem deixar de lançar um olhar para Epistrau que o encarou como a lhe cobrar uma posição sobre a pergunta que lhe fizera.

Capítulo IV

Mais do que nunca, Elvego, agora, se achava convencido de que Nicolas não era nenhum agente do mal. Mesmo com aquele poder fabuloso, espetacular que ele até então havia demonstrado, fora, contudo, incapaz de um ato, de um gesto impregnado de qualquer maldade.

Só mesmo, como já o dissemos, o padre e o pastor viram maldade em Nicolas, a partir de sua ação na igreja de cada um deles. Aqueles fatos, realmente, motivaram a reação de ambos, pois ficaram apavorados e transmitiram o estado de desespero deles para a população que terminou, de forma enfática, a manifestar

temor, apreensão e revolta contra Nicolas. Em face disso, se estabeleceu a convicção de todos no sentido de que se devia aniquilar aquele pescador. Exterminá-lo. Proposta sanguinolenta, vingativa, saída, exatamente, da cabeça do padre Messias. E terminou vingando.

Elvego, então, que tudo muito bem compreendia, incomodava-se por não estar fazendo algo que impedisse tal desastre. Seria um crime dos maiores. Estava ele nessas reflexões, na varanda do albergue, corpo estendido na espreguiçadeira onde se acostumara a ficar, após as refeições, quando passava ali diante, na rua, o pescador Atrias.

- Homem, venha até aqui.

Desconfiado como sempre, ele se aproximou.

- Atrias, estou precisando, e muito, de você.

- De que se trata?

- É sobre o Nicolas, o seu compadre Nicolas.

- O senhor está também no meio dessa armação toda contra o meu compadre?

- Que armação?

- Ele me contou.

- Mas quem disse a ele sobre alguma armação?

- E tem nada que ele não saiba?

- Ah, é?

- Sim, senhor.

- Pois, mesmo assim, eu desejo muito falar com Nicolas. Ter uma aproximação com ele. Diga-me como devo fazer para que isso aconteça. E desejo também que esse meu encontro não seja visto por ninguém.

- Procure o campo. Dê um passeio. Com toda a certeza, deverá encontrar o meu compadre por lá.

E assim fez Elvego. Dia seguinte, logo cedo, saiu caminhando, afastando-se da cidade baixa, subindo a íngreme ladeira do Barril, passando pela casa 345 da rua do Tambor, residência de Nicolas. E prosseguiu sua caminhada. Para além da área urbana, na parte alta da cidade, existiam campos, muitos deles verdadeiros

parques agrícolas, com plantações as mais diversas, destacando-se as euforbiáceas que eram a produção principal da fazenda do Zutza, como já o dissemos.

Elvego estava completamente absorto, admirando as belezas e riquezas do lugar, quando, de repente, a sua frente, de forma direta, aparece, como numa tela de televisão recém-ligada, a figura esquelética de Nicolas.

- Eu sei que o senhor está a minha procura.

- Você falou! Você falou! Você fala! Você fala!

- Só para lhe dizer a verdade. Dizer e, depois, me calar para sempre. E dizer só e somente ao senhor, porque, na realidade, única pessoa com alguma capacidade para entender, para recepcionar pequena parte da minha verdade.

- Por que não me falou antes, no dia em que cheguei em Botu? Você ficou mudo, como, aliás, até hoje.

- Ninguém me entenderia. Nem você, em que pese tão inteligente e culto. Meu estágio evolutivo está além, muito além da compreensão de muitos. Eu, por sinal, tanta demonstração já dei e hoje estou aqui permitindo a você esse diálogo e vem você me cobrar palavras, palavras... Pra quê? Não preciso delas. Jamais precisarei.

- Então, vamos lá. Diga, Nicolas. Eu sou todo ouvidos. Espero, ansioso, o que você tem a me dizer.

Nicolas foi direto ao assunto que desejava tratar com Elvego.

- Não é preciso que você me diga que o padre tenciona matar-me. Disso eu sei. Eu estava presente naquela reunião.

- Estava?!... Claro, claro, como é que eu posso duvidar disso? Você é realmente sensacional, poderoso. Inimitável...

- Espere. Poupe adjetivos. Não precisa disso. Não exagere. Mantenha-se no equilíbrio que lhe é normal; equilíbrio que me tem revelado e que, por causa

unicamente dele, é que eu estou permitindo esse seu contacto direto comigo, inclusive, diálogo para valer, com palavras que você as ouve e as entende. Porque para mim elas são dispensáveis. Bastam-me as ações. Só.

- É verdade. Você tem demonstrado isso. E vou procurar me corrigir. Desculpe-me o momento de fraqueza. Farei tudo para estar ao nível do seu poder.

- Meu caro Elvego, aqui e agora, deixo de falar, de pronunciar palavras. E quero que apenas veja o meu poder. O poder de ação. E que sinta que isso e somente isso é necessário. Calo-me, agora, para sempre.

Realmente, Nicolas não mais falou. Ficou calado, ao lado de Elvego, olhando-o detidamente, insistentemente. E Elvego sentia que, à proporção que era olhado fixamente, uma transformação tomava conta do seu corpo, o qual, de repente, foi adquirindo um poder inusitado para ele; um poder que o fazia capaz de realizar só com o comando da mente.

- Que poder fantástico!

Disse isso olhando em redor e, quando estacionou seu olhar no lugar em que deixara o corpo de Nicolas, este ali não mais se encontrava. Sumira. Desaparecera. Como também desaparecera aquele poder que, por breves instantes, Elvego sentiu instalado em seu corpo.

Capítulo V

Elvego fora contemplado com uma demonstração de poder realmente espetacular. Nicolas o revelou no próprio corpo de Elvego, durante curto lapso de tempo, como já o dissemos, e também em diversas plantações existentes no local em que se encontraram. Realmente, como que um milagre, as plantações se iam tornando exuberantes, viçosas, bonitas, uma coisa admirável. Sim, pôde aquilatar Elvego que aquele fenômeno a que estava assistindo era realmente a presença de um poder

fora do comum, o poder do domínio total, maravilhoso, com a possibilidade de permitir ao seu detentor a plena satisfação das necessidades e perfeita insubmissão às leis irrevogáveis de tudo quanto existe no mundo.

Era, então, Elvego adentrando outro mundo; o mundo de uma existência dominada pelo poder da mente; o mundo que não permitia o fluir de elementos nocivos; o mundo que era só delícia e de expressivas sensações gostosas...

Estava Elvego, agora, encaminhando-se para o albergue, após o encontro com Nicolas. A cabeça lhe rodava a mil ciclos por segundo. Uma tontura enorme fazia-o apressar os passos, para logo chegar e deitar-se em sua cama. Nela, olhos fechados, não cessaria de refletir, de pensar em tudo quanto ele teve de experiência naquele contato havido entre ele e Nicolas. Contato para valer mesmo. Real.

- E agora? Poderei ser o mesmo de antes? - perguntava-se, no percurso, tomado de preocupação.

Sim, Elvego, homem viajado, passara, em sua vida, por toda a sorte de experiências. Aquela, todavia, fora bastante forte, fora bastante significativa. Sentir-se forte, poderoso, da mesma forma como aquele poder expresso por Nicolas. Se bem que, agora, aquele poder o abandonara. Fora algo momentâneo, enquanto estava perto de Nicolas. E justamente no momento em que os dois, juntos, já haviam desprezado o diálogo. Pois durante este nada de poderoso aconteceu. Só mesmo após cessado o diálogo foi que ele se sentiu invadido por aquela estranha sensação de poder; estranha e, ao mesmo tempo, gostosa sensação de poder.

O mundo tantas e tantas vezes por ele percorrido, de norte a sul, de leste a oeste, países os mais diversos, culturas as mais interessantes e desenvolvidas, toda a sorte de conhecimentos por que ele sempre ansiou na sua insistência de pesquisador, tudo isso ele sempre

teve, sempre assimilava com maestria, sempre dominava.

Agora, todavia, naquele fim de mundo, uma cidade esquecida como Botu trazia para ele aquele desafio. Realmente, Elvego vivia uma experiência nunca antes vista em toda a sua indiscutível e incalculável experiência de homem estudioso, capaz, inteligente, sensato.

Capítulo VI

Definitivamente, no conceito dos jornalistas, Elvego estava passando dos limites. Furiosos com ele desde o dia em que entregou aquela entrevista gravada com Atrias, ficaram desconfiando de sua sinceridade, dos seus propósitos. Afinal, Elvego, agora, tinha saído da cidade. Todos, propositadamente, o procuraram, como se o estivessem realmente caçando, fiscalizando os passos. É que estranharam, e muito, o fato de Elvego trazer consigo aquela fita com a gravação da entrevista obtida junto ao pescador Atrias e não a ter revelado, senão depois de o seu entrevistado havê-la negado peremptoriamente. A tal entrevista não era daquelas que podiam ficar escondidas. Era para ter vindo a público logo. Elvego deveria tê-la apresentado, logo no primeiro dia em que os jornalistas chegaram à cidade. A sua importância, realmente, ficou comprovada diante do estardalhaço que os jornais lhe fizeram a respeito. Também não era para menos. Aquela visão estranha que Atrias disse haver tido, juntamente com seu compadre Nicolas, à margem do rio Opa foi algo que só podia deixar qualquer um arrepiado. O peixe enorme, que não era propriamente peixe e sim um monstro. E, por fim, o resultado daquele encontro dos dois compadres com o peixe esquisito. Ambos caídos, estáticos, parecidos dois defuntos. Verdadeiramente, foi por demais imperdoável a omissão de Elvego. Só merecia mesmo dos jornalistas,

dali em diante, pura desconfiança. E agora, naquele momento, quando todos, na cidade, procuravam por Elvego, eis que ele havia desaparecido.

- Calma, calma meus confrades. Calma que o nosso mais novo enigmático está chegando - solicitou Epistrau, que estava na varanda do albergue, em animada conversa, que girava em torno de Elvego.

- Bom dia, meus senhores.

- Procuramos você em todos os recantos da cidade, meu caro. Por onde andou?

- Ora, estão me seguindo agora?

- Bem, digamos que não o estamos achando mais confiável...

- Mas isso é uma grande injustiça!

- Justiça ou injustiça, na verdade, meu caro, você que, inclusive, se antecipou a todos nós aqui nesta cidade, que teve contacto com os homens enigmáticos, que chegou a gravar uma entrevista com um deles... e que entrevista! Agora, misteriosamente, sai da cidade. Não o encontramos em lugar nenhum. A cidade é pequena, todos nos estamos vendo a toda hora e a todo instante. Como sentimos a sua falta, ficamos a sua procura

- Saí realmente da cidade. Fui ao campo, respirar um ar mais puro. Vez por outra, gosto de fazer isso.

- Não nos convence - atalhou um jornalista da FOLHA DA TARDE.

- Calma, calma - interveio, conciliador, Epistrau - Vamos deixar o senhor Elvego à vontade.

Isso era o que ele estava realmente querendo. Mal Epistrau acabou de falar, passou feito um raio entre os jornalistas indignados e foi direto se meter no seu quarto, de onde só saiu no dia seguinte, sem ao menos almoçar e jantar.

Capítulo VII

Botu vivia sob uma intensa mania; mania de perseguição. Os notáveis da cidade arquitetavam todo o tipo de plano para o fim de pôr Nicolas em uma cilada, em uma enrascada. E todo esse esquema armado pelos notáveis, como sejam, o prefeito, o vigário, o pastor e muitos outros, era sistematicamente passado para as diversas camadas da população que, assim, iam nutrindo verdadeiro ódio contra Nicolas, ficando capazes de esquartejá-lo, caso o encontrassem em qualquer esquina.

Enquanto crescia vertiginosamente a caçada, Botu, para a alegria de seus habitantes, para a estupefação deles ao mesmo tempo e também dos jornalistas, passava a viver dias realmente esplendorosos. Parecia uma cidade encantada, onde tudo do mais fino e mais refinado bom-gosto se apresentava com notória facilidade para aquele que se manifestasse desejoso de tê-lo. As coisas pareciam ter o caminho desbloqueado de qualquer natural empecilho. Lugar tão bom assim, nem mesmo o descrito na Utopia de Thomas Morus.

Para aquele povo ignaro, sua limitada compreensão o fazia crente de que um avanço verdadeiro estava acontecendo naquela cidade, havendo até algum botuense que já se animava, diante da possibilidade de ver a sua cidade ultrapassar a de Divinópolis. Pois, na verdade, processava-se uma mudança de qualidade de vida de causar espanto. Tudo concorria para que as pessoas alcançassem aquilo que tinham em mente fazer e, com isso, a cidade foi mudando, foi crescendo, assustadoramente. No campo, a mudança se operou com o triplo ou o quádruplo de plantações, que certamente redundaria numa safra estupenda. Na zona urbana, a febre pelas novas construções, casas novas e muito bem construídas, confortáveis, algumas delas verdadeiros palacetes. Botu

mostrava que, realmente, não era lugar de gente pobre, mas a cidade onde podiam morar pessoas afortunadas, porquanto, de repente, avançou no seu traçado, no seu perfil, na sua estrutura, agora redimensionada como uma cidade planejada para um futuro promissor. Tanto assim que aconteceu uma verdadeira correria de pessoas fazendo especulação imobiliária, sobretudo muitos divinopolitanos adquirindo imóveis e comprando fazendas nas cercanias de Botu. Tudo isso, efetivamente, verificado em tempo recorde, causando o maior espanto a quem assistia àqueles fenômenos, jamais acontecidos em qualquer aglomeração humana.

- Ah, se eles soubessem a verdadeira origem disso tudo!.. - considerava Elvego, em seus pensamentos, enquanto descansava em sua espreguiçadeira.

Realmente, Elvego sabia o motivo real de toda aquela rápida transformação. Ninguém se ligava na possibilidade de que tudo aquilo derivava da influência benéfica e benigna de Nicolas. Esta era a verdade da qual só mesmo Elvego era conhecedor. O povo, mergulhado nos prazeres da nova realidade da vida social, econômica e financeira que ali se instalara, não iria se preocupar com outra coisa, senão em manter acesa a fúria contra Nicolas, pois, no que pese todo o avanço experimentado, os notáveis e o povo não punham de lado a sede de perseguição, havendo sucessivas reuniões, em que se debatia acerca da melhor e mais eficiente maneira de se encontrar Nicolas e de abatê-lo e de fazer com que desaparecesse definitivamente.

E ao mesmo tempo em que assim agiam, viviam a cada dia, gostosamente, aquela grata mudança para melhor, em que não havia mais lugar para preocupações tão presentes e marcantes, como as que ocorreram ali fazia pouco tempo. Bom que esse estado de coisas atual continuasse para sempre, fazendo daquela outrora

relegada Botu a gaudiópolis que tanto prazer e tanta satisfação estava, agora, propiciando a seus moradores.

Capítulo VIII

Fenômeno espetacular, ocorrendo ali, sob as luzes dos refletores da imprensa. Era algo realmente que não comportava a menor dúvida. O progresso chegara ao lugar, ali se instalara e parecia que tudo corria numa velocidade incrível, jamais vista em qualquer parte do mundo. Botu já se tornara conhecida nacionalmente.

Os fatos misteriosos acontecidos naquela cidade do fim do mundo, somados ao desenvolvimento acelerado do lugar, mediante um crescimento vertiginoso do dia para a noite, só podiam mesmo chamar a atenção do mundo inteiro. E isso, graças à presença, ali, da imprensa, que se encarregava de encher os órgãos de informação de todos os pormenores de tudo quanto acontecia no lugar, que antes vivia na mesmice, em padrão de vida simples, preguiçosa, em relações que se presumiam bastante salutares.

Botu, agora, era outra cidade, já completamente diferente de pouco tempo atrás. Ganhou emissora de rádio, de televisão. O povo estava mais ligado nas coisas que aconteciam ali, porque, na verdade, era um verdadeiro pipocar de novidades que se atropelavam; novidades para melhor, para o progresso. Muitos jornalistas atraídos para o lugar em face dos acontecimentos misteriosos ali ocorridos, tanto se demoraram na cidade que, incorporando-se ao progresso acelerado a que assistiam, resolveram adquirir casas, dentre aquelas recém-construídas na parte superior. E já estavam, muitos deles, estabelecidos com a família. Portanto, uma transformação radical. Botu, antes esquecida, agora lembrada, bem lembrada, contando com a presença de gente esclarecida, de gente que sabia onde tinha o nariz. Deixou, portanto, de ser aquele lugar

de muito sossego, de muita tranquilidade, para ser o lugar do movimento intenso, carros e mais carros cruzando as suas estreitas ruas, comércio ativo, numa mudança de encher a vista e que justificava a chegada de mais e mais pessoas com o propósito firme de ali residirem.

A imprensa não desprezava jamais a exploração acerca da evolução do lugar. Tudo era motivo para isso. Inclusive o fato de que os botuenses, em que pese as facilidades da nova ordem social e econômica da cidade, não desprezavam a perseguição imposta a Nicolas, pois dele não se esqueceram um minuto sequer, achando que o mesmo era figura perniciosa e que quase terminou afundando os fundamentos verdadeiros daquela sociedade. Tanto ele não prestava que desaparecera. Mas o fato de estar desaparecido incutia o temor de que voltasse a aparecer, do dia para a noite, e, então, caso isso acontecesse, era fatalmente o adeus à tranquilidade que se estava desfrutando tão intensamente.

Elvego acompanhava todos os acontecimentos.

- Coitados! Coitados! Se soubessem...

Com seus botões, meditava sobre tudo aquilo que acontecia e que ninguém imaginava, e nem podia mesmo imaginar, que tudo aquilo pudesse ser influência de Nicolas, do estranho e poderoso personagem que era Nicolas.

Definitivamente, Elvego se sentia atolado até o pescoço no mistério de tudo quanto estava ali acontecendo. De um lado, todos assistindo ao progresso chegar de forma dádiosa, como se fora um presente caído do céu ou o fruto do trabalho daquela gente. Mas Elvego sabia a origem verdadeira de tudo e que tudo aquilo estava sendo obra de Nicolas. Obra meritória. Obra que o fazia certo de que Nicolas não era nenhum agente do mal. A ele só o bem interessava. E que bem maior poderia fazer, senão promover o progresso da sua cidade? O progresso, aliás, através de uma atividade que

ele tão bem conhecia, como a atividade pesqueira. Pois ele não a fez desaparecer. Pelo contrário, fê-la maior, muito maior e mais destacada ainda no cenário local, regional e nacional.

Chegava a ser intrigante para os homens da imprensa aquele furor, aquela obstinação do povo em perseguir, em promover toda a sorte de armação, com vistas a encontrar e aniquilar de vez a pessoa de Nicolas.

- Por que diabos vocês, vivendo agora essa fase áurea, se dedicam a pura perda de tempo, combatendo um homem que talvez nem mais exista como o Nicolas? Esqueçam-no.

Assim questionavam os jornalistas, em contactos informais. Sim, apenas nesses contactos, porque não podiam explorar profissionalmente esse assunto, posicionarem-se contra o mesmo, porque os botuenses estavam realmente de cabeça feita. Queriam a perseguição contra Nicolas. Tinham-na efetivamente no pensamento. Era o desejo. Era a vontade. Era a determinação. Era o ponto de honra a ser alcançado. Ponderavam a nova situação em que se encontravam, vivendo numa nova realidade de pura tranquilidade e de progresso. E que, porventura, o retorno de Nicolas lhes traria o risco da intranquilidade, pois efetivamente, Nicolas demonstrara poder, determinação, e que isso, na forma como foi manifestado, era deveras muito perigoso.

Realmente, assim consideravam, Nicolas foi de encontro à ordem constituída, pondo filho contra pai e destruindo elemento de muita importância e de muita significação. Destruiu o símbolo maior da religiosidade daquele povo. Por isso, então, o que se via, e a imprensa não se cansava de publicar, eram as diversas armações, os diversos meios arquitetados com o objetivo de apanhar Nicolas. Era fundamental para eles conseguir-lhe a captura e, depois, aniquilá-lo. Elvego, por sua vez, sabia que tal fato só poderia acontecer se o próprio

Nicolas o consentisse. É que aquele povo, mesmo que viesse a contar com recursos novos, poderosos e sofisticados, jamais poderia alcançar a pretensão que tanto perseguia, até com sede de sangue. O poder ali era Nicolas e mais ninguém.

Capítulo IX

O lago Borrado estava vivendo a época da plena produção de peixes. Se tudo ali em Botu fora assim tomado por um toque de magia, passando a um desenvolvimento de encher a vista, a atividade pesqueira não poderia ser excluída desse fenômeno.

- Ah, que falta nos estão fazendo o Atrias e o Nicolas!

Lamentava-se Bertínio Ipoeira, também pescador, a seus companheiros de muitos anos no trabalho de pesca no lago Borrado, no momento em que se encontravam pescando.

- Também, vocês hão de reconhecer que a falta de que estou falando é somente a falta de companhia a que estávamos acostumados.

- Que quer dizer com isso, Bertínio?

- Eu não vou negar que Atrias e Nicolas deram muita lição a gente. Mas, agora, eles sumiram e sem eles vocês estão vendo que, sozinhos, estamos pescando muito e muito bem mesmo. Vocês concordam comigo?

- Claro!

- Também, quem mandou aqueles dois enfiarem na cabeça aquela maluquice! O padre mostrou domingo passado na igreja que eles eram muitos perigosos. Estavam trazendo a insegurança para todos nós. E eu acho que o padre Messias tem inteira razão. Cada vez mais estão se tornando perigosos. Primeiro foi aquela morte deles perto do Opá, após o que ressuscitaram. Depois, esses acontecimentos todos, mexendo com as coisas santas, querendo destruir a nossa igreja. Um

poder de espantar. Isso é estranho e de difícil entendimento para nós.

Um vento repentino começou a fazer assobios por entre as frestas da cobertura do barco em que se encontravam os pescadores. As águas, de repente, começaram a se tornar como se fossem as de um mar revolto.

Na proa da embarcação, um vulto começou a surgir e logo apareceu definitivamente. Era a figura esquelada de Nicolas.

- Agora, não! Agora, não! Não precisamos de sua ajuda. Estamos indo muito bem. E você apareceu aqui porque quis.

Bertínio Ipoeira falava, olhando para seus companheiros e para uns instrumentos de pesca colocados ao lado. Todos compreenderam. A oportunidade não poderia ser melhor. Aquele poder de Nicolas teria de ser testado ali, naquele momento. Era só empurrá-lo. Morreria afogado. Ninguém ficaria sabendo. As condições de trabalho estavam indo muito bem. Nicolas, agora, só poderia prejudicá-los. Tornara-se figura estranha ao serviço que por tanto tempo desempenhou e com que competência!

Nicolas sabia o que se passava na intenção de seus companheiros. Levantou o braço. Apontou o dedo na direção de cada um. À proporção que cada um ia sendo apontado, sentia a atração de seu corpo em direção a Nicolas, como que facilitando o propósito de que estavam imbuídos.

E foi assim que, ao mesmo tempo, todos chegaram perto da pessoa de Nicolas, tocando-o todos ao mesmo tempo, fazendo-o cair de costas e desaparecer nas águas profundas do grande lago Borrado.

Acharam, depois, em consenso, que não deveriam contar o acontecimento a ninguém. E terminaram, logo em seguida, a atividade daquele dia, embora fosse ainda muito cedo. Ao aportarem o barco, todavia, tão

preocupados estavam com o que aconteceu, que nem sequer notaram o quanto ele se encontrava carregado de peixes.

- Que bela pescaria, senhores!
Caíram todos por terra, espantados.

Capítulo X

- Fizeram muito bem. Fizeram muito bem, meus filhos.

Os pescadores, assombrados, não conseguiram manter o segredo como tinham prometido. A verdade é que, sem que se falasse um com qualquer outro, todos, ao mesmo tempo, se sentiram arrastados à igreja de Santa Júlia, onde finalmente se encontraram, concomitantemente. Queriam falar com o padre. Mas o que os moveu a tanto não fora precisamente o fato de haverem empurrado Nicolas da embarcação. Foi, exatamente, o fato da pescaria inusitada, pescaria que aconteceu sem esforço nenhum da parte deles, pois o barco, na hora em que Nicolas apareceu, não contava, ainda, com um peixe sequer pescado naquele dia.

- Foi muito bom vocês terem vindo.

Padre Messias sabia o motivo por que os pescadores o haviam procurado. É que, há alguns dias, estivera lá na colônia, às margens do lago Borrado, em reunião com eles. Naquela oportunidade, o padre explicou que precisava lhes dizer mais do que aquilo que vinha dizendo na igreja. Por isso é que se sentiu na obrigação de se deslocar até a colônia. Disse-lhes que deviam ser fortes, que deviam esquecer o sentimento de consideração para com os compadres Nicolas e Atrias. Era fundamental que fizessem de conta que eles não mais existiam, que se acabaram. Não lhes estavam fazendo falta nenhuma. Ressaltou-lhes o trabalho que vinham fazendo com uma produção de pescado maravilhosa. Ademais, além da produção, o pescado

vinha encontrando bons, excelentes compradores. Tudo, pois, correndo às mil maravilhas. Daí se fazia necessário que eles esquecessem Nicolas e Atrias. Não lhes serviriam mais para nada. E então, caso viessem a aparecer, atrapalhando a pescaria, que não perdessem a oportunidade e não lhes dessem a menor chance. Deveriam investir contra eles. Lembrassem sempre de que Nicolas era perigosíssimo. Não deviam jamais esquecer o que ele fez na igreja, na casa do Pai do Céu. Miserável! Destruir os quadros da via sacra. Cometer o absurdo de desrespeitar o corpo de Deus, a hóstia consagrada. Herege!

- Padre, a gente pensou que o homem era fácil. Mas ele fez foi dominar a gente. A gente quando pensava em investir contra ele, ele é que nos arrastou até onde ele estava como a querer que a gente o empurrasse. E foi o que aconteceu. Ele desapareceu nas profundas águas do lago, padre. Não ficou nenhum vestígio dele. Nem bolha de ar apareceu. Ele realmente não deu o menor sinal de que estivesse ali debaixo d'água se afogando. E depois, padre, aquele vento que de repente começou a soprar e, enfim, as ondas do lago, o lago que tão bem a gente conhece, sempre de águas calmas, muito tranquilas...

- Tudo bem, seus incompetentes. Só isso? - e já gritando para os pescadores - Só isso?!

- Ora, padre, não precisa o senhor gritar a gente assim desse jeito. O senhor vai é nos explicar como é que o nosso barco, sem ao menos a pescaria ter início, ficou abarrotado de peixes, após nossa investida contra Nicolas.

- Como é?!

- Isso que eu acabei de lhe dizer, padre. Abarrotado de peixes.

- E vocês agora estão querendo me dizer que isso foi obra daquele maldito? Esqueçam isso. De uma vez por todas. Ele é maligno. Não poderia ter cometido um

bem dessa natureza. Impossível! Impossível! Vocês não estão seguindo o que ensinei. Estão sendo desviados. Tenham cuidado. É para dominar aquele maldito. Dominar e exterminar. Não quero a minha igreja sendo alvo de mais destruição. Basta.

A conversa acabou ficando por ali, porque bateram à porta e, quando a secretária do padre Messias atendeu, viu que eram jornalistas, entre os quais estava também Epistrau.

Os pescadores foram, um a um, saindo, sem encarar Epistrau que estava já na sala onde se desenvolvera a reunião.

- Reuniões secretas com pescadores, padre?

- Assuntos paroquiais, que não são de sua conta,

Epistrau - arrematou, rispidamente, o padre.

Capítulo XI

Era meio-dia e meia, mais ou menos, de um dia de sol muito bonito. A cidade estava em seu ritmo normal de trabalho, na conformidade da ordem social e da nova ordem econômica ali recém-estabelecidas, ordens essas que foram verdadeiras novidades, com as quais já se haviam acostumado os botuenses, até mesmo aqueles mais refratários a mudanças radicais. O vaivém das pessoas na rua onde situada a loja do senhor Sinárdio foi, aos poucos, sendo alterado. As pessoas passavam e logo paravam. Paravam os que iam e os que vinham a pé e também os que se conduziam em carros. E logo o referido trecho ficou com o trânsito engarrafado. Só se ouvia o apito do responsável pelo disciplinamento do tráfego de veículos, naquela área, na tentativa de fazer voltar a situação ao estado de normalidade.

O motivo de tanta concentração de pessoas e de automóveis não estava bem ali, em frente da loja de tecidos Irajá, de propriedade do tão conhecido senhor Sinárdio, mas do outro lado da rua, à margem direita do

riacho que corta aquela parte de terreno firme, onde situada a cidade baixa. Ali, bem à margem do rio Opá, as figuras tão conhecidas de todos: Atrias e Nicolas. Os dois compadres estáticos, a olharem o movimento, a sentirem que o povo se tornava multidão, na qual crescia assustadoramente o número de pessoas assumindo gestos de pura indignação e de revolta. Pessoas, também, que, à distância, iam tendo notícia da presença, ali, daqueles dois compadres enigmáticos e, então, vieram se aproximando do local, trazendo uns, em suas mãos, pedaços de pau, outros, pedras, outros ainda portando facas e outros, objetos cortantes.

Nicolas, pelo que facilmente se percebia, estava se permitindo a aparição. E o estava fazendo exatamente naquela beira de rio onde há um ano e vários meses, fora alvo do estranho acontecimento, que o envolveu e ao seu compadre também? Que envolveu muito mais a ele, como se sabe?

Elvego, que estava no albergue de Shiresto, fora despertado pela correria. Os jornalistas, por sua vez, não se encontravam no albergue. Estavam todos fazendo cobertura, na cidade alta, na casa 345 da rua do Tambor. É que corra a notícia de que os dois compadres poderiam reaparecer ali, na manhã daquele dia.

- Que significa esse corre-corre de gente, minha senhora?

- São os dois compadres que apareceram. O senhor não sabe ainda? Estou indo para lá agora mesmo. Eles estão na frente da loja do senhor Sinárdio.

- Na frente da loja de tecidos Irajá?

Elvego se sentiu impotente. Era ali o único que sabia de tudo. Se não sabia de tudo, pelo menos era conhecedor de muito mais coisa do que podiam imaginar o padre, o prefeito, os jornalistas, qualquer pessoa, enfim. Pois ele, Elvego, fora a única pessoa a ter tido um contacto, a ter tido um diálogo com Nicolas. Sim, iria também para a frente da loja de Sinárdio. Não

poderia ficar ali parado. Não iria com certeza se juntar à turba que possivelmente ali já estaria se formando, pois esse quadro ele pôde perfeitamente prever.

- O senhor aqui? - indagou o padre Messias que estava recostado à parede, conversando com o senhor Sinárdio.

- A mesma pergunta eu lhe faço, padre. E agora, está satisfeito? Tanto alimentou o desejo de vingança, de ódio, de indignação de seus fiéis, que eles estão aí, prontos para o ataque e você aí, de braços cruzados, vendo o circo pegar fogo.

Elvego, coitado, não sabia que o padre, no seu afã de perseguir os compadres, já havia conseguido uma investida, como a que lhe foi contada pelos pescadores do lago Borrado e a cujo respeito só ele padre Messias e os pescadores tinham conhecimento.

- Cale-se, não é de sua conta. Houve tempo em que precisei de você. E até que você me ajudou. Agora, porém, quero que você se afaste de mim. Quero que você se afaste da cidade, que é o melhor que você faz.

Sinárdio, interessado em ouvir a conversa, mais se aproximou. Muito pouco poderia entender do diálogo nada amistoso entre Elvego e o padre Messias. Na sua condição de homem simples, de pouca cultura, afeito apenas ao comércio que vinha explorando há bastante tempo na loja Irajá, de sua propriedade, pensava que entre Elvego e o padre havia o mais perfeito entrosamento. Mas...

- O senhor também está aqui para incentivar, não é senhor Elvego? - indagou Sinárdio, querendo se meter na conversa.

Elvego não respondeu. Ficou calado. Preferiu deixar de lado, deixar de dar atenção ao padre e a quem mais aparecesse ali. Importante por demais era lançar o olhar para o outro lado da rua, onde se concentrava a multidão. A situação realmente não era das melhores. A

turba estava assanhada, perigosa, prestes a atacar ferozmente.

De repente, ao mesmo tempo, todos investiram contra os dois personagens que se encontravam estáticos, cabeças erguidas, olhares fixos em determinada direção; a direção do norte da cidade. Uma chuva de paus, de pedras, de cacetes, de facas que eram atirados ao ar, todos com destinação única, ou seja, o local precisamente em que se encontravam os dois compadres.

Foi, realmente, de estarrecer. Os objetos lançados atingiam os alvos. Ao tocarem em Atrias, produziam-lhe terríveis ferimentos que ficaram logo à mostra, tanto que seu semblante logo se transmudou, fazendo que todos aquilatassem a dor imensa por que estava passando. Um martírio, realmente. Tanto que sua resistência foi de poucos minutos. Expirou, sem ao menos pronunciar uma palavra. Na verdade, não lhe era possível articular qualquer uma, porque o ataque de que foi vítima foi tão intenso, que lhe atingiu fortemente a boca, que ficou completamente deformada, língua pendurada, sem falar em outro golpe profundo e certo que quase lhe decepou a cabeça.

Que quadro triste, que coisa horrorosa!

Nicolas, enquanto isso, impassível, assistia ao sacrifício que tanto a ele quanto a Atrias era impingido. A diferença, entretanto, era a de que, embora os objetos atingissem o seu corpo, penetrando-lhe muitos deles, nem uma gota de sangue lhe escorreu. Permaneceu como sempre esteve desde o início do sacrifício. Estático, olhar firme em direção ao norte da cidade. Sua atitude cada vez mais fazia recrudescer o ímpeto da turba, que agora mais sanguinolenta se apresentava, querendo a toda a sorte aniquilar a pessoa de Nicolas.

- Que se passa? - indagou, preocupadíssimo, o padre Messias, ainda se encontrando na calçada da loja de tecidos Irajá.

Lançava a pergunta e, ao mesmo tempo em que a deixava no ar, olhava diretamente para Elvego.

- Por que me olha assim?

- Você, meu caro, pela sua cara de tranquilidade, deve estar sabendo de alguma coisa. Deve estar sabendo do segredo, do truque que esse maldito pescador está aqui nos aplicando agora.

- De que truque você está falando, vigário?

- Ora, não me chame de vigário...

Estavam em meio a essa discussão, quando tiveram a atenção despertada para a turba que recuava um pouco, no momento em que Nicolas saíra da posição estática em que se deixara ficar até ainda há pouco. É que, assim agindo, Nicolas, fazendo descer o olhar fixo que mantinha no sentido do lado norte, imediatamente o desceu na direção do seu compadre Atrias que jazia ali aos seus pés. Nem sequer se abalou. Fez tão somente um pequeno gesto, o de apontar o dedo indicador em direção ao cadáver que, aos poucos, foi se recompondo e se levantando. A fúria de todos cessou, pois o fato que agora passaram a assistir trouxe para todos o sentimento de pavor.

Um morto ressuscitar?!

A debandada foi grande.

Capítulo XII

Elvego viu e para ele aquilo fora um choque dos maiores. Ficou deveras contristado. No meio da turba sanguinária, lá estava Osival Sahino, o Sival. Foi surpresa para ele, realmente. Não esperava que tivesse recuperado Sival daquele estado de contestação contra tudo e contra todos, mas, por outro lado, lhe tivesse escapado a possibilidade, agora tornada concreta e real, de que o padre Messias lhe exercesse influência, aquela influência que ele fazia chegar aos botuenses, a maioria

deles seus fiéis, assíduos frequentadores dos bancos da matriz de Santa Júlia.

Pois era verdade, sim. Elvego não estava enganado. Era Sival, realmente. E ele demonstrava uma vontade como que diferente das demais pessoas integrantes da turba.

Enquanto, na sua maioria, cada um se munia de um só instrumento para ataque, Sival parecia um verdadeiro arsenal. Trazia consigo várias pedras, vários cacetes e até instrumentos perfurantes. O jovem Sival, sem dúvida, se recuperara do estado de contestação e se encontrava num mar de felicidade. Via a sua cidade agora desenvolvida, igualzinha à cidade de Divinópolis. Para ele, então, não era mais preciso se submeter às xingações de seus colegas de colégio, que somente elogiavam a cidade deles, enquanto Sival ficava cabisbaixo, encabulado, porque Botu era aquela coisa parada, sem ir para a frente ou para trás. Estava feliz, pois, com a mudança que o progresso estava trazendo para a sua querida e amada cidade, que agora lhe proporcionava motivo cada vez maior de orgulho.

Doeu forte em Elvego assistir ao momento em que Sival, impetuosamente, se destacava dentre todos os integrantes da turba, avançando e atirando, com incrível destreza, os instrumentos que trazia consigo. Viu muito bem que o coitado Atrias saiu atingido fortemente na face, a ponto de ter comprometida a articulação dos músculos da boca, exatamente como decorrência de uma investida fortíssima feita por Sival. Este, certamente, deveria querer como alvo principal o Nicolas, que também foi atingido, porém menos intensamente. Melhor teria sido que todos os objetos o tivessem atingido. Atrias, coitado, não merecia aquilo. Nada fizera, a não ser o fato de ser compadre de Nicolas; a não ser o fato de ter sido companheiro dele na hora daquela misteriosa cena acontecida há um ano e meses atrás, naquele mesmo recanto de beira de rio. Mas

também, para seu alívio, Elvego viu que Sival foi o primeiro a demonstrar estarecimento, a recuar, a ficar lívido. Quando, exatamente, Nicolas abandonou o estado estático em que se deixara ficar e desceu o olhar em direção a Atrias - que inerte estava a seus pés - Sival se encheu de pavor, porque, na realidade, assistia àquilo que jamais poderia imaginar: apesar dos hematomas e das várias perfurações sofridas por Nicolas, uma delas atingindo-lhe, exatamente, a região torácica esquerda, mesmo assim não lhe escorria do corpo uma gotícula de sangue sequer.

- Que significava aquilo? - Certamente assim se perguntava o jovem.

E mais ainda se espantou o jovem filho do prefeito Floripes, quando viu o pescador passando por cima dos paus, das pedras e das facas e se destinar a Atrias, apontando-lhe o dedo indicador, momento exato em que viu o outro pescador - que morto se encontrava - recobrando o sentido, levantando-se, voltando à vida, à proporção em que tudo quanto era de ferimentos em seu corpo ia sarando paulatinamente até a completa sanidade.

Quando, enfim, Nicolas agia de forma a fazer desintegrar-se o seu compadre Atrias, ninguém mais daquela turba ali se encontrava. Tinham todos debandado. Apenas, à curta distância, queixo caído, se postavam, frente à loja de Sinárdio, o padre Messias e o próprio dono da loja. Elvego que tudo compreendia, já saíra do local.

- Que espantoso, meu Deus! - exclamou padre Messias.

Capítulo XIII

- Essa é uma terra sem lei?! - gritava aos berros Epistrau, diante do sargento Antunes.

- Calma, doutor...

- Que calma, coisa nenhuma. Então se comete uma barbaridade daquela, em plena luz do dia, uma multidão cometendo um verdadeiro sacrifício contra duas pessoas inofensivas, desarmadas e o senhor ainda me vem pedir calma?

- Mas, doutor, eu já estive no local, diligenciei. Agora, eu não tenho onde encontrar as vítimas. Procurei por tudo quanto foi de lugar. Já estive na casa 345 da rua do Tambor. Dona Ulyanna me disse não saber onde pode estar o marido dela. Nem também dona Joiahana, mulher do coitado Atrias.

Esta, sim, encontrava-se muito chorosa. Afinal, seu marido foi quem mais saiu ferido. Morreu e ressuscitou. Deus do céu! De novo, já não havia acontecido isso com ele antes?!

Decididamente, entre lágrimas, chegou a revelar ao sargento Antunes que não estava entendendo muito bem aquilo tudo. Preferia que a situação voltasse a ser como era antes, há alguns meses. A vida lhe sorria muito tranquila. O marido, de casa para a pescaria, da pescaria para a casa. Mas o que era bom terminara. Vivia ela, agora, aquele inferno. Fora-se o homem da casa. Desaparecera. Morrera. E o pior, sumira, não tinha nem como velar o corpo. Aquilo não era coisa que acontecesse com ela. Não merecia aquilo.

Voltando, então, ao diálogo entre Epistrau e o sargento Antunes:

- Que vai fazer, então, como autoridade policial principal desta cidade?

- Eu quero é que o senhor me diga o que eu vou fazer. Os meus anos de experiência não me estão ajudando em nada. Não tenho vergonha de lhe confessar isso.

- Já apareceu alguém, pedindo providências?

- Quem poderia pedir providências era a família das pessoas atingidas, mas...

- Quer me dizer que nem as mulheres estão interessadas?

- Exatamente. Bem, apenas no tange à mulher de Atrias. Não falei com dona Ulyanna. Com esta, aliás, me permita dizer, acho que não é necessário falar. Há muito tempo que ela não vem dando a mínima importância ao marido.

Realmente, na casa 345 da rua do Tambor, Ulyanna já se havia dado por vencida. Desistira. Com Nicolas, seu marido, viu que não havia jeito a dar. Começou com a morte, veio a ressurreição, a sua casa cheia de gente adorando Nicolas, a internação dele em Divinópolis. Depois o desaparecimento, o reaparecimento na fazenda de Zutza. Em seguida, o homem mais misterioso ainda, fazendo e acontecendo sem dizer uma palavra, só fazendo gestos. Agora, desaparecera e todos na cidade o perseguiram. Ulyanna, realmente, não tinha mais por que esperar. Era melhor esquecer o marido. Por outro lado, a casa 345 da rua do Tambor já lhe fugira do domínio.

Alteíades, sob o forte amparo do padre Messias, começou fazendo a exploração do povo, exploração essa que continuou até os dias em que o padre desconfiou que Nicolas lhe era uma ameaça.

Antunes, então, tinha inteira razão. Era-lhe difícil, muito difícil apurar o fato, porque não lhe fora possível encontrar as vítimas. Nicolas e Atrias voltaram a desaparecer.

O jeito foi Epistrau sair dali da delegacia mais revoltado do que quando ali chegara, porque tinha que se render, realmente, ao argumento do sargento Antunes. Sim, porque a autoridade dele não tinha como chegar às vítimas e o próprio Epistrau já estava sabendo, em pormenores, tudo aquilo que aconteceu na frente da loja do Sinárdio. Era a sua segunda decepção, naquele dia. A primeira, justamente, a sua ausência involuntária e a de todos os seus confrades do cenário das cenas sangrentas;

a segunda, sua frustrada esperança de que Antunes, o delegado, tivesse colhido elementos de prova material, para bem seguramente poder explorá-los em seus veículos de informação.

Capítulo XIV

Elvego refletiu bastante e concluiu ser necessário um basta àquela perseguição. Mas qualquer posição dele perante o padre, contrariando-lhe a pregação, era-lhe certamente muito perigosa. A turba, tal como fizera com Nicolas, terminaria fazendo com ele. Bastava o padre ao menos insinuar. Lembrou-se, então, do fenômeno estranho que sentiu percorrer o seu corpo, no dia em que se encontrou com Nicolas, no campo. Sim, tal como Nicolas, ele poderia usar daqueles poderes e mostrar a todos que o padre Messias não estava com a razão. Era preciso mostrar àquele povo que a cidade estava progredindo, graças à luta de todos, graças ao trabalho e ao empenho de quantos se dedicavam a seu labor, graças a quantos que acreditaram no crescimento maravilhoso de Botu e acabavam vindo de fora, fazendo crescer a cidade, construindo casas, trazendo suas famílias para morarem ali. Isso sim. Aquele progresso, admitiria Elvego, não era fruto de outro fator, senão do trabalho incessante daquele povo e de tudo o que lhe passou a ser favorável, com o bom inverno que acontecera e outros que se prenunciavam como melhores ainda. Acabassem, pois, com aquela mania de perseguição, pois Nicolas era incapaz de fazer o mal.

Pensou em tudo isso, ao mesmo tempo em que não conseguia se desprender da certeza de que Botu hoje era outra graças à intervenção benigna e benéfica de Nicolas. Estava convencido disso. Facilitava-lhe esse convencimento toda a gama de conhecimentos que adquirira durante suas incursões por diversos caminhos

do saber, aplicados na prática em muitas das comunidades por que já passara e onde deixara a marca registrada de sua capacidade.

- Padre, aquele homem que mora no albergue está aí e quer falar com o senhor.

- É o Elvego, Jovina? Se for, mande-o embora. Na certa, está querendo trazer dor de cabeça para mim.

- Nada de dor de cabeça, vigário - antecipou-se Elvego, invadindo a sala do padre.

- Mas o senhor é um atrevido mesmo!

- Calma, padre. Calma. Vamos conversar como pessoas civilizadas. Estou aqui na intenção de contribuir. Quero a melhor solução para os problemas que afligem a cidade de Botu. Pode acreditar. Não tenho mesmo outra intenção.

- Que é que tem a me dizer, a me propor? Não pense que por se proclamar o sabichão vai me levar em qualquer conversa. Diga logo o que tem a me dizer. E em poucas palavras, que eu não tenho tempo a perder.

- Padre, admita, padre, que Nicolas nunca fez mal algum.

- Como? E a destruição da via sacra?

- Mas, padre, que mal isso causou a qualquer homem ou mulher, menino ou menina dessa comunidade? Qual a casa, por exemplo, em que, por causa desse fato, a comida do dia-a-dia tenha desaparecido, diminuído? Isso não aconteceu a ninguém. Então, releve, padre, releve tudo isso e deixe esses dois coitados compadres em paz.

- Nada disso. Eles são um perigo para a nossa comunidade. Quero vê-los pelas costas. Desafiar a autoridade do representante de Deus aqui na terra?! Eu que estudei, que vivo na igreja, cuidando das coisas do Senhor, sendo desfeitoado por aqueles inconsequentes, dentro da própria casa de Deus?! Isso não posso esquecer e relevar, de maneira nenhuma!

- Ora, padre, o senhor já esteve do lado dele. Enganou-se. Corrigiu-se. Inclusive, face sua nova postura, readquiriu o prestígio que perdera junto à Diocese. O povo, agora, está mais satisfeito. Assim fica mais fácil controlar um rebanho. Pior é quando todos estão em situação de desespero. Mas agora todos estão de barriga cheia, mangando do tempo. Trabalho não falta, fatura existe. Botu cresce, gente de fora procura a cidade. Só tem mesmo a empanar essa situação de evidente progresso a mania de perseguição que o senhor vem promovendo. Acabe com isso, padre. Acabe de vez. Eu lhe garanto que Nicolas não vai trazer mal nenhum a ninguém aqui desta cidade.

Padre Messias nunca viu Elvego com bons olhos. A presença dele ali, na casa paroquial, o incomodava deveras. Ficou pedindo a Deus que alguém aparecesse ali, para aquela conversa logo terminar. O padre estava sentindo que não suportaria a força dos argumentos de Elvego. E, na realidade, o padre estava, intimamente, à cata de uma saída, quando, de repente, assomou à porta a figura de Cândida.

- Padre Messias.

Elvego viu que sua conversa com o padre não tinha mais como continuar e saiu, sendo acompanhado pelo olhar investigador de Cândida.

Capítulo XV

Padre Messias não quis, na verdade, render-se diretamente a Elvego. Seu orgulho não o permitiu. Mas sabia que razão lhe assistia. Vivia ele promovendo aquela perseguição sistemática, mas os últimos acontecimentos o convenceram de que não adiantava mesmo continuar. Ficara de queixo caído com as cenas sangrentas a que assistira e a tudo de inusitado que se lhes seguiu.

Padre Messias procurou os jornalistas. Queria a opinião deles. Eram pessoas esclarecidas. Podiam ajudá-lo no dilema em que o colocou a pessoa de Elvego Doso de Riela. Aquele homem era esperto e muito sabido. E o padre, embora bastante astucioso, estava com receio de ser engabelado. É verdade que, em termos de inteligência, ele não ficava atrás. Igualava-se a Elvego. Perdia apenas e tão somente no caráter e no somatório cultural que este, realmente, detinha, como fruto de seus estudos e, mais do que isso, das várias experiências por que já passara, em várias cidades do país e, até mesmo, em comunidades estrangeiras.

A reunião foi marcada para a casa paroquial.

- E aí, padre, estamos às suas ordens. Pode falar, que estamos ansiosos para ouvi-lo.

E dirigindo-se aos jornalistas ali presentes, mas sempre encarando Epistrau, o principal, o maior representante da imprensa ali em Botu:

- Caros jornalistas, eu sei que Botu, hoje, é diferente daquela Botu de há pouco mais de um ano e vários meses. A cidade cresceu assustadoramente. Vertiginosamente. Tornou-se, além disso, conhecida do país inteiro. Ganhou as páginas dos jornais de vocês. Uma coisa, realmente, de admirar, de causar espanto, de causar inquietação, inveja a outras cidades. Inclusive, eu já estou sabendo que alguns divinopolitanos vivem manifestando despeito só porque assistem ao ritmo acelerado de crescimento da nossa cidade. O povo está melhor, não mais se fala em miséria. Até mesmo a grande tragédia que se abateu sobre nós, com a morte de cinquenta e cinco botuenses, está parecendo coisa superada, já perdida no tempo, pois o povo se alegra cada vez mais que a produtividade do lago Borrado aumenta. O povo delira mesmo, quando assiste à chegada de mais pessoas interessadas em aqui se estabelecerem. A parte baixa da cidade, com o seu limitado espaço, vem sendo transformada com a

demolição de prédios pequenos que dão lugar a novos edifícios, de linhas mais modernas e arrojadas. Quem é que pode esconder isso? Está à vista de todos. E, num ritmo que está sendo testemunhado por vocês, todos os dias, mediante o registro de seus órgãos de comunicação. Pois bem, meus senhores. E agora, quando tudo está nos eixos, quando tudo transcorre às mil maravilhas para a igreja, para o povo, para a tranquilidade de todos, aparece-me aqui o Elvego...

- Elvego aqui, procurando o senhor, padre?

- Sim, Elvego Doso de Riela.

- E o que veio ele fazer aqui? O que ele veio pedir ao senhor?

- Pedir que eu concordasse quanto à não-periculosidade de Nicolas. Veio me mostrar que eu estava errado, em continuar botando na cabeça de meus fiéis que deviam persistir na perseguição contra Nicolas. Que vocês acham disso?

- Hum, é um caso a pensar, padre - respondeu todo precavido o jornalista Epistrau.

- Mas chega mesmo a ser interessante, senhores. Eu, que me venho mantendo firme, mostrando aos fiéis o quão pernicioso é o Nicolas, o demolidor, o herege, que quase aniquilou a casa do Senhor e agora vem o Elvego me propor que eu consinta em sua proposta de que Nicolas não é perigoso.

- Padre, acho que já era tempo de o senhor rever a sua posição.

- Será que vocês também estão pensando como ele?

- Padre, isso é violência. Violência não leva a nada.

- Eu sei...mas é que está em jogo a sobrevivência da minha igreja. Não quero vê-la por terra. Afinal, vocês também hão de reconhecer que estive em maus lençóis junto à Diocese e minha situação começou a melhorar, quando, justamente, passei a admitir que Nicolas não era

santo coisa nenhuma, que ele era sem nenhuma dúvida figura das mais perigosas para a nossa cidade.

- Esse coitado, padre, não passou daquela demonstração destruidora. Destruiu em parte a sua igreja e a igreja do pastor Dinosco. Só isso.

- E você acha pouco o que aconteceu há poucos dias diante da loja do Sinárdio? Que poder foi aquele, que coisa esquisita foi aquela?

- É, realmente, temos que concordar com o senhor.

- Então?

- Mas eles não se revelam capazes de fazer o mal a ninguém; pelo contrário, eles, naquele episódio, é que receberam toda a carga de maldade, saíram feridos, muito feridos...morto, pois foi assim que me disseram sobre o que aconteceu com Atrias.

A imprensa não cessava de lamentar o fato de não ter podido assistir à cena sangrenta. Perdera ótima oportunidade de estampar nos jornais as cenas dantescas que lhe foram passadas por quantos dos presentes que testemunharam as terríveis demonstrações de sede de vingança, de sede de sangue.

- Concordo com você, Epistrau. Mas com aquela forma de comportamento deles, principalmente da parte do Nicolas, quem é que garante que, de repente, ele não possa novamente se voltar contra a nossa igreja, contra os nossos santos, o nosso altar?

- Eu é que não lhe posso garantir nada, padre Messias.

- Pois então...

- Vai continuar mantendo o seu propósito de perseguição?

- Claro, muito claro.

- Mas, pelo que temos sabido, o senhor não tem conseguido nada de concreto e de positivo, no sentido de destruir o Nicolas. É o que estamos sabendo.

- Ah, estão sabendo, é?

- Claro, padre. Ou o senhor pensa que tudo nos escapa? Eu sei da reunião secreta da qual participou, inclusive, o Elvego. Admira-me, então, que o senhor não tenha tanta confiança assim no Elvego e o tenha admitido nessa reunião...

- Mas, é que eu estava, realmente, necessitado de ideias, de mecanismos de força, capazes de aniquilar a ameaça de destruição instalada na cidade, contra a minha igreja. E eu não podia descartá-lo, pois sei que é muito inteligente e culto também.

- Nós também sabemos disso. Mas temos alguma desconfiança dele. É de certa forma estranho. Trazia com ele informações importantes e as sonegou o quanto pôde. Foi preciso que nós o desafiássemos, até que ele resolveu botar para fora aquela entrevista misteriosa que teve com Atrias.

- Eu lembro. Vocês fizeram o maior espalhafato com aquela entrevista.

- E tinha mesmo que fazer, padre. O senhor certamente não há de concordar quanto à realidade daquele fato. Um homem simples como o Atrias, um simples pescador, vir com uma conversa daquelas, uma narrativa de arrepiar os cabelos. Só podia mesmo chamar a atenção do meu público leitor. A repercussão não poderia ser outra. Aliás, Elvego é que não gostou da repercussão que adveio da publicação daquela estranha entrevista. Onde já se viu um visão como aquela, padre? Um peixe, não um peixe, mas um monstro enorme. O senhor está lembrado, não está?

- Claro.

- Tem alguma explicação para o caso?

- Ora, Epistrau, não vamos nos voltar para o passado. Vamos esquecê-lo. Vamos esquecer tudo quanto de ruim aconteceu conosco, com a nossa comunidade. De agora em diante, quero que você publique notícias auspiciosas. Fale da cidade que hoje é outra completamente diferente. Fale do progresso. E,

quanto a esse lado da estória que me foi proposta por Elvego, vamos ver, vamos conversar, estou pedindo a opinião de vocês. Vocês acham que eu devo admitir que Nicolas não é perigoso? Estou certo de que posso contar com vocês. Afinal, compreendam, eu que tanto incentivei meus fiéis, de repente, assim sem nenhum motivo aparente ter que mudar de atitude, pode ser perigoso. Pode ser que eles não compreendam. Portanto, eu estou falando preliminarmente com vocês, na esperança de que possam me dar apoio, caso as coisas não saiam como eu espero. Vocês, realmente, têm uma força estupenda. Se, porventura, meus fiéis se voltarem contra mim, por favor eu quero agora o compromisso solene de vocês, o compromisso de que me ajudarão com certeza, fazendo a cabeça do povo. Posso confiar em vocês?

- Também não é assim, padre. A gente não publica armações.

- Agora você está me ofendendo, Epistrau.

- O senhor é que nos ofendeu primeiro, padre.

E a conversa não foi mais avante, porque os jornalistas, sentindo-se ofendidos, saíram da casa paroquial deixando o padre falando sozinho.

TÍTULO V
A VITÓRIA

Capítulo I

Como sempre, o padre Messias se valia do púlpito para anunciar as coisas que lhe pareciam mais importantes. E, naquele domingo, na missa da manhã, igreja repleta de fiéis, caminhou resoluto com o fito de aceitar a proposta de Elvego. Este, num canto da igreja, assistia ao sermão.

- Meus irmãos, peço a compreensão de vocês.

Falava medindo as palavras. Na verdade, tinha medo, muito medo mesmo. Como iria ser a reação de seus paroquianos? Eles estavam de cabeça feita contra Nicolas!

- Meus paroquianos, preciso lhes dizer que a iniciativa não deve ser vista como sendo de ninguém, senão de mim mesmo; deste pastor modesto de todos vocês.

- Que será que ele quer dizer? – perguntava-se, interessada, a velha Cândida.

- Meus irmãos, peço que esqueçam os meus sermões contra Nicolas e Atrias. Vamos dar um crédito de confiança. Vamos esperar que eles reapareçam e que voltem a se aproximar de nós.

O padre estava falando de um púlpito novo. É que a igreja nem parecia ser aquela de antes, de linhas arquitetônicas tão acanhadas. Agora, se constituía num templo como aqueles encontrados somente nas cidades grandes. O povo de Botu, vamos ser logo diretos, enricara, melhorara de vida. E tudo, então, ficou mais fácil para o padre. Dinheiro não lhe era problema. Enchia o caixa com enorme facilidade. As ofertas, durante as missas, eram realmente dadas, significantes. E o padre aproveitava aqueles ventos favoráveis, promovendo uma verdadeira remodelação na igreja que, inclusive, passou a contar com uma torre nova e mais alta.

- Botuenses, abram os olhos, apaguem de suas lembranças as desgraças. Esqueçam tudo quanto de ruim caiu sobre vocês. Pensamento negativo só atrai coisa que não presta. Tragam em suas lembranças apenas as poucas coisas boas do passado e enterrem as desgraças acontecidas.

Aonde queria chegar o padre? Todos os presentes ali no templo faziam-se essa interrogação. Estavam ansiosos para saber, finalmente, o que o padre realmente estava querendo.

- Meus filhos, minhas filhas, prestem atenção. Compreendam a mudança de pensamento do seu pastor. Trouxeram-me argumentos que, na verdade, não tive como contestá-los. Perguntaram a mim e agora eu pergunto a vocês. Teria o Nicolas cometido, durante toda a fase estranha de sua vida, algum mal a quem quer que seja? Haverá, dentre qualquer de vocês, quem possa dizer que ele cometeu um mal? Foi esta a pergunta que me fizeram e eu não tive saída, meus irmãos. Não tive saída mesmo. Estou agora inteiramente convicto de que jamais ele fez mal a quem quer que seja...

Lembrou-se o padre, por um momento, do ato benigno por ele mesmo testemunhado. Testemunhado por ele e por Sinárdio, o dono da loja de tecidos Irajá. Sim, relembrava o padre o episódio sanguinolento a que assistira. Ficara bem nítido em sua mente que a turba, apavorada em face dos movimentos de Nicolas por sobre paus, pedras, facas, mesmo estando ferido mortalmente no peito, debandou em bloco. E só ele pôde testemunhar o momento em que Nicolas, só com o gesto de apontar com o dedo, recompôs o corpo inerte de Atrias. Mas não quis, naquela hora do sermão, admitir esse ato benéfico.

- Sim, jamais ele praticou ato que não fosse impregnado de bondade, esta é a verdade. Então, meus irmãos, é bem possível que estejamos enganados nessa perseguição. É bom que a gente mude de pensamento.

Um clarão invadiu, de repente, o corredor da nave principal. Era um feixe de luz que vinha de fora para dentro da igreja, numa inclinação que o fazia incidir diretamente sobre o altar. Nicolas e Atrias caminhavam juntos, dentro desse feixe de luz, destinando-se em direção ao padre Messias, que estava no altar. Ao chegarem, o clarão desapareceu e os compadres ficaram no templo, num comportamento normal, natural, como se nada lhes tivesse acontecido.

O padre Messias ficou apavorado. Seria, então, ali dentro de sua igreja que outra desgraça aconteceria. Os fiéis, certamente, viriam sobre Nicolas, para esfaçalhá-lo. Um tremor tomou conta de todo o corpo do padre. Ficou pedindo a Deus que suas explicações tivessem encontrado eco junto àquela assistência. Voltou ao seu estado normal logo que percebeu a passividade dos fiéis, todos em seus lugares, apenas curiosos, todos levantados, olhares dirigidos para o altar onde estavam os dois compadres reaparecidos. Elvego sorriu bastante contente, olhando de soslaio para o padre Messias, como a lhe dizer que finalmente ele havia demonstrado estar com a razão.

Daquele dia em diante, todos os botuenses passariam a ter os dois compadres, todos os dias, sem mais nenhum mistério a envolvê-los, levando o mesmo padrão de comportamento que era de todos conhecido: de casa para o lago Borrado; de casa para a igreja, nos dias de domingo, naturalmente, alegremente, como era do costume deles.

Capítulo II

Elvego se achou no direito de ser o primeiro a manter conversa reservada com Atrias e Nicolas. Mais com este do que com aquele. Afinal, tudo ficara resolvido e fora Elvego quem sempre esteve à frente de tudo. Aliás, no começo se podia dizer que ele agia como

um intrometido, aproveitando-se até da situação de não haver autoridade presente na cidade. Depois, como se sabe, ele ficou mais à vontade, muito mais à vontade, pois o prefeito, a nulidade de prefeito que era o Floripes, lhe dera carta branca para cuidar do caso. E não só do caso propriamente.

Elvego estava presente em todas as dimensões de uma gestão que seria de Floripes, a qual ele as transferiu, as delegou, de fato, à pessoa de Elvego. Neste passou a confiar cegamente, tanto que até lhe entregou com muita confiança a fase difícil atravessada pelo seu filho Osival Sahino, o Sival.

Na casa 345 da rua do Tambor, presentes Nicolas e Atrias e a mulher de cada um, Elvego começou a puxar conversa:

- Como é, Atrias, quer que eu ligue o gravador?

- Prá que, meu senhor? Que está pretendendo?

Elvego ligou o aparelho. Logo apareceu uma voz rouca, aquela voz conhecida de Atrias. Ele não podia de maneira nenhuma negar. A voz era sua. Nicolas balançou a cabeça, afirmativamente. Sim, aquela era, sem dúvida, a voz de seu compadre.

Elvego pediu a todos que ficassem em silêncio. E todos passaram a escutar, até que aquele diálogo, ou melhor, aquele monólogo chegou ao fim.

- Que danado é isso, compadre Atrias? - perguntou, espantado, o pescador Nicolas.

- Que é isso pergunto eu ao homem aí...

- A voz não é sua, homem? – questionou Elvego.

- É, sim, a voz é minha, sim senhor.

- Então?...

- Mas eu não me lembro de ter falado isso tudo aí. Nunca em minha vida eu falei isso. Eu sou capaz até de lhe jurar.

- Que é que o senhor está me dizendo?

- Isso mesmo que o senhor está ouvindo. Nunca falei isso aí que eu acabei de ouvir.

Elvego, admirado com o que ouvira de Atrias, voltou-se para Nicolas.

- Então, Nicolas, fale. Você agora fala normalmente, não é?

- Que é isso, meu senhor, nunca fui mudo em minha vida.

- Está desconhecendo o poder espantoso que você tanto demonstrou a muita gente aqui em Botu?

- Que poder é esse de que o senhor está falando? Não estou sabendo de nada disso.

Bastava só aquele pequeno diálogo para Elvego. Ele já havia compreendido tudo. Nicolas, realmente, não se lembrava de nada daquela situação inusitada que lhe acontecera. Estava simplesmente do mesmo jeito que sempre fora. O pescador afeito à profissão que ele sempre assumiu com verdadeira arte. Elvego, então, procurou, feito verdadeiro Tomé, tocar nas partes do corpo de cada um dos compadres. E percebeu que ali não existia sinal, cicatriz nenhuma daqueles ferimentos de que foram alvos, tão violentamente.

- Que é que se passa, meu senhor? Então o senhor chega aqui na minha casa, pede licença, me faz perguntas esquisitas, traz, também, o Atrias, liga esse aparelho aí... Está certo que eu ouvi a voz de meu compadre Atrias. Mas ele veio foi com uma estória esquisita. E o pior, me botando no meio - e dirigindo-se para Atrias - Que é isso, meu compadre? Está me estranhando?...

Elvego viu que não havia mais o que conversar e saiu.

Capítulo III

- Candidinha, pula belchinha!

O menino Lhiono, filho do albergueiro Shiresto, comandava o grupo de guris.

Mudara tudo na cidade, naquela cidade que ganhara nova roupagem. Nem parecia a de quase dois anos atrás. Mas, com Cândida, as coisas continuavam na mesma. A verdureira de sempre. O dissabor por que passou, separada de João Ventura, era coisa do passado. Ele voltara para casa. Perdoara a falta cometida por sua mulher.

- Candidinha, pula belchinha!

Miserável! Ah, iria ela se queixar ao albergueiro. Era bem certo que ele não concordava com aquele procedimento do filho.

Cândida vinha de mais um dia de labuta, na feira. Dirigia-se com destino ao ponto do ônibus, que a levaria, juntamente com todos os demais passageiros, evidentemente, ladeira do Barril acima, para suas casas.

- Eu perco o danado desse ônibus, mas eu vou reclamar ao pai desse atrevido.

Coitado do garoto. Agora Cândida pretendia uma providência enérgica da parte do pai dele. Daquele dia em diante, terminaria a farra que sempre fez com ela, uma velha senhora a quem ele não fazia por onde respeitar. Ele e seus colegas não poupavam uma oportunidade. Parecia um massacre. Ela não merecia aquilo. Sempre viveu falando e continuava ainda com aquela mania de falar, de conversar, de puxar assunto, mas, com isso, não ofendia ninguém.

- Senhor Shiresto, eu não aguento mais. Seu garoto está me levando na brincadeira. Sei que o senhor não concorda com esse procedimento do seu filho.

Cândida, porém, contou tudo aquilo que já sabia o albergueiro. É que não somente o seu filho, mas grande parte da gurizada da cidade gostava de mexer com a velha senhora. Sabiam que ela não gostava da brincadeira. E isso aumentava ainda mais o gosto da provocação. Riam, davam gargalhadas. Era para eles uma verdadeira festa.

- Pelo amor de Deus, senhor Shiresto, venho lhe pedir providências. E peço, porque acho que o cabeça dessa brincadeira de mau gosto é o seu filho.

Shiresto, albergue cheio, naquele dia, fim de feira, estabelecimento em reconstrução.

- Lhiono, venha cá.

O garoto se aproximou.

- Peça desculpas a dona Cândida, peça. Os jornalistas, ainda hospedados no albergue, assistiam à cena, esperando ver em que daria tudo aquilo. Não tomavam partido. Gostavam de Cândida, mas também reconheciam que o ato praticado pelo garoto era algo compreensível, coisa de criança mesmo.

Elogiaram, enfim, a atitude de Shiresto que não passou daquela simples reprimenda feita ao filho.

Quanto a Cândida, viram-na sair satisfeita e alegre. Na verdade, ela não queria que Shiresto impingisse castigo físico ao menino. No fundo, no fundo, ela era mulher bastante compreensiva.

Capítulo IV

Os habitantes da cidade, teriam, dentro em breve, um serviço de grande utilidade que em muito ajudaria a todos, em suas atividades diárias. É que, da Capital, trouxeram a ideia de construir, entre os dois planos da cidade, uma torre com um elevador, ligada à parte superior por uma passarela. Igual, aliás, àquela existente em outra cidade importante e tão destacada em cartões postais. Botu, então, passaria a ter também um destaque como aquele. E, de sua construção em diante, os botuenses contariam com aquele serviço essencial, que lhes garantiria a locomoção entre os dois planos, sem depender dos horários dos ônibus e outros transportes. E locomoção a preço tão barato, que praticamente se aproximaria da gratuidade. Era mais uma realização que aconteceria naquela cidade que antes se podia dizer do

fim do mundo, a qual, agora, estava sendo alvo de crescimento e de interesse de muitas pessoas de fora.

- Vai ficar realmente muito bom, Anastácia. Agora você pode ir em casa quantas vezes quiser.

E eu também, ora! - assim se exprimia Cândida, em ligeiro diálogo com Anastácia.

A conversa mantida entre as duas senhoras dizia respeito a algo que, realmente, estava prestes a se concretizar, precisamente a construção da grande torre. Os trabalhos já haviam começado. Era um vaivém de homens e de máquinas, subindo e descendo os andaimes. Isso realmente prendia a atenção de quantos por ali passavam. Dava vertigem só olhar o grande espigão. A torre já estava quase chegando ao final de sua construção. Seria superior àquela da cidade famosa. Seria mais imponente. Botu teria também o seu cartão postal.

- Essa nossa cidade, Cândida, tem crescido assustadoramente. Você concorda comigo?

- Claro, Anastácia. E eu acho que com isso tudo estamos conquistando uma grande vitória. Todos estamos saindo vitoriosos. Não é mesmo brincadeira, minha filha (este era um tratamento íntimo que as duas se permitiam ultimamente). Veja você, Anastácia, como todos nós padecemos com tudo aquilo que de estranho aconteceu entre nós.

- Minha filha, nem fale, é bom a gente enterrar isso. Esquecer.

- Mas eu estou só falando, minha filha. Você viu como a desgraça aconteceu a tanta gente? Inclusive a mim. Graças a Deus, tudo foi superado. E o melhor de tudo é que recuperei o meu marido. Graças a Deus.

- Vitória, vitória, só mesmo uma palavra como essa para explicar tudo de bom e de melhor que está acontecendo em nossa cidade, minha filha. Parece mesmo uma coisa caída do céu, depois daqueles acontecimentos, daquelas tragédias todas. Eu disse que

você não falasse sobre elas, mas eu agora é que estou falando. Minha filha, doeu muito a morte de tantos conterrâneos. Desmantelou a vida de muitos o aparecimento daquele estranho objeto. Todos prevendo o fim do mundo fizeram a língua bater nos dentes.

- Inclusive eu, não é?

- Vamos esquecer essa estória, minha filha.

A conversa entre ambas acontecia, quando se destinavam para o ônibus que as conduziria à cidade alta, ao fim de mais um dia de feira ali em Botu.

Capítulo V

Sival chegou ao albergue, demonstrando um ar de satisfação, um ar de plena alegria, feliz da vida, por estar agora vivendo naquela cidade de Botu, a cidade onde nascera, lugar que sempre guardou em seu coração, mas o entristecia pelo fato de ser parado no tempo e no espaço, sem nenhuma real perspectiva de desenvolvimento. Seu sorriso, agora, ia de um canto a outro da boca, convicto de que, doravante, seus colegas de colégio não mais zombariam dele. Na verdade, ele é que poderia zombar dos colegas, pois a cidade deles, a grande Divinópolis, dava demonstrações de que não saía do canto, não mais se desenvolvia, como antes. E ficara, então, assistindo ao progresso espantoso de Botu.

- Ele está aí em seus aposentos, senhor Shiresto?

Sim, Sival recebeu prontamente a informação de que Elvego estava lá no albergue, em seu quarto, repousando, pois fazia pouco tempo que terminara sua refeição noturna. Sival bateu à porta do quarto e logo foi atendido.

- Claro, meu rapaz, vou jogar com você. Com muito prazer. Trouxe o tabuleiro?

É óbvio que Sival o havia levado. Procurara Elvego justamente para uma partida de xadrez. Este observou o rapaz detidamente e pôde ver que nele se

operara mudança; mudança que o tornava igual àquele Sival que ele conhecera nos primeiros dias de sua permanência na cidade. Que bom!

Começaram a partida. Os jornalistas torciam por Sival. Admiravam-se de ver aquele jovem dando demonstração de quanto era bom naquele jogo.

- Vamos, senhor Elvego, é a sua vez.

Até o vigésimo quarto lance daquela partida tão bem disputada entre Sival e Elvego, o jogo permanecia em perfeito equilíbrio. A plateia ficava torcendo por uma vitória do rapazola. Sua última jogada, por sinal, fora espetacular. Colocara Elvego numa enrascada. Jogara com o bispo da casa preta, pondo em cheque o rei adversário e, ao mesmo tempo, pondo em situação indefensável a dama das pedras brancas.

Os jornalistas ficaram dando gargalhadas.

- E aí, sabichão, perdendo para um rapazinho como o Sival?! Você não é o campeão de xadrez?

Elvego fez cara feia. Não gostou da explosão de satisfação exposta no semblante de cada jornalista. Epistrau era o que mais se sobressaía. Não fazia reserva de sua satisfação. Queria ver Elvego derrotado.

- Calma, senhores, joga-se, aqui, o xadrez. É um jogo que exige concentração. Desse jeito que vocês estão agindo, parece que não têm a mínima noção dele.

A observação de Elvego, em tom professoral, deixou os jornalistas um tanto sem graça.

Os lances, então, foram tendo seqüência, Sival jogando na maior concentração, cabeça posta entre as duas mãos. Só mudava de posição, quanto tinha de movimentar uma peça.

- Jogue, Sival, que eu quero lhe dar xeque- mate. Em três jogadas.

Sival ficou lívido. Olhou mais ainda detidamente o tabuleiro. Fez as observações indicadas por Elvego, a partir de sua última jogada e se deu por vencido, derrubando o rei.

- O senhor, realmente, é um exímio jogador. Parabéns!

E Sival saiu, decepcionado, deixando também todos os jornalistas ali presentes mais decepcionados que o próprio perdedor da partida. Cada um procurou puxar assunto com outro, desviando a direção do olhar interrogativo que Elvego lhes dirigia.

Capítulo VI

- Precisamos de um diálogo franco, padre. Estou falando sinceramente, do fundo do meu coração - assim se expressou Elvego, tentando iniciar uma conversa com o padre Messias.

- Que é que há? Está em apuros? Está em dificuldades?

- Que é isso, padre? Nada que não possa ser superado.

- Então, qual o interesse em dialogar comigo, agora?

- Messias... sim, eu vou tratar você assim. Vamos colocar de lado essa estória de padre. Fique isso lá para seus paroquianos. Eu sei que você é inteligente. Somos, melhor dizendo, muito inteligentes. Podemos não ser tão cultos um quanto o outro. Permita-me a imodéstia. Tenho mais experiência e conhecimentos do que você, seu aproveitador - disse essa parte final de sua afirmação, esboçando um ligeiro sorriso no canto da boca.

- Também, você agora está me ofendendo. Estou recebendo você aqui na minha casa e o que ganho é ofensa de sua parte.

- Esqueça isso, homem. Não me passou pela cabeça essa intenção.

- Que quer dizer, então? Diga. Fale logo.

- Messias, estamos nós dois atolados no problema, no enigma; o enigma que atingiu a todos. Todos

tomaram conhecimento dele, sentiram-no na própria pele. Mas hoje a situação reverteu. Se houve mistério, mistério hoje não há mais. O povo nem se lembra do acontecido. Mas nós temos consciência de que algo de misterioso aconteceu nesta cidade.

- É, você tem toda a razão. Só nós dois somos sabedores de que o mistério existiu. O povo já esqueceu suas preocupações, nesse sentido. As pessoas não querem mais nem ouvir falar nisso. Só pensam em usufruir o progresso. Mas justamente aí é onde reside uma grande ponta desse mistério. Como é que se explica essa cidade, de repente, tomar volume, aumentar, progredir, melhorar?! Ah, que isso foi e continua sendo bom, não tenho dúvida! É maravilhoso. Mas é preciso perscrutar acerca do real motivo que está ensejando tudo isso.

- Sim, e nós sabemos que essa mudança da cidade passa pelo mistério.

- Que mistério principalmente você pensa que é?!

- Nicolas, homem. Nicolas. E poderia ser outro? E, a propósito, tenho uma confissão a lhe fazer.

- Que confissão? Pode ser aqui ou no confessionário?

- Não brinque comigo, seu espertalhão, seu descarado.

- Epa, vamos continuar a conversa. Não vá por esse caminho. Ponho-o daqui para fora.

- Põe nada.

- Diga mesmo a sua confissão. Quero, agora, você na minha mão!

- Ora, deixe disso. Não pense que será fácil. Não sou nenhum imbecil. Aliás, nem precisava dizer isso, Messias.

- Vamos, então, conte.

- Eu provei do poder de Nicolas!

Capítulo VII

Parnimas era com certeza, dentre todos os habitantes da cidade, a única demonstração evidente do poder exercido por Nicolas. Ninguém mesmo, exceto ele, havia recebido direta e permanentemente a influência de alguém que detinha aquele poder estranho. Passara longos anos de sua vida amargurando a cegueira de que fora vítima por causa da surra que levara do próprio Nicolas, dentro do lago Borrado. Fora, então, contemplado pelo próprio poder maravilhoso do pescador e, por isso, não cessava de proclamar aos quatro cantos que ele tinha sido realmente poderoso e que a ele devia a restituição de sua visão. Passou, com isso, a ser motivo de xingações, a não ser levado a sério, a ouvir nas ruas por onde andava afirmações duvidosas sobre sua saúde mental. Não mais cabia na cabeça do povo que Nicolas, um homem simples, tão conhecido de todos os habitantes da cidade, tivesse tido o poder de curar um cego. Parnimas só podia estar variando, para dizer uma asneira daquela. Verdade é que o povo não cessava de admitir que aquilo fora uma graça alcançada por Parnimas. Consideravam que ele conseguira aquela graça e que para tanto deve ter feito um grande número de orações.

Posta de lado essa discussão entre Parnimas e a população, o certo é que o ex-deficiente visual mudara de vida completamente, para melhor. Não era mais aquela pessoa cujo comportamento já se constituía numa marca entre os botuenses. Todos estavam acostumados a ver nele a figura do homem de vestes simples, chapéu de massa à cabeça, sempre portando o violão e se postando, invariavelmente, na porta da igreja de Santa Júlia, retirando da caridade pública o seu sustento. Agora, todavia, era outro homem. Homem de negócios. Aproveitara a febre que ativara as relações comerciais em Botu. Ingressara no comércio do

pescado. E ia seguindo muito bem em sua nova atividade. Graças a Deus. Ou a Nicolas? A polêmica, mesmo assim, persistia.

- Besteira, Parnimas, acabe com isso, meu filho, você recebeu sim uma graça do céu!

- Foi não, padre Messias. Foi não. Recebi de Nicolas, através do seu poder, algo que mexeu profundamente com os meus olhos, e, quando menos esperei, vi que estava vendo. Vendo de verdade, como agora estou vendo o senhor.

- Está certo, Parnimas. Agora, facilite as coisas para mim, para todos, enfim. Não ande dizendo isso de esquina em esquina. Isso só torna as coisas difíceis, principalmente para mim. Tenho certeza de que você tem consciência de que essa sua afirmação só pode me trazer problemas.

- Está certo, padre. Vou evitar falar sobre esse fato. Agora, para o senhor, eu mantenho firme a minha certeza de que não foi outra coisa que me curou, senão a intervenção de Nicolas.

- Pare! Pare! Não quero mais ouvir isso de sua boca. Saia daqui. Saia!

Parnimas sentiu que o padre estava se exasperando e decidiu logo desaparecer dali de sua vista.

Capítulo VIII

Floripes, o prefeito, tinha, agora, o que sempre mereceu. Continuava com aquela ideia metida na cabeça. Achava que outra coisa não podia fazer, senão perseguir e alcançar o poder. Mas, coitado, como era fraco! Mais do que ninguém, Elvego tinha conhecimento de sua fraqueza. Queria o poder. Não lhe interessava se não tinha competência para gerir nem mesmo o orçamento de sua casa. Era só a vaidade de ser prefeito, de ter o poder nas mãos. Fora, já, por três

vezes, prefeito de Botu. A bem a verdade, nunca fora prefeito, coisa nenhuma. O padre Messias, sim, este é que tomava conta da prefeitura. Floripes sempre lhe foi submisso. Atendia-o em tudo que ele determinasse. O padre Messias considerava pura perda de tempo pedir-lhe qualquer coisa. Fazia logo era a determinação, a ordem.

As coisas mudaram um pouco depois que Elvego chegara em Botu. O prefeito achou que poderia utilizá-lo, tirar proveito dele. Mas, como esteve enganado! Utilizar-se de Elvego?! Também, por outro lado, Elvego jamais seria homem para deixar continuar uma situação daquelas. Esteve ao lado de Floripes durante todo aquele período de dificuldades, não se deixando dominar por qualquer comando absurdo que saísse da cabecinha nada privilegiada do prefeito. Agora que as coisas entraram nos eixos, afastara-se de Floripes. E, com isso, o homem estava totalmente desesperado. Como poderia fazer para retornar à prefeitura? Sozinho, sem o auxílio de alguém, isso era inteiramente impossível. Disso ele tinha convicção formada. Sabia de sua deficiência, de seu pouco conhecimento administrativo. Mas a sede do poder fazia-o cego. Não importava se agora não mais dispunha de apoio forte, firme e vigoroso como o que lhe vinha dispensando a pessoa de Elvego. Disputaria, mesmo assim, a eleição. Achara que sempre haveria um meio para ludibriar o eleitorado. Sabia que a realidade atual era outra bem diferente. Aquilo tudo que foi o passado havia sido apagado. Os botuenses não procuravam recordações amargas. Não havia mesmo espaço para elas, tamanha era a onda de desenvolvimento da cidade, como se o sopro de novos ventos estivesse fazendo nascer uma nova civilização.

Floripes, na sua pequenez, via tudo isso, todo esse desenvolvimento e queria, porque sequioso pelo poder, continuar com as rédeas da prefeitura, custasse o que custasse.

- Nada disso, senhor Floripes. Nada disso. Não conte comigo. O senhor me interpretou muito mal. Muito mal mesmo. O senhor esteve, ultimamente, afastado de tudo. Nada fazia. Eu é que sempre aparecia. Estava à frente de tudo. Mas eu o fazia sem o menor interesse pessoal. Sua figura apagada, inclusive, o retirou da crista dos acontecimentos, de todos os acontecimentos terríveis que aqui eclodiram. Vejo, hoje, passada a borrasca, o senhor aos meus pés. Tenha graça! O senhor, com tal atitude, está mesmo menosprezando a minha pessoa. Não pense que estou satisfeito com o senhor. Eu que tanto lhe fiz, ser alvo, agora, de uma proposta indecente como a sua! Ponha-se no seu lugar.

- Calma, senhor Elvego. Eu não quis ofender o senhor.

- Mas ofendeu. E muito. Estou profundamente magoado.

- Está bem, esqueça o que lhe propus. Mas, eu lhe digo, com ou sem o seu apoio, eu serei, novamente, prefeito de Botu.

Agora, assim ficou pensando Elvego, o cego de Botu estava sendo Floripes. Pois via e não enxergava.

Capítulo IX

A cidade, lá fora, sem o seu burburinho normal. Nem o vaivém das pessoas, nem o dos carros.

Era já alta madrugada. Na matriz de Santa Júlia, a meia luz no recanto onde situado o confessionário, padre Messias ali se deixara ficar, sem dar conta do passar do tempo. Mãos no queixo, pensativo, punha-se a refletir no que lhe segredara o intelectual e culto Elvego Doso de Riela. Aquele homem..., tanta experiência, tantas viagens, tantas culturas diferentes com as quais travou relações profundas e intensas... viera lhe fazer uma confissão. Seria um momento de fraqueza dele? Sabia que Elvego não professava religião nenhuma.

Também sabia que, no que pese seu distanciamento de religiões, não era um ateu. Cria em Deus, aliás com uma fé inquebrantável e no modo especial dele de ser. Por que, então, procurara por ele? Sim, sua declaração de que provara do poder de Nicolas, só podia ser isso! Realmente, se tal fenômeno lhe tivesse acontecido, teria ficado muito eufórico. Não era para menos. Ter, não nas mãos, não em qualquer dos sentidos, mas no corpo por inteiro a determinação superior de se sobrepôr ao que existe em seu derredor. Pois era o que acontecia com Nicolas. Pelo menos o padre tivera a oportunidade de presenciar, de testemunhar. Esteve, a princípio, levado pela sua esperteza, pela vontade de se notabilizar, voltado para Nicolas, defendendo-o como uma coisa misteriosa, caída do céu, abençoada por Deus. Quando viu que lhe era nocivo, pernicioso, recuara. E recuara no momento certo de evitar contra si um processo amargo de suspensão de suas ordens sacerdotais. Impingiu verdadeiro bombardeio contra Nicolas, fazendo a cabeça de seus fiéis, até que, enfim, ele apareceu e foi aquela cena triste, sanguinolenta. Causava-lhe repugnância só em pensar nela. Estava, então, possuído da certeza de que Nicolas não fora fenômeno, coisa nenhuma, tanto que ele agora tinha voltado para os seus, para a sua casa, para o lago Borrado, de onde continuava a tirar o sustento para a sua vida. Mas eis que vem Elvego lhe dizer e lhe confessar que provara do poder de Nicolas. Ele, que detinha o poder espiritual ali, não teve esse privilégio. Nicolas, ao invés de conceder essa oportunidade a ele, não; deu-a foi a Elvego. Sentia, por que não, uma ponta de inveja que o invadia inteiramente. Como seria aquele poder? De que forma ele agia? Como eram as reações do corpo e da mente em decorrência dele? Elvego provou disso e ele, não. Era uma injustiça. Agora, que tudo havia passado, era-lhe impossível ter uma experiência daquela. Elvego, só ele é que foi privilegiado. Lembra-se, naquele momento,

do dia e da hora em que Nicolas esteve na sua igreja, na igreja de Santa Júlia. Repassava como uma fita cinematográfica as cenas dos quadros da via sacra caindo no assoalho e espatifando-se. O episódio acontecido com o ostensório, também lhe veio à mente. Pois Nicolas fez aquilo tudo, porque tinha poder. Um poder que apavorou a ele padre Messias, mas ele não teve cabeça, capacidade suficiente para considerar que em Nicolas nada de mal havia. Ah, se ele tivesse podido alcançar isso! Talvez aqueles desdobramentos todos não tivessem acontecido. Nicolas, destruindo aqueles objetos sacros, queria dizer alguma coisa, algo de importante, talvez quisesse mostrar que aquilo era de pouca valia diante do poder que ele podia ostentar e demonstrar a todos ali. Não lhe movia qualquer sentido de produzir uma maldade. Ah, cabeça oca que ele era, por não ter captado exatamente o sentido das coisas! Tivesse agido diferente, quem sabe, estaria utilizando daqueles poderes, teria recebido treinamento necessário de Nicolas, durante o tempo em que detinha aquele forte poder. E hoje estaria soberano, reinando absoluto, fazendo e acontecendo, mostrando aos homens como é que se tem poder, como é que se faz com o poder. Todos o respeitariam. Inclusive o inteligente e culto Elvego. Sim, padre Messias saberia muito bem como usar aquele poder.

Agora, pois, Botu contava com duas pessoas que tinham a certeza e a consciência dos fatos estranhos que ali aconteceram. Elvego, de um lado, por haver sentido na pele, por ter tido a oportunidade de tratar de perto os dois homens enigmáticos. O frouxo e incompetente Floripes lhe dera carta branca para isso. Veio, então, o padre a ficar sabendo também. Definitivamente informado de que tudo aquilo que aconteceu em Botu não era fruto de trabalho, de progresso que chegara da noite para o dia naquela cidade do fim do mundo. Mas Elvego e Messias só poderiam manter para si mesmos

esse lado da verdade, pois era perigoso e, além disso, era contraproducente trazer aquela população informada da realidade. De que lhe valeria tal informação? Não iria influenciar em nada. Ficasse esse lado da verdade na posse apenas de Elvego e dele, padre Messias.

Era claro o dia, quando o padre Messias, levantando a cabeça, viu os primeiros raios do sol adentrando o templo e incidindo, diretamente, através do vitral da janela, no confessionário, onde ele se encontrava. O padre retornou da retrospectiva que fizera durante toda a madrugada, levantou-se e caminhou direto para o seu quarto.

Capítulo X

Floripes ficava tomado de profunda indignação e de evidente inveja, ao ver o seu nome descambar na preferência dos botuenses. Agora seria a vez do Pedro Honorato. Homem de bons propósitos, educado, fino, inteligente. Perdera a disputa da prefeitura por três vezes. Sempre ganhava o Floripes. Este, por sua vez, jamais podia dizer que o mérito da vitória era seu. Padre Messias, embora distante de palanques - o povo condenava homem de batina metido em assuntos políticos - usava a influência do púlpito e, com isso, sempre se escondeu na figura apagada de Floripes, conseguindo fazê-lo prefeito por três vezes. Via-se, então, após a verdadeira onda de progresso que atingiu a cidade de Botu, o seu prefeito efetivamente transtornado. Considerava uma injustiça o que acontecia com ele. Dominou a cidade por tantos anos. Quando, então, se operava aquele crescimento espantoso, quando Botu saíra da inexpressiva condição de cidade situada no fim do mundo e se tornara um centro bastante desenvolvido, progressista, ele era jogado para fora, na lata do lixo, qual papel velho, imprestável. Sentia, destarte, fugir de suas mãos uma situação mais

favorável, pois Botu passara de cidade pobre para cidade rica. Edifícios novos começaram a mudar a paisagem urbana da parte velha. O desenvolvimento não chegou ao ponto de mudar a feição, a nota característica, fundamental daquela urbe, cujos planos se distinguiam nitidamente não só geograficamente, mas pela destinação que se lhes deu: o superior, para as residências; o inferior, para todos os tipos de atividades normais a qualquer cidade. Com a explosão que se verificava, na parte baixa, já havia quem avançasse para além do terreno firme onde se situava a cidade, processando-se, então, o aterro da área pantanosa que lhe era contígua. Uma verdadeira agressão ao meio ambiente. Mas quem é que poderia segurar o progresso? A cidade já contava com sua majestosa torre, pintada em cores muito vivas, amarela e azul, dentro da qual corria um elevador bastante ágil, seguro e confortável, para o transporte de pessoas e de mercadorias. Com ele, se vencera, definitivamente, a grande dificuldade de comunicação rápida que havia entre a cidade alta e a cidade baixa. E o lugar passou a contar com aquele cartão-postal que era, verdadeiramente, de uma beleza de encher a vista.

O prefeito tinha lá suas razões para andar cheio de indignação e de revolta, mas a verdade é que a situação mudara para melhor e ele, lamentavelmente, não reunia condições para se colocar à altura da nova realidade.

Capítulo XI

A paróquia de Botu estava de padre novo. A Diocese já havia sido condescendente demais com o padre Messias. Tolerara exageradamente seus gestos e atitudes como pastor de almas daquele que muitas pessoas até chamavam de lugarejo, distante, no fim do mundo. Fora atrevido, afoito, mostrara assim escancaradamente seu verdadeiro caráter de

proveitador, imiscuindo-se em assuntos da cidade que lhe não diziam respeito e, o que era pior, a demonstração de sua verdadeira marca pessoal, a de se valer da autoridade religiosa para galgar notoriedade e, com isso, atingir a fama. Era verdadeiramente um ambicioso, um inescrupuloso.

O bispo Agamirhom sentia a gravidade da situação. As coisas agora estavam acentuadamente visíveis, pois Botu não mais era a cidade esquecida, o fim do mundo onde nada despertava interesse. Manter padre Messias no posto era uma precipitação das maiores. O crescimento da cidade já o movia a alçar voos espetaculares e mirabolantes, para o fim de que sua pessoa ali se mantivesse com a mesma desenvoltura e a mesma importância que até então ostentou. Antes que tal acontecesse, veio a providencial decisão de afastá-lo da cidade.

A paróquia de Santa Júlia reclamava, há muito tempo, a presença de um padre verdadeiro, sem interesse pessoal, voltado única e exclusivamente ao pastoreio do rebanho.

Na estação, cheia de gente como naturalmente acontecia nos dias de embarque (agora, diferente de antes, havia trem quatro vezes por semana), padre Messias, malas prontas, aguardava a hora da partida. Os que lhe foram mais próximos, mesmo diante do fato desagradável de sua saída indesejada da paróquia, se fizeram presentes. Floresbela chorava rios de lágrimas. Fora com o padre Messias que mais demoradamente exercera o papel de diretora do coro da igreja. Alteíades, carrinho estacionado à frente da estação, acompanhado de Helcina, sua amada esposa. Cândida, Anastácia. Até mesmo Parnimas estava lá, resolvido definitivamente a perdoar o vigário que lhe dera aquele bofete, depois daquela provocação que lhe fizera. Bem feito, ele agora achava que mereceu. Também ele sentia a perda do padre Messias.

- Você aqui?!

- E por que não?

Elvego fora também à estação. Despedia-se de Messias, como agora ele o tratava. Despedia-se, porém, na certeza de que, dentro em breve, ambos se avistariam na Capital, para onde Elvego se destinaria também, dentro de poucos dias.

- Fico feliz por ter vindo.

- Não se deixe desanimar.

- Eu sei que foi decisão deles, mas, na verdade, eu lhe confesso que estava caindo na realidade. Não sou idiota para não admitir que eu estiquei a corda em demasia.

- Gosto de vê-lo assim. Já está melhorando. Pode me acreditar.

- Não me tenha, assim apressadamente, na conta de bonzinho. Eu sei exatamente tudo o que fiz. Mereço o que recebi. Mas saio daqui com toda a sorte de informações importantes. Aliás, informações a que eu junto a experiência que você viveu.

- Fale baixo. Podem ouvir.

- Agora, meu caro Elvego, só muito tarde cheguei a descobrir.

- Descobriu o quê?

- Descobri que o poder ilimitado sobre as coisas é pequeno demais para o espírito humano.

- Sim, é fácil para mim sentir onde você quer exatamente chegar.

- Claro! Você é de uma percepção espantosa.

- Não é isso exatamente o que eu quero dizer.

- E o que é? Diga logo, que o trem vai partir.

- Você simplesmente me usurpou a conclusão, que é semelhante à sua e que eu a trago comigo desde alguns dias.

- Bom, Elvego, logo a gente se vê.

Apertou a mão de Elvego e acenou para os demais ali presentes, que tinham ido ver a sua saída de Botu,

depois de mais de quinze anos de permanência naquela cidade.

Capítulo XII

Tudo servia, tudo era valioso e importava consideravelmente para encher as páginas dos jornais.

Atraídos pelo fenômeno estranho do aparecimento de um OVNI, os jornalistas foram a fundo na sua exploração e se fartaram, com matéria de sobra, acerca de assuntos outros que se mostravam palpitantes e, quando verdadeiramente não tão palpitantes, assim encarados pela força das repetidas reportagens.

Foi uma verdadeira festa. Chegar numa cidadezinha do fim do mundo com a finalidade de explorar determinado fenômeno e dar de cara com um quadro espetacular, daqueles que rendem a atenção de qualquer leitor de jornal, de qualquer telespectador. Na realidade, os jornalistas não perderam nenhuma das boas oportunidades como que dadivosamente tornadas concretas para eles, como privilegiados, distantes de tudo e de todos, como que isolados naquele fim de mundo. Foi-lhes fácil a notoriedade, pois os assuntos que surgiam eram, na verdade, espetaculares, de causar espanto, admiração, de fazer os leitores e telespectadores em sintonia com os órgãos da imprensa, acompanhando, sequiosos, no dia a dia, tudo o que provinha daquele lugar tão distante como era a cidade de Botu. Dali, sem dúvida, estavam surgindo fatos de prender a atenção de qualquer pessoa por menos bem informada que fosse. Não era para menos, realmente. A cobertura daqueles fatos, chegados assim, bem aos poucos, como a conta gotas, na Capital, entusiasmou a muitos dos profissionais da imprensa. Aportaram em Botu, da noite para o dia, em número que dava quase para encher um vagão de trem. A permanência, ali, renunciava-se rápida, porque talvez não tão

interessante assim o fato que investigariam - um lugar comum acerca do tema “objetos voadores não identificados”; mas, pelo contrário, sentiram-se atraídos por outros acontecimentos tão singulares e tão mais importantes quanto aquele que os atraía até ali. Os fatos se atropelavam, eram de estarrecer, porque, na verdade, levavam a todos, jornalistas e leitores e telespectadores, a um estado de estupefação diante do que jamais fora previsível acontecer, pois se tratavam de experiências adquiridas num agrupamento humano e nunca vividas em parte nenhuma do mundo.

Mas o duvidoso caráter de um condutor espiritual, na cidade tão pequena e tão distante, valendo-se da credulidade do povo; a misteriosa morte dos compadres e a ressurreição de ambos; a incursão deles num comportamento que sugeria o retorno de Cristo, em sua segunda vinda, tudo isso propositadamente alimentado pelo padre aproveitador; a demonstração de um poder nunca visto, consentido sob o abrigo da autoridade espiritual e seu recuo, tão logo verificou o risco do comprometimento de sua autoridade, tudo isso e muitas outras manifestações espetaculares e estarrecedoras eram assuntos do passado, postos no esquecimento, porque despidas de qualquer sentido de proveito. Passaram, então, a ser encaradas como de somenos importância, pois se agigantava, para a imprensa, o assunto palpitante da febre de uma agitada onda de progresso que atingiu aquela cidade e que só isso é que interessava, agora, para ser explorado.

A população aumentava. A cidade crescia em empreendimentos os mais diversos. Instalavam-se bancos, educandários, faculdades. O capital fora atraído e tudo quanto tinha sido de atividade ali antes desenvolvida com base no empirismo de seus moradores cedia lugar às técnicas avançadas utilizadas pelas empresas que ali se instalavam. Coitados dos pescadores, então!

Assistiram, da noite para o dia, à velha colônia se curvar à organização introduzida pelas empresas que se instalaram na cidade com a finalidade de desenvolver a atividade pesqueira. Deveria pertencer ao passado o conhecimento tão bem acumulado ao longo dos anos pelos pescadores, a exemplo de Nicolas e de Atrias, só para citar esses dois que verdadeiramente sempre se sobressaíram na perseguição dos melhores cardumes.

- Os fatos mudaram, Elvego. Você queria que eu ainda estivesse dando ênfase àquelas estórias. Disco voador...morte e ressurreição de dois homens... desaparecimento de um... reaparecimento... demonstração de poder... via sacra destruída...

- É, Epistrau, você vive de vender notícias. E estas, atualmente, passam, inevitavelmente, pelo progresso, pela verdadeira explosão de crescimento da cidade. Como poder negar? Você tem razão. Venda esta notícia. Vai, agora, estar perdendo tempo, por exemplo, com dois pobres coitados na verdadeira acepção da palavra? Hoje, você não vai me negar, estão em estado de verdadeira lástima, se comparados com o nível de sua atividade normal e costumeira de antes. São homens esquecidos, abandonados. Têm a sua experiência que, entretanto, não se presta para o progresso que aqui se instalou.

- É verdade. E você concorda comigo que não posso ficar perdendo tempo com eles?

- É claro. Não se dê a esse desperdício. Não venderia uma folha de jornal.

Nicolas e Atrias, realmente, viviam agora a realidade de uma experiência descartada, imprestável. De nada serviam ou, se serviam, era para agirem segundo o comando de alguém que tinha o poder e que era poderoso - a empresa com suas técnicas, com seus engenheiros. Ainda bem que os compadres tinham, cada um, a sua casinha, onde podiam continuar a viver

modesta e simplesmente, sem nenhum mistério mais a cercá-los.

Capítulo XIII

Chegou o dia da partida de Elvego.

Fazia mais de dois anos que ele estava em Botu. Chegara com o fito de permanecer por poucos dias, não mais que dois meses de férias a que tinha direito. A cidade, todavia, o prendeu, ou melhor, os acontecimentos é que o devem ter prendido por ali. E, realmente, se podia dizer que ele tinha tudo para se sentir feliz, realizado.

Chegar na cidade, um lugar pequeno, sem desenvolvimento, sem perspectiva de nada, e agora a estava deixando próspera, muito bem desenvolvida. Shiresto, olhos cheios de lágrimas, afivelava as malas do albergado que batera o recorde de permanência no albergue Descanso Alegre. Achevou-se a Elvego e lhe deu um forte abraço; um abraço de despedida. Fora um freguês e tanto. Homem muito correto. Não lhe tinha dado muito trabalho.

- Que é isso, senhor Shiresto? Chorando?

Mais que de repente, Shiresto retirou do bolso o lenço e enxugou o rosto, antes que Epistrau, com sua intervenção, chamasse a atenção de mais outros jornalistas.

No albergue, agora modificado (verdadeira transformação, pois, embora mantido o nome, face à tradição, passara à condição de hotel de boa categoria) o movimento era intenso.

- Fique em paz e obrigado por tudo, senhor Shiresto.

Duas mulheres alvoroçadas chegaram ali, de repente. Eram Cândida e Anastácia. Ultimamente passaram a andar juntas mais do que antes.

- Esse homem ainda está por aqui? Já vai tarde, não é, Anastácia?

Cândida, com sua mania de falar, achava, tinha convicção de que Elvego era carta descartada e que a cidade de Botu não estava precisando dele. Todos estavam indo muito bem obrigado sem ele.

- Candidinha, pula belchinha!

- Miserável! Miserável!

O garoto, o de sempre, de nome Lhiono, filho do albergueiro Shiresto, havia sido repreendido pelo pai por aquele motivo. E agora repetia a mesma traquinagem. Coisa de criança. A irritação da velha senhora é que muito contribuía para aquela sua recalitrância, pois lhe significava a realização de um estado de contentamento e de prazer, no qual se sentia envolto ao deixar a velha exasperada. Shiresto, ainda de olhos vermelhos das lágrimas que desceram pela face, ponderou:

- Dona Cândida, tenha calma. Compreenda. É uma criança.

Mal tiveram concluído aquele curto diálogo, um apito forte lhes desviou a atenção. Era o trem na estação, ali perto, avisando que a partida estava iminente. Todos rumaram para lá. Inclusive Cândida, mais para ficar por dentro do fato que era aquela despedida do que para se despedir propriamente.

- Candidinha, pula belchinha!

Dessa vez não era a voz isolada do filho do albergueiro, mas um grupo de guris que gritava, aos berros, para que todos ouvissem e para o desespero ainda maior de Cândida que sentia a situação cada vez mais piorar e lhe fugir ao controle.

- Adeus! Adeus! Adeus!

Todos os presentes, menos Cândida, respondiam com acenos de despedida, enquanto Elvego se dirigia para tomar lugar no trem. A querida e loquaz senhora gostava muito do padre Messias e achava que Elvego influíra em sua saída da cidade.

Sentado já em sua poltrona da 1ª classe, Elvego ficou a imaginar e lhe vieram à lembrança as figuras simples de Nicolas e de Atrias. Culpou-se por não ter ido à casa de ambos, despedir-se. Teria dado tempo, sobretudo porque, agora, se dispunha de um veículo tão rápido e confortável como o elevador. Sem muita demora deslocar-se-ia entre um e outro plano da cidade. Era um pé lá e outro cá. Não correria o risco de perder o trem.

A partida aconteceu e, numa curva, já distante, muito para além da área pantanosa, Elvego pôde divisar a cidade de Botu. Pela última vez em sua vida. É que não gostava de rever os lugares que conhecia. E, então, viu-a grande e bastante diferente; uma diferença para melhor, evidentemente. Botu estava diferente daquela cidade do tempo em que ele ali chegara, há mais de dois anos. A grande torre de concreto a dominar o panorama urbano, destacando-se das demais construções. Uma coisa realmente espetacular, de chamar a atenção.

Elvego sorriu invadido de intensa alegria. Estava retornando à Capital, lugar onde nascera. Botu ia ficando para trás e, à vista da cruz que encimava a nova e mais alta torre da igreja de Santa Júlia, já encoberta por uma pequena serra, surgiu-lhe, à mente, a imagem do padre Messias. Julgou que, naquele diálogo que com ele mantivera, tivesse sido fraco, entregando-lhe uma realidade que ele, somente ele tinha, enfim, tido o gosto de prová-la e que, ao seu ver, explicava tudo quanto de novo acontecia naquela cidade. Elvego, embora não soubesse explicar, estava convicto de que ali se operara, realmente, uma demonstração de poder nunca antes visto. Confessar aquela sua grande experiência a um homem aproveitador como se tinha revelado o Messias... Mas, talvez, com a lição sofrida pelo padre, este devia ter sentido e notado que o poder por que sempre brigou, de forma oblíqua, teve seu apogeu naquela forma estranha e que não foi nada vantajoso. E

fora, realmente, um vazio, tal qual aquele que invadiu a mente de Elvego (avesso, como sabemos, a religiões), o que o padre sentiu e revelou. Na verdade, o poder ilimitado sobre as coisas sempre será pequeno demais para o espírito humano.

EPÍLOGO

A rua do Tambor fora transformada em passarela da folia de momo. Uma arquibancada bastante segura fora ali construída, ocupando ambos os lados daquela via tão conhecida dos botuenses. A grande armação de ferro tinha uma boa altura, com nada menos do que quinze degraus constituídos por tábuas que serviriam de assentos para os assistentes.

Pedro Honorato, o prefeito, investira alto. Apostava no sucesso que seria o carnaval de Botu, três anos após a tragédia que, em plena folia de momo, levara à morte, de forma misteriosa, cinquenta e cinco botuenses.

- Tem que dar certo! - dizia consigo o prefeito, apreensivo.

No sábado, já se estava por volta das dezoito horas e não havia movimento de foliões como esperado. Arquibancadas com pequeníssimo número de assistentes, blocos carnavalescos sem o brilho da participação intensa de seus integrantes. E, então, o receio de que tudo não desse certo passou a tomar conta dos organizadores da festa. Apesar da campanha feita, no sentido de que a tragédia acontecida em passado recente não tinha como se repetir, o povo não deixou de todo a desconfiança. Afinal, o trágico acontecimento, em que pese esquecido - pois a cidade mudara em tudo praticamente - arraigou nos habitantes de Botu a precaução quanto à sorte de cada um. Na verdade, muitas pessoas haviam perdido familiares, na grande maioria crianças.

O prefeito contratara empresa de propaganda. Três meses antes do carnaval, emissoras de rádio de Botu, além da única emissora de televisão, transmitiam a

campanha muito bem elaborada, que mostrava quão necessária era a realização da festa, para que a cidade, finalmente, se libertasse do receio de subsequentes tragédias. Aquela que havia acontecido foi, sem dúvida, algo misterioso, mas, também, poderia ser explicada pela notória falta de condições morais e administrativas de quem, na época, se encontrava à frente da edilidade.

Floripes, o então prefeito, só pensava nele. E, por cima de pau e pedra, fez por onde se organizasse aquele carnaval do infortúnio que levou Botu às lágrimas pela perda de cinquenta e cinco habitantes. Realmente, clima não havia para aquela festa. Havia a seca que a todos atingia de maneira impiedosa.

Pedro Honorato, entretanto, foi ganhando um sorriso nos lábios, quando pôde ver, após a hora da Ave-Maria, a rua do Tambor tomada por uma multidão que manifestava a mais intensa alegria. Era a dança, o canto, o barulho dos instrumentos musicais tomando conta de tudo e de todos. Anteviu o sucesso.

Botu, que saíra da condição de lugar esquecido do resto do mundo, agora mantinha o nome lembrado pelo seu desenvolvimento social e econômico. Só faltava mesmo exportar o lado festivo do seu povo e o carnaval, para esse fim, era o melhor e mais rentável canal. Era só o que prendia Botu à realidade de seu passado. Mudara em tudo. E aquela apatia relativa à festa de momo era preciso acabar.

Mal, entretanto, ganhou força a animação dos foliões, o tempo mudou completamente. Nuvens negras começaram a tomar conta dos céus botuenses. A chuva intensa, verdadeira tempestade, se abateu sobre a cidade. Foi um festival de raios e de trovões nunca visto pelos habitantes do lugar. O vento forte começou a soprar, arrancando árvores e destelhando casas.

O clima de festa, em questão de minutos, transmutara-se em apreensões, deixando em todos a sensação de que nova tragédia voltaria a desencadear-se.

Será que, dessa vez, morreriam mais botuenses? O mistério, mais uma vez, estaria acontecendo?

E todos, então, passaram a recapitular tudo quanto tinha acontecido ali. O carnaval da tristeza com a morte de cinquenta e cinco botuenses, a morte e a ressurreição dos compadres pescadores, a promessa de que a terra seria visitada, a visão estranha tida pelos compadres Nicolas e Atrias, o poder espantoso que o pescador Nicolas passou a demonstrar, a mudança radical da cidade, antes sem menor possibilidade de desenvolvimento e, agora, próspera, tudo isso, como a exibição de uma fita cinematográfica, foi objeto de avaliação por parte de quem se encheu, naturalmente, de temores, ante a possibilidade de nova tragédia, dessa vez claramente proporcionada pelas forças da natureza, com vento, chuva, trovões e relâmpagos.

A cidade, de repente, mudou. Em vez da agitação dos foliões decorrente da música, da bebida e da dança, o que se via era cada um correr para suas casas, para trancar-se. Apenas Ulyanna e Joyahana, mulheres de Nicolas e de Atrias, respectivamente, ficaram perdidas nas ruas, gritando feito loucas, à procura de seus maridos. É que, como por encanto, eles sumiram.

- Como é, seus maridos... de novo envolvidos em mistério?!

- Sim, prefeito. E queremos que faça alguma coisa.

- Chamem a imprensa. Dessa vez a coisa não vai ficar como antes. Não vai haver exploração de fatos. Ninguém vai tirar proveito algum. Haveremos nós mesmos de acharmos explicação para tudo o que acontece. Não precisaremos de estranhos intrometendo-se em nossas vidas. Basta que sejamos racionais.

Botu, agora, uma cidade arrasada. Ilhada. Não havia meios de comunicação. O fornecimento de energia elétrica tornou-se impossível. Os postes e a fiação sucumbiram à ação dos ventos e dos raios. O caos

instalou-se na cidade em questão de horas. Foi preciso ajuda externa, em termos de provisão de alimentos. Isso, porém, ficou prejudicado, porque muitas barreiras caíram sobre a linha férrea, de modo a impossibilitar a chegada de qualquer composição à estação ferroviária da cidade. O mais perto que podia chegar era a uma distância de cinquenta quilômetros do centro. Dali, o transporte poderia ser concluído por meio da via terrestre. As estradas, entretanto, ficaram intransitáveis. Muita água e muita lama tomaram conta dos caminhos desde então muito precários. A comida, portanto, teve que ser transportada no lombo de animais.

Voltava-se, destarte, ao processo de transporte de mercadorias utilizado no início da fundação da cidade.

Padre Albérico, em que pese seu pouco tempo à frente da paróquia, sabia das possíveis reações que o povo poderia tomar e, por isso, interveio com bastante energia. Era preciso que aqueles fatos desastrosos não fossem novamente tidos pela população como uma coisa do céu, um acontecimento que imprimia castigo de Deus. Estava bem a par de tudo quanto acontecera na época do mistério e da tragédia havidos anos atrás, quando o padre Messias se comportou de forma flagrantemente interesseira, pessoal. Também a realidade ali era outra, pois a cidade contava com faculdades, estações de rádio e de televisão. Com dificuldade, então, a imprensa foi agindo, de modo a fazer chegar à distante capital as notícias sobre a tragédia que se abatera sobre Botu.

E foi pela imprensa, muitos dias depois da tragédia, após recuperado o sistema energético da cidade, que Elvego veio a tomar conhecimento do trágico ocorrido. Lamentou profundamente. Mas, viu que nada podia fazer, nem mesmo deslocando-se novamente ao lugar. Também, como já se disse, não era seu costume retornar aos lugares que conhecia. Quanto ao padre Messias, também veio a ser informado, mas

ficou inteiramente indiferente, como se nada mais daquele lugar lhe despertasse o menor interesse.

Botu, em face das perdas enormes, ficou uma cidade pobre, embora bem maior do que há três anos. Quando tudo se tornou normal, voltando ela a ostentar condição inferior à da cidade de Divinópolis, os compadres, que haviam sumido misteriosamente, reapareceram, passando a levar uma vida de maneira natural, como se nada de mais tivesse acontecido.

- Que coisa estranha! Misteriosa mesmo!

- Pode-se dizer que vivemos terrificante mistério em Botu.

- E que é possível outros acontecerem.

- Não se pode, efetivamente, descartar essa possibilidade.

- Terá Borra-Patos, o nosso fundador, alguma coisa a ver com essas desditas?